

Navios que se cruzam na calada da noite

Soja sobre o oceano

Dabar-Wervel, 2005

SUMÁRIO

Navios que se cruzam na calada da noite - *introdução*
A guerra dos OGMs continua
Soja convencional: desastre ecológico
A expansão da exportação de soja esbarra em problemas de transporte
Biodiesel de soja
Direitos humanos e soja
Soja orgânica
Soja e um denominador comum
Embalagens derivadas de soja
Soja e a asfixia dos mares
Gramíneas-trevo como alternativa
A crise China-soja
Soja e o lobo bravo
Argentina supera a crise ‘graças’... à soja
Soja e Agricultura Familiar
Iraque, soja, *Pinus* e *Eucalyptus*
Soja e escravidão
Soja e ervas daninhas
Passou a euforia?
Soja e... alumínio
Soja transgênica
Soja e transporte
Soja e água
Soja e terra
Soja e favelas
França, peixe e o ponto cego
Embalagens descartáveis de soja?
Soja, leite e açúcar
Soja, aves, suínos e outras carnes
‘Samba da devastação’
Soja e mulheres
Soja e a morte dos povos indígenas
Soja e seca
Dia Internacional da Mulher e... soja
Soja e merenda escolar saudável
Soja e desmatamento
Soja e emagrecimento
Soja e colza
Soja e concreto
Soja e os banqueiros
Comer soja – vivenciar soja
Soja e ‘Cha-Cha’
Além da soja
Projeto de intercâmbio ‘OMC e fluxos de alimentos Brasil-Europa’

Navios Noturnos

A história foi fortemente determinada pela evolução das embarcações e da navegação. A Grécia Antiga se dispôs a sacrificar suas florestas e solos férteis pelo controle militar do Mar Mediterrâneo e regiões vizinhas.

No ano de 1492, Cristóvão Colombo partiu em sua expedição. Ele acreditou que havia aportado na Índia – mas na verdade, foi parar na América. É por isso que, por comodidade, até hoje chamamos a população nativa de ‘índios’. Do ponto de vista europeu, há mais de cinco séculos, fala-se de um ‘descobrimento’. De Colombo como o descobridor ou, segundo alguns historiadores afirmam: o ‘redescobridor’ de um ‘continente perdido’. Porém, a perspectiva dos habitantes originais nos corrige firmemente: trata-se de uma invasão e de um ataque-surpresa.

No ano de 1500, Pedro Álvares Cabral repetiu a dose: o redescobrimento da ‘Terra de Santa Cruz’. Por causa da madeira vermelha do pau-brasil, este imenso país foi chamado, posteriormente, de ‘Brasil’.

O triângulo da navegação no Oceano Atlântico

A globalização tinha se iniciado. Portugueses e espanhóis dominavam os mares e as terras além-mar. Holandeses, franceses e ingleses os seguiram. Embora os portugueses, enquanto piratas, estivessem mais interessados no domínio dos mares do que nas terras além deles, todos – franceses, ingleses, holandeses, portugueses, espanhóis: ou seja, europeus – voltaram seus objetivos para destinos longínquos, terras longínquas, águas revoltas, cana-de-açúcar, ouro, prata, escravos. Os navios eram seus meios para alcançar essas promessas. Todos obtinham grandes lucros com o comércio internacional de escravos.

Durante séculos a rota dos navios desenhou um triângulo entre Europa-África-América. Para limitar-me por um instante à Espanha e Portugal: com ouro e sal, fumo e armas, os colonizadores compravam dos mercadores de escravos (geralmente muçulmanos) os africanos para deportá-los para as duas Américas – assim surgiu a indústria europeia de armamentos intercontinental, intimamente vinculada ao comércio de escravos. Quantos milhões de pessoas isso envolveu? Nenhum historiador é capaz de nos dizer com certeza. Foram 5 milhões? Dez milhões? De modo geral, estima-se que 3 milhões de pessoas foram deportadas para a América do Norte (Virgínia e Flórida), 3 milhões para a região do Caribe e mais 3 milhões para o Brasil. Muitos morriam durante a viagem e eram simplesmente jogados no oceano. Junto com os escravos, os navios mercantes transportavam nos porões imagens de santos europeus. Estes causavam grande impressão nos africanos e nos povos indígenas, o que contribuía em grau considerável para o sucesso do empreendimento.

Quando os sobreviventes eram desembarcados no Rio de Janeiro, São Luís, Salvador da Bahia, os navios podiam rumar em direção à Europa. Agora iam carregados com açúcar bruto (‘rapadura’ para ser refinada no norte da Europa) e todo tipo de plantas medicinais (‘drogas do sertão’). Pau-brasil, ouro e prata também foram intensamente saqueados, mas isto ocorreu em outro ciclo econômico. Neste tema, Piet Heyn e a história da Holanda não são desconhecidos.

Século XIX: século de navegação

No século XIX, ocorreu o Grande Avanço nos oceanos. Nunca antes se viu tantos escravos capturados quanto há meros 200-160 anos. O navio a vapor iria aumentar o movimento nos oceanos, partindo da Europa para os quatro cantos da terra. Se analisarmos as estatísticas da população mundial, chegamos a uma conclusão muito estranha. Em 1820, a Europa tinha uma densidade populacional muito baixa. A maioria dos 123 milhões de europeus ainda morava em vilas praticando o que hoje se chama de agricultura de subsistência, ainda que nesta época

já estivéssemos em meio à industrialização e ao empobrecimento das cidades relacionado a este processo. Em 1900 a população havia mais que dobrado, chegando a 267 milhões. Dez anos depois já eram 294 milhões. Por causa da pobreza, fome e falta de perspectiva (praga da batata!), 55 (!) milhões de europeus mudaram-se, entre 1846 e 1924, para as Américas, Austrália, Nova Zelândia, sul da África e Sibéria. No espaço de um século, em 1930 a população mundial branca já havia crescido para 35%. Este processo de migração se reverteu quando a população do sul começou a crescer mais rápido enquanto a da Europa começou a diminuir. De repente, a migração não fazia mais parte do sistema. Ao contrário, a migração torna-se um privilégio concedido a conta-gotas a quem pode servir o sistema mundial. Por exemplo, especialistas em informática indianos podem mudar-se para a Europa ao passo que operários turcos ou africanos despertam, antes, sensação de ameaça ao nosso bem-estar.

Navios carregados de trigo e algodão

A história dos navios que se cruzam continuou principalmente na euforia do século XIX. Enquanto o triângulo África-América-Europa, existente há séculos, ainda persistia, milhões de europeus fugiam de seus próprios países, para atender o ‘canto da sereia’ do Novo Mundo. O tráfico de pessoas seduziu, por exemplo, os poloneses com promessas de uma vida próspera em São Francisco, nos Estados Unidos. Iludidos, eles foram desembarcados nos arredores de São Francisco, em Santa Catarina, no sul do Brasil. Muitos destes primeiros ‘colonos’ não sobreviveram à aventura.

Enquanto desde a década de 70 do século XX a migração de pessoas em direção à Europa está sendo bloqueada, a migração de mercadorias continua a toda velocidade. Em 1850 vimos que, graças à tecnologia do navio a vapor, milhões de toneladas de trigo e algodão dos EUA chegaram à Europa. À primeira vista era uma solução bem-vinda para o problema da fome, provocada pela doença da batata. Porém, devido às importações baratas, a agricultura em nossa região entrou em crise. Agricultores foram à falência, as indústrias de linho e têxteis entraram em declínio devido à importação de algodão barato. Cidades prósperas como Ath, na região da Valônia [Bélgica], tornaram-se miseráveis.

Desde meados do século XIX, a Família Cargill controla o comércio internacional de cereais. Junto com outras quatro multinacionais, esta ‘empresa familiar’ divide, ainda no século XXI, o comércio mundial de trigo e outros produtos a granel correlatos (1).

Navios, técnicas de refrigeração e petróleo

O século XX torna-se ‘o’ século do transatlântico. O século dos gigantes dos mares: navios graneleiros, navios de contêineres, navios refrigerados, petroleiros, navios-tanque de gás. Principalmente os acidentes com petroleiros chegam, com regularidade, às manchetes dos jornais. Trata-se sempre de desastres com conseqüências ambientais calamitosas. Petróleo e seus derivados representam, nos últimos cem anos, a circulação sangüínea do sistema comercial. Sem energia não há transporte a granel, não há contêineres nem refrigeração. Não há frango congelado do Brasil no prato dos europeus.

É principalmente a combinação do gigante dos mares com as técnicas de refrigeração modernas e os grandes portos marítimos que desregulam e destroem a agricultura regional em todo o mundo. Os caminhões e mesmo o trem em terra firme não conseguem competir com o transatlântico. Está ficando mais barato embarcar produtos da Argentina para Roterdã do que produzi-los aqui mesmo, na Holanda e na Bélgica, ou comprá-los da Alemanha.

Navios que se cruzam

Uma questão intrigante é o que estes gigantes dos mares carregam de volta, depois de deixarem sua carga de soja em Roterdã ou Antuérpia? Desde da Revolução Verde do século XX, Cargill & Cia passaram a controlar não só o comércio de cereais da América e da

Europa; eles também embarcam o grosso dos substitutos de cereais: soja, tapioca, torta de amendoim, farinha de peixe, torta de algodão e muitos outros.

Pelo que eu sei, nunca foi estudado a fundo como isso ocorre concretamente. Desde 1962, cresce a tonelagem importada de substitutos de cereais – liderados pela soja – em nossos portos. O que eles transportam na volta? Agrotóxicos e adubos – portanto, petróleo – para tornar possível o próximo ciclo de mineração, digo, ciclo agrícola? Ou são cereais franceses ou americanos que alimenta grande parte da África e América do Sul? Só nos resta a escuridão. Noite.

Sabe-se que Cargill não só possui navios que se cruzam mas também mantém permanentemente ‘navios flutuantes’ com cereais nos mares. No âmbito da especulação – e em casos de escassez de alimentos catastróficas, de pedidos interessantes e inesperados – eles podem ser imediatamente acionados em todo o mundo. Como os porta-aviões da marinha norte-americana no Golfo.

Navios na calada da noite, aviões durante o dia

Desde 2003 moro e trabalho em tempo parcial no Brasil e na Europa, sempre em blocos de três meses. Não, eu não viajo em um transatlântico, mas graças ao querosene de um avião comercial. Este transporte é diametralmente oposto aos meios de locomoção que uso durante o ano: na Europa uso o trem e uma bicicleta dobrável de marca Brompton; no Brasil viajo de ônibus. É claro que isto incomoda o ecologista que eu tento ser, mas consolo-me com o pensamento: “Cargill, Monsanto, Renault, Coca-Cola se organizam internacionalmente, nós podemos/devemos fazer o mesmo com nossos movimentos sociais”. E urgentemente. A utilização da internet é bastante importante, mas a criação de redes e de solidariedade internacionais exige que as pessoas também interajam pessoalmente, se vendo, se tocando, cheirando e conversando. Mesmo que estas idas e vindas de avião estejam longe de ser ‘kosjer’ [puras].

Wervel¹-Fetra e as crônicas sobre soja

Wervel permite que eu trabalhe no Brasil para Fetraf (www.fetrafsul.org.br) e Wervel (www.wervel.be). Fetraf permite que eu trabalhe na Europa para Wervel e Fetraf. Sou muito grato a ambas as organizações por isso.

Nesta dinâmica, teve início em fevereiro de 2004 um projeto de intercâmbio junto ao governo de Flandres, Administração de Agricultura e Horticultura: ‘OMC e fluxos de proteínas. Agricultores flamengos e brasileiros querem participar das decisões’. Em janeiro de 2004, enviei um texto para o escritório de Wervel: algumas notícias sobre soja para os colegas Frederik Claerbout e Patrick De Ceuster, reproduzidos a seguir:

Roundup da Monsanto e a ferrugem asiática

Leio aqui na ‘Gazeta do Povo’ (de 10/01/04) sobre a ‘ferrugem asiática’ – um tipo de fungo vindo da Ásia que ataca a soja, detectado pela primeira vez em 2000/2001 e provavelmente introduzido a partir do Paraguai. A doença é disseminada pelo vento e o fenômeno pode provocar uma redução de até 80% na produção. Tente imaginar o que isto representa aqui, com suas lavouras gigantescas de monocultura. É como se a natureza iniciasse sua vingança contra a euforia em torno da soja. É ligeiramente comparável com a gigantesca crise do milho nos EUA na década de 70. Naquela ocasião, a ‘salvação da lavoura’ foi uma raça selvagem originária do México...

O interessante é que foi a concorrente Syngenta que divulgou a notícia e lançou o produto que controla o fungo (quase daria para supor que foram eles que espalharam o fungo....

¹ Wervel - ‘*Werkgroep voor een rechtvaardige en verantwoorde landbouw*’ [Grupo de trabalho para uma agricultura justa e sustentável]

Trava-se aqui uma verdadeira guerra da soja, sabe). Além disso, há uma frase no rótulo informando que a soja transgênica da Monsanto também é suscetível a este fungo.

Portanto, ainda teremos notícias sobre o assunto!

Simultaneamente, outra notícia: A China informou que quer importar somente soja convencional (não-transgênica) do porto de Paranaguá. Uma disputa que tem se estendido por meses. O Governador Roberto Requião quer que o Paraná seja declarado 'área livre de transgênicos', enquanto, em Brasília, o Ministro de Agricultura, Roberto Rodriguez, tem sistematicamente negado este pedido. A questão será julgada no Supremo Tribunal Federal.

Luc, 10 de janeiro de 2004

O colega Patrick achou uma excelente idéia o envio regular de notícias do outro lado do oceano. Assim nascerem as 'crônicas sobre soja' [*sojaflitsen*] para o website de Wervel. Naquele momento não estávamos pensando na publicação de um livro sobre soja. O projeto terminou no dia 30 de junho de 2005; em 1º de julho de 2005 teve início uma nova relação de cooperação com diversas organizações: 'Além da soja'. A nossa própria conscientização e a sensibilização de brasileiros e europeus pode ter continuidade e ser aprofundada. Razões, portanto, para publicar nosso livro sobre soja. Simultaneamente, em neerlandês e em português.

Datado?

Prezado leitor, você provavelmente observou que optamos por manter as crônicas na seqüência cronológica em que foram escritas. Elas não foram agrupadas por temas ou selecionadas. Por quê? Será que este livro não ficará irremediavelmente desatualizado, datado, no momento em que for publicado? Alguns detalhes ou situações descritos nas crônicas realmente já mudaram desde que foram escritas. Afinal, na calada da noite, os movimentos invisíveis no mercado mundial são um tanto espasmódicos. São exatamente as datas que nos permitem perceber o que ocorreu no período histórico de janeiro de 2004-junho de 2005. Histórico? Que pretensão! Nem tanto. Desde 1999 ocorre no Brasil uma expansão inigualável da soja, que é repetida com toda sua intensidade na Argentina desde 2002. Isso para não falar do drama sócio-ecológico no Paraguai. Há uma série de razões para esta evolução. Procuramos desvendá-las gradativamente nas crônicas. Histórico? As crônicas iniciam-se no clima e euforia da expansão e dos preços superelevados no mercado mundial. Gradativamente o panorama muda: os chineses determinam cada vez mais as condições e negociações dos mercados mundiais de soja, aço e têxteis. Pode-se acompanhar esta euforia e este terror, esta obsessão e esta febre na seqüência de crônicas. É um quebra-cabeça, onde se tenta revelar as muitas dimensões desta planta sagrada chamada soja. Não conseguimos revelar tudo pois são 'somente' 45 textos. Soja é inesgotável. Poderiam ser escritos e acrescentados, tranquilamente, mais 45 textos. Mas aí teríamos uma lista telefônica com milhares de dados e esta não é, exatamente, nossa intenção. Julgue por você mesmo e adentre, com Wervel e Fetraf, a calada da noite e os dias de soja.

Grelhados ou churrasco

Eu escrevo esta introdução no momento em que Flandres é afligida, já há três meses, por milhares de grelhas. Uma variante do consumo excessivo de carne no sul do Brasil, chamado de churrasco. Mesmo assim, Wervel optou por fazer o lançamento deste livro durante um festival de grelhados, por ocasião do evento anual 'Portas Abertas' de Dobbelhoefe, em Schilde. Nem é preciso explicar que este festival de grelhados não terá carne. Na esperança de, pelo exemplo, oferecer uma alternativa a esta moda que mantém os Países Baixos permanentemente imersos no cheiro de carne queimada.

É possível ser diferente, como em muitas áreas da vida (comunitária).

Luc Vankrunkelsven, Bruxelas, 2 de julho de 2005, Dia Internacional das Cooperativas

- (1) Na Holanda surgiu uma análise muito cativante do rei dos polvos: Cargill, a desconhecida, obscura empresa ‘familiar’ que, no mundo todo, tem uma mão invisível em um número crescente de transações.

Jan Paul Smit, em colaboração com Herman Verbeek, *Duistere machten. Cargill en andere agro-concerns bedreigen de boeren, de wereld, ons eten*. [Forças obscuras. Cargill e outros conglomerados agrícolas ameaçam os agricultores, o mundo, nossos alimentos] Agri & Cultuur, Amsterdam 2000. Pode-se fazer o ‘download’ do livro no site www.ddh.nl/duurzaam/landbouw

A guerra dos OGMs continua (1)

Enquanto os parlamentares são convocados durante o recesso para comparecer em Brasília para discutir e votar, entre outros, a ‘lei de Biossegurança’, o governador do Paraná continua sua luta para manter o estado livre de transgênicos. O ministro da agricultura boicota suas iniciativas o máximo que pode. Em dezembro de 2003, o Supremo Tribunal Federal julgou inconstitucional a lei estadual que proíbe o cultivo de transgênicos no Paraná. Na semana passada, o governador Roberto Requião esteve em Brasília. É que ele quer, por um lado, reestatizar as rodovias estaduais tirando-as do controle das concessionárias privadas e, por outro lado, construir a ferrovia da soja entre Guarapuava e Cascavel. Mas é claro que também se falou sobre soja transgênica. O presidente Lula lhe garantiu que apóia a reivindicação de manter o Paraná como uma área livre de transgênicos.

Jornal de 20/1/04:

O governo do Paraná encontrou uma saída! Graças a uma brecha na lei que transformou a safra de soja transgênica do Brasil, de 2004, de ilegal em legal, o Paraná pode, agora, combater os transgênicos. É que o Glifosato da Roundup, ‘O’ herbicida que deve ser utilizado junto com a soja transgênica continua proibido no Brasil. Portanto, também no Rio Grande do Sul, onde 90% da soja é transgênica.

Agora, o Paraná vai intensificar a fiscalização. Se encontrarem resíduos do Roundup da Monsanto, o agricultor terá que pagar uma multa de R\$ 19 mil (2). Outras medidas – como destruição das lavouras ou da colheita até pena de prisão de dois a quatro meses – são cogitadas.

Segundo outra matéria do mesmo jornal, o presidente Lula considera a lei de Biossegurança da ex-senadora e atual ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, da mais alta prioridade. O Brasil tem uma das maiores biodiversidades do mundo e quer protegê-la da biopirataria. O fenômeno da ‘manipulação genética’ também será regulamentado nesta lei.

Quem será o vencedor: a estratégia do fato consumado ou a política? Será que os políticos ainda conseguirão dirigir a sociedade a serviço do bem comum?

21 de janeiro de 2004

(1) OGM: Organismos Geneticamente Manipulados.

(2) Janeiro 2004: 1 euro= cerca de R\$ 3,40; novembro 2005: 1 euro = cerca de R\$ 2,60.

Soja convencional: desastre ecológico

Em 2003 publiquei um artigo na *'Tijdschrift voor Geestelijk Leven'* [Revista para uma Vida Espiritual]: 'Ode à soja'. Isto em decorrência da existência, na rodoviária de Cascavel – PR, de uma estátua – não de um diligente operário ou algo semelhante – mas de uma vagem de soja. Como um símbolo fálico. Cascavel surgiu há menos de 30 anos, 'graças' à Revolução Verde que, no Brasil, se traduziu principalmente em soja, soja e mais soja. Hoje, no jornal 'Gazeta do Povo', 22/01/04: "Agrotóxicos têm 200 denúncias". 'A aplicação indiscriminada de agrotóxicos no Paraná está colocando em risco a vida dos animais e até dos moradores da cidade. (...) Em Cascavel, o IAP (Instituto Ambiental do Paraná) registrou mais de 200 denúncias envolvendo agrotóxicos no ano passado. O avanço da agricultura chegou às portas dos moradores dos centros urbanos e trouxe com ele problemas que eram restritos à zona rural. Hoje, os moradores vizinhos às lavouras, sobretudo de soja, convivem com o cheiro forte de veneno e os efeitos nocivos que ele produz na saúde humana. (...) Conforme a lei, as lavouras devem respeitar o limite de 500 metros de habitações ou das bacias hidrográficas. Mas isso não acontece, segundo o IAP. A falta de fiscais é apontada como o principal fator para a manutenção desse quadro. (...) Os valores das multas, para quem descumprir a lei, variam de R\$ 500 a R\$ 10 milhões. A aplicação indevida de agrotóxicos traz conseqüências danosas ao meio ambiente, como a morte de peixes e a contaminação da flora e do solo. A dona de casa Lídia Mendonça, de Cascavel, é vizinha a uma plantação de soja. No ano passado, ela ficou internada dois dias por causa da intoxicação sofrida pelo veneno aplicado na lavoura. Além da alergia do veneno, Lídia é obrigada a sair da sua própria casa sempre que os agricultores aplicam os herbicidas. A dona de casa Selma Gonçalves da Rosa disse que o maior incômodo é conviver com o mau cheiro do veneno agrícola."

Cânhamo como alternativa?

Será que a proposta de Wervel seria tão insensata assim, a de voltarmos a usar cânhamo, sim, a *Cannabis*? (A espécie tem o maior teor de proteínas depois da soja; as fibras são três vezes mais resistentes que as do algodão e, portanto, as calças jeans seriam mais duráveis; para a produção de papel, um hectare de cânhamo equivale a quatro hectares de *Pinus*; e ... cânhamo não requer o uso de agrotóxicos!). O linho também continua interessante. Durante séculos, esta planta fibrosa – que também fornece óleo e proteínas – formou a base das indústrias têxteis de Flandres e Valônia. Na metade do século XIX, cidades prósperas entraram em declínio por causa do algodão barato que chegava das colônias nos navios a vapor. Neste início do século XXI, o que restou do linho flamengo vai para... a China. Na seqüência, esta mesma China faz *dumping* de seus tecidos na Europa.

O algodão – que expulsou o linho na nossa região – ocupa, atualmente, 3% das terras agrícolas do mundo e é responsável por 26% do consumo global de agrotóxicos. No momento, a soja expulsa todas as outras culturas agrícolas no Brasil. Sim, até o 'boi', o gado que há cinco séculos reina absoluto, está sendo derrotado pelo ouro verde. Mas pode ser que logo chegue a vez da própria soja, assim que os latifundiários perceberem que – embora ganhem R\$ 300/ha com soja – o algodão esteja rendendo R\$ 700/ha (graças à frustração de safra na Ásia).

Até a década de 60, o cânhamo era cultivado em Flandres, mas também nos EUA e no Brasil. Devido à máquina lobista da indústria de tecidos sintéticos, esta espécie milenar (mais de 5 mil anos, uma das primeiras culturas agrícolas) foi demonizada... devido ao problema das drogas.

Por que soja sim e cânhamo não?

Um verdadeiro exemplo do poder do *lobby* econômico que determina em alto grau as escolhas ao longo da história.

22 de janeiro de 2004.

A expansão da exportação de soja esbarra em problemas de transporte

O jornal 'Folha de S. Paulo' (comparável com 'De Standaard', de Flandres), de 1º de fevereiro de 2004, anuncia grandes problemas para a próxima safra recorde de soja. Mais uma safra recorde, que terá início em março.

Seguem alguns números reveladores (1) e devo informar os leitores que aqui no Brasil fala-se de safra de 'grãos', principalmente soja, milho e arroz – ao invés de cereais, como é mais comum na Europa. A designação é diferente porque a soja é, na verdade, uma leguminosa. Trata-se da safra de verão. Frequentemente, se obtém uma segunda safra (mais como lavoura 'secundária') cultivando estas áreas, no inverno, com trigo, centeio, cevada ou aveia. As lavouras de aveia são geralmente utilizadas como pasto de inverno para o gado... pelo menos no sul do Brasil. O trigo poderia ser chamado de um 'derivado' da soja, apesar de ter sido incluído na cesta básica (pão). Durante décadas o Brasil teve que importar este cereal, principalmente dos Estados Unidos. Na última safra, 2003, houve – pela primeira vez – um excedente de produção de trigo no Paraná, que precisava ser exportado urgentemente. Caso contrário, os preços cairiam demais. E assim se constata a influência indireta da expansão da soja (pastagens são convertidas em lavouras, campos naturais e cerrados são cultivados, pomares são destruídos) sobre as importação e exportação de trigo.

Os números

- Entre 1995 e 2000, a produção de grãos variava entre 81 milhões e 83 milhões de toneladas. Em 2001 disparou para 100 milhões de toneladas e em 2003 para 122,38 milhões de toneladas. Para 2004, a previsão é de 129,7 milhões de toneladas (ou seja, 5,5% a mais), dos quais 58,764 milhões de toneladas de soja, 45,445 milhões de toneladas de milho, 11,776 milhões de toneladas de arroz.
- Os grandes trunfos do Centro-Oeste do Brasil são o baixo preço das terras e a mão-de-obra barata. No sul do Brasil (Rio Grande do Sul), onde no final da década de 60 teve início a história recente da soja, o preço de 'terra para soja' triplicou. Como há pouca utilização de mão-de-obra na monocultura da soja, o baixo preço da terra é a principal vantagem competitiva do Brasil em relação aos EUA.
- O calcanhar de Aquiles da soja brasileira é o transporte. O Brasil é um país de 'caminhões e ônibus', rodando em estradas esburacadas. Desde a década de 60, a rede ferroviária foi praticamente abandonada. Na década de 70, foi investido 1,8% do PIB em rodovias; em 2003, somente 0,1%. Dos grãos, 67% são transportados de caminhão, 28% de trem, 5% por via fluvial, enquanto o custo médio de mil quilômetros de transporte de uma tonelada de soja de caminhão é de US\$ 40, de trem US\$ 25 e por via fluvial US\$ 13. Enquanto nos EUA o custo de transporte de uma tonelada de soja para o porto é, em média, de US\$ 15,50, na Argentina é de US\$ 16 e, no Brasil, US\$ 23,50.
- Por causa da escassez temporária de caminhões, o preço do frete ainda aumenta muito na época da safra. Em todo o Brasil só há espaço para armazenar 93,815 milhões de toneladas (enquanto a previsão de safra, no momento, é de 129,7 milhões de toneladas). Espera-se, portanto, que – se não este ano, com certeza nos próximos – os preços despenquem devido à oferta do excedente, que ficará 'encalhado'.
- Há previsão de filas de caminhões com até 70 quilômetros, como em 2003. E um tempo de espera de três dias para descarregar no porto... Espera-se, portanto, um grande movimento nas rodovias por aqui, com ou sem biodiesel. Biodiesel de soja?

Mas os suínos e os frangos da Europa nem tomarão conhecimento. A margarina Becel de seu café-da-manhã está garantida.

1º de fevereiro de 2004.

- (1) No dossiê de Wervel '*Soja voor mens en dier*' ['Soja para homens e animais'] (2003), você encontrará muito mais informações sobre transporte, balanço energético, entre outros. Junto com muitos outros aspectos da história da soja, que recebe um tratamento aprofundado, este dossiê é de leitura obrigatória para quem quiser refletir sobre o fenômeno da soja.

Biodiesel de soja

BRASIL – o governo Lula tem como meta ser auto-suficiente em energia até 2006. Mesmo que recentemente tenham sido descobertos novos campos de petróleo ao longo da costa do Espírito Santo, o país ainda precisa importar muito petróleo e gás natural. É, portanto, um projeto positivo se for conduzido num contexto de economia de energia, investimentos na rede ferroviária abandonada, fontes alternativas de energia, etc. O Brasil é um país imenso e com enormes possibilidades. Aqui há abundância de tudo: terras, água, sol, vento, culturas agrícolas, biomassa. Esta abundância provoca no brasileiro – pelo menos no ‘consumidor’, aquele que pode gastar – uma mentalidade de desperdício: desperdício de terra, espaço, água, ar, eletricidade, frutas, ... (1). Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), é o país com as maiores diferenças entre pobres e ricos.

Hidrelétricas, poder e dívida externa

O projeto desperta uma criatividade nunca antes vista. Desde a década de 50 do século XX existe uma opção – principalmente política – pela construção de centrais hidrelétricas, tendo em vista a abundância de terra e água. Esta energia é comercializada como energia ‘limpa’ mas, mesmo assim, trouxe (e traz) consigo muitos problemas sociais e ecológicos. Milhares de pequenos agricultores foram expulsos de suas terras e muitos povos indígenas também foram deportados das terras de seus ancestrais. Por exemplo, durante a ditadura militar foi construída a usina de Itaipu, a maior barragem hidrelétrica do mundo. Era um megaprojeto que também se enquadrava na estratégia militar do Brasil: se Itaipu fosse esvaziada de uma só vez, era possível inundar a capital Argentina, Buenos Aires, milhares de quilômetros rio abaixo. Os Guarani foram forçados a morar nos acostamentos das rodovias. Junto com a expansão da monocultura da soja (que aumenta a secular concentração de terras nas mãos de uma pequena elite), a inundação das terras de milhares de pequenos agricultores foi uma das razões do surgimento do Movimento dos Agricultores Sem Terra – MST (Casavel, 21 a 24 de janeiro de 1984; portanto, há pouco mais de 20 anos).

A ditadura também investiu nas usinas de energia nuclear, mas estas não fizeram tanto sucesso. Itaipu, as centrais nucleares, a construção da capital Brasília e outros megaprojetos estão na origem da lendária dívida externa do Brasil. Atualmente, esta dívida está sendo paga em grande parte com a agricultura para exportação. Lê-se nesta época de ‘febre da soja’ e euforia em torno da soja: a espiral de juros – coração do capitalismo – faz com que as florestas sejam derrubadas em ritmo acelerado; que a soja está expulsando até outras culturas e a poderosa pecuária (2); que as savanas – cerrado e campos – com sua importante biodiversidade poderão ser, rapidamente, totalmente ocupadas por soja; que agrotóxicos estão sendo aplicados até a porta da casa dos cidadãos; que os agricultores familiares estão desestimulados, vendendo suas terras e juntando-se à massa empobrecida e sem esperanças dos grandes centros urbanos. Pode-se continuar aumentando a lista, crônica após crônica, dia após dia.

Os megaprojetos das hidrelétricas e centrais nucleares também trazem consigo grandes conflitos de poder. Pergunte à poderosa empresa franco-belga Tractebel, que possui aqui, no Brasil, diversas barragens/centrais elétricas. E pergunte principalmente aos agricultores que vivem ao lado dos lagos das hidrelétricas e que, ao mesmo tempo, nem sequer têm acesso à rede de energia elétrica...

Muitas tecnologias alternativas de energia ‘podem’ reduzir esta concentração de poder.

O que é esta explosão de idéias e projetos criativos?

Histórico: desde a década de 70, o Brasil é líder no Programa de Álcool Combustível. Centenas de milhares de carros circulam no Brasil com 100% de álcool, destilado da cana-de-açúcar. Toda gasolina contém de 20% a 25% de álcool. Atualmente, o *know-how* é vendido para a Índia, onde também querem implantar este programa. Há muitos questionamentos ecológicos e sociais a serem feitos em relação a esta assim chamada 'energia limpa', mas não vou tratar disso agora. Afinal, esta é uma crônica sobre soja (3).

- Desde 2000 está sendo realizada, na metrópole São Paulo – a cidade com a maior concentração de ônibus do mundo – uma pesquisa interessante: ônibus que circulam movidos a hidrogênio. Eu acho que é a alternativa que tem mais futuro, e é realmente 'limpa'. Eles esperam expandir o projeto para outros centros metropolitanos.
- Brasil tem 8 mil quilômetros de costa. Ideal para energia eólica, principalmente no Maranhão (nordeste do país), onde ventos fortes sopram o ano todo.
- O sol brilha em todo o Brasil. Células fotovoltaicas e outras tecnologias de captação da energia solar têm, portanto, um grande futuro. Desde o 'apagão' de 2001, a popularidade desta forma de energia (bem como as lâmpadas frias e fontes alternativas) claramente aumentou. O novo governo continua nesta mesma dinâmica.
- Circulam, atualmente, muitos projetos envolvendo biogás: esterco de suínos (o estado de Santa Catarina tem grandes concentrações de suínos no sistema de criação integrada e compete com o criador de suínos europeu), bagaço de cana-de-açúcar, resíduos de consumidores nas cidades.
- Onde há muitas indústrias madeireiras, como no Paraná, a energia elétrica é gerada pela queima de serragem (centrais 'termoelétricas').
- Por fim, há a via do 'biodiesel de óleos vegetais'. Dependendo da região e das espécies adaptadas a ela, este pode ser de: sementes de algodão, mamona, dendê, sementes de girassol e... soja. Agora que a soja é onipresente, esta via é considerada com seriedade. O governo federal tem planos (mas, por enquanto, ainda não tem dinheiro) para os projetos de biodiesel de soja, tanto da soja das monoculturas (fazendeiros) quanto da agricultura familiar (com maior agrobiodiversidade na propriedade).

Recentemente, foi realizado – na Fetraf-sul/CUT, em Chapecó – um dia de estudos sobre os planos do governo envolvendo 'projetos para biodiesel de soja na agricultura familiar (AF)'. Na qualidade de consultor da Fetraf para questões envolvendo OMC e soja, escrevi uma série de observações para o secretário geral, Altemir Tortelli. Seguem as observações. Como Fetraf realiza de 1º a 3 de março de 2004 um importante congresso, faço várias referências ao documento básico preparatório para esta reunião.

"Tortelli,

De modo geral, não gosto da idéia que agora está tomando vulto em ambos os lados do oceano – na Europa e no Brasil. Apresento-lhe a seguir minhas considerações:

1. Biodiesel é um componente da 'modernização capitalista da agricultura', conforme bem exposto na publicação da Fetraf: 'Mutirão da Agricultura Familiar', 2003, p. 5-7.

2. A monocultura da soja é uma herança da Revolução Verde (?) que teve como conseqüência os desmatamentos nefastos nas décadas de 60, 70, 80 e 90... e tem, ainda, conseqüências sociais: p. 7. Mesmo dentro da AF, o cultivo da soja é um problema, ainda que em menor grau (menos ou nenhum adubo químico, sem aplicação de calcário, em sistema de rotação de culturas, etc.). Se você só planta soja, a biodiversidade é zero. Nos sistemas agro-florestais, por exemplo, esta história é totalmente diferente. Plantar soja numa floresta é completamente impossível, exceto soja perene num sistema agroflorestal! Portanto, o desmatamento é

inevitável. Gado, junto com árvores de erva-mate e outros produtos (para o mercado brasileiro) são possíveis – sim – neste sistema.

3. Num mundo com 855 milhões de famintos (a cada ano este número aumenta 5 milhões, apesar dos ‘benefícios’ da agricultura industrial com suas sementes híbridas ou transgênicas), é extraordinário observar que a AF, ‘a mão que alimenta esta nação’ (= slogan da Fetraf), agora iria alimentar os motores a diesel dos caminhões da Mercedes. Neste mundo capitalista há uma ‘guerra entre o estômago e o automóvel’. Está claro quem irá vencer!

4. Neste mundo tão faminto (só no Brasil, são 44 milhões dos 180 milhões de brasileiros), é uma vergonha que 65% da produção mundial de soja e 90% do farelo de soja sejam destinados à ração para animais. E agora a safra agrícola seria destinada, também, aos caminhões. O carro particular e o consumo (excessivo) de carne são os símbolos máximos do capitalismo e da riqueza para uma parte da sociedade. É uma questão de ‘pegada ecológica’ e de ‘pegada social’. É bastante assustadora a perspectiva de que o agricultor familiar – que usa a tração animal do boi ou do cavalo – produzirá soja para os consumidores de carne da Europa, Japão e China ... e agora também para os caminhões que transportam o grosso da produção da ‘agricultura de exportação’ dos latifundiários para o porto do Paranaguá. Para um jogo cínico como esse, precisaríamos de um planeta com o triplo do tamanho da Terra. Nós nos aborrecemos com o fato de que a maior parte das proteínas é destinada à ração animal e que dificilmente poderemos utilizar todo óleo extraído em nossa margarina ou nos óleos comestíveis. Biodiesel é a ‘saída ecológica’ para utilizar este óleo. Para aplacar nossa consciência e ganhar duas vezes mais dinheiro.

5. Biodiesel é um componente lógico de um sistema que foi imposto ao Brasil desde as décadas de 50 e 60: o desmonte da rede ferroviária e a construção de estradas para os caminhões e ônibus da Mercedes e Volkswagen (= fonte de riquezas para a Alemanha após a 2ª Guerra Mundial) e, atualmente, também para outras, como Volvo, Scania, etc. Estou feliz porque, em 2004, o governo Lula novamente investirá mais recursos em ferrovias do que em rodovias. O transporte ferroviário é 50% mais barato do que o rodoviário. Portanto, será necessário menos (bio)diesel para levar a soja a Paranaguá. E ainda nem mencionei os custos e os problemas ecológicos.

Plantar soja para biodiesel – sem uma análise criteriosa – é aceitar e promover a continuidade do avanço da fronteira agrícola. Em 2002, constatou-se que o desmatamento da floresta amazônica aumentou em 25 mil km². ‘Normalmente’ este aumento é de ‘somente’ 18 mil km² por ano. O cerrado (25% da área do Brasil) e, nos últimos anos, também os campos, no Paraná e Santa Catarina, foram ocupados pela soja. Nestes locais, a biodiversidade está desaparecendo muito rapidamente. Ainda assim, na região de Guarapuava, as plantas medicinais – por exemplo – representam uma importante fonte de renda para a AF.

6. A ‘burguesia industrial’ afirma agora que o biodiesel é o combustível do futuro! “Nós temos, nas grandes cidades, problemas com poluição do ar e agora vocês, queridos agricultores, finalmente terão uma importante missão social. Vocês colaborarão na melhoria das cidades.”

Não, o futuro é: ônibus movidos a hidrogênio ou elétricos. São Paulo tem ônibus do transporte público movidos a hidrogênio. E, no início do século XX, eram os carros elétricos em Nova Iorque. Portanto, é possível fazer as coisas de modo diferente, desde que não haja boicote do lobby do petróleo!

7. Ouço a mesma conversa na Europa. Agora vamos cultivar espécies para fins não-alimentícios: biodiesel, plástico, materiais de construção, etc. Mas os problemas ecológicos somente são transferidos da cidade para o campo. Na Europa, os agricultores estão usando mais agrotóxicos para suas beterrabas, colza, ... para produção de biodiesel ou plástico, pois não se destinam mesmo à alimentação. É para fins não-alimentícios! O carrossel industrial de Monsanto e de seus colegas pode continuar a girar. Até deixar todos tontos.

8. É um problema de PREÇO e de GARANTIA DE PREÇO que seja justo e sustentável para o(a) agricultor(a); incluindo seu trabalho, seus investimentos, a preservação da natureza e do meio ambiente. Na Europa, o braço econômico dos sindicatos rurais fortemente organizados necessita de ‘matérias-primas’ baratas para suas indústrias. Ao invés de lutar por um preço justo, eles gritam em coro: “Que legal! Nossos agricultores estão produzindo para biodiesel e plástico. Eles estão felizes! E é ‘verde’, portanto os consumidores também ficarão felizes!” É uma questão social (preço para o agricultor, fome no mundo, ...), mas também:

9. ... uma questão ecológica. Para produzir uma tonelada de adubo químico é necessário utilizar mais de uma tonelada de petróleo (ou seu equivalente em energia nuclear ou outra fonte de energia). No Brasil, desde a década de 50: centrais hidrelétricas. É um sistema global de modo de vida desperdiçador e de modelo de produção industrial. Há conflitos agrários com povos indígenas e agricultores (Itaipu e muitas outras centrais hidrelétricas). Sim, é uma ‘pegada’ ecológica e social! Shell e outras multinacionais do petróleo vendem diesel e todo tipo de derivados, adubos químicos e agrotóxicos de todos os tipos e agora, ... agora vão produzir biodiesel. Eles jogam, com entusiasmo, o jogo ecológico. Falam de ‘energia verde’. Muitas vezes o balanço energético, o resultado do *output-input* (saída – entrada), é negativo... Olha só que loucura: produzir ‘petróleo’ nas lavouras (‘bio’diesel) com petróleo extraído da terra?! Somente o deus Lucro poderia inventar uma coisa dessas.

É claro que cada história deve ser contextualizada e analisada caso a caso. É possível que o balanço energético no processo de conversão da soja seja positivo, já que a soja convencional é uma papilionácea (leguminosa) e, portanto, capaz de fixar o nitrogênio atmosférico. Exige muito menos adubo químico do que, por exemplo, o milho. Entretanto, na soja transgênica, esta capacidade de fixação de nitrogênio seria reduzida, podendo chegar a zero.

Mas, mesmo que a necessidade de aplicação de nitrogênio na lavoura seja menor, quaisquer ação e deslocamento neste país imenso demandam muita energia: moagem de rochas calcárias e levar o calcário até a lavoura, todo tipo de transporte – antes, durante, e depois do desenvolvimento – da soja, armazenagem nos silos, o processamento químico dos grãos para obtenção das proteínas e do óleo, processo de produção do biodiesel, ...

E isto sem falar das grandes perdas de soja durante a colheita e o transporte. As rodovias do Brasil estão cobertas de grãos de soja.

10. Ainda há o problema do preço da terra. No Brasil, as pessoas falam do ‘preço de terra para soja’. No Rio Grande do Sul, por exemplo, este preço quadruplicou nos últimos quatro anos devido à ‘febre da soja’. Em Flandres, falamos do ‘preço de terra para esterco’². Soja no Brasil – e a imagem no espelho da Europa reflete: esterco! Sim, é um sistema global com muitos efeitos desastrosos na área social e ecológica.

O preço das terras no Brasil e na Bélgica aumenta devido à soja. Os agricultores da AF (os mais jovens com seu projeto ‘minha primeira terra’) não podem mais pagá-los. O êxodo rural

² Nota do tradutor: na Europa, vários países possuem regulamentos que estabelecem limites para a quantidade de esterco que pode ser aplicada por hectare devido à contaminação dos lençóis freáticos e, conseqüentemente, da água potável. Assim como aumenta o preço da terra para plantio de soja no Brasil, aumenta o preço da terra para depositar esterco em Flandres.

em direção às cidades continua aumentando, mesmo com o biodiesel da soja. No Brasil são cultivados, atualmente, 23 a 25 milhões de hectares com soja. O governo e os engenheiros agrônomos estão sonhando em chegar a 100 milhões hectares... Será uma grande crise ecológica e social. Já é uma crise de dimensões planetárias. Os preços no mercado internacional vão baixar, com ou sem China. Agora já se fala que o preço da soja em 2004 irá baixar devido à safra recorde do Paraná em 2003 e da safra ainda maior esperada para 2004. Vai terminar como o preço do café e, nesse meio tempo, a agricultura familiar terá sido destruída.

11. Para cada tonelada de alimento são necessárias, em média, dez toneladas de água. Alimentos, produzidos a partir de matérias-primas cultivadas de maneira convencional, requerem muita energia. Quando transportados por caminhão e exportados em navio, é necessária ainda mais energia.

E para uma tonelada de biodiesel: quantas toneladas de petróleo e água são necessárias?

Será que não há alternativas?

Não, eu não sou um 'fundamentalista'. Sempre houve produtos não-alimentícios na agricultura, tanto na Europa quanto na América. Por exemplo: 3% das terras cultivadas no mundo são ocupadas com algodão; 26% dos agrotóxicos utilizados no planeta destinam-se esta cultura! Algodão é um grande problema ecológico. Porém, há alternativas. Eu acho que a discussão deve ser feita por produto, nos diferentes contextos, mas levando em consideração sempre a perspectiva de um mundo com 12 bilhões de pessoas no ano 2050 (?). Conscientes de que dispomos de apenas um planeta, e não de três.

Um exemplo:

- Na Europa (mas também no Brasil e nos Estados Unidos), o cânhamo é cultivado há séculos. Nos últimos 10 anos, voltou a haver interesse pela espécie. A União Européia até subsidia seu cultivo. Eu acho que é um bom negócio. A espécie não exige adubo, nem produtos químicos e tem o maior teor de proteínas depois da soja. Isto é interessante para alimentação animal em nossa região (Europa) porque não é necessário importá-las do Brasil e dos EUA. Um hectare de cânhamo equivale a quatro hectares de *Pinus* americano para produção de papel. As roupas feitas com fibra de cânhamo são de três a quatro vezes mais resistentes do que as feitas com algodão e não há problemas ambientais. E o balanço energético é positivo. Mas a indústria do plástico e das fibras sintéticas demonizam o produto desde as décadas de 40 e 50. Habilmente, eles alegam o problema das drogas. Entretanto, existem variedades de cânhamo com poucas substâncias entorpecentes.

- Cana-de-açúcar e biodiesel, ou melhor: álcool? Sim, se não estivessem nas mãos das grandes (agro)indústrias, como é o caso no Brasil desde a década de 70. Açúcar não é um item básico de alimentação. Doces são importantes no Brasil, mas não são fundamentais. Ao contrário, não é saudável! Cana-de-açúcar (no Hemisfério Sul) e beterraba açucareira (na Europa) estão perdendo espaço e sendo substituídas por aspartame, taumatine e outras substâncias químicas..., 200, 350 e até 2 mil vezes mais doces do que o açúcar comum.

No caso da soja, a situação é outra. Também não faz parte da cesta básica, mas tem o potencial de alimentar os brasileiros, bem como ajudar no combate da fome no mundo. Seria um passo importante destinar de 20% a 50% do farelo de soja do mundo para consumo humano. Seria uma revolução!

Eu só acredito nas possibilidades do biodiesel da soja e no álcool da cana-de-açúcar, se:

- estes estiverem nas mãos da 'agroindústria familiar', de modo que a mais-valia do produto fique nas mãos da AF e suas cooperativas;

- a prioridade de Fetrat-sul/CUT e do governo federal for o processamento da soja para produtos alimentícios no Brasil;
- for uma das fontes de renda para AF;
- a preferência for para soja orgânica (balanço energético! Não requer calcário nem produtos químicos);
- a agrobiodiversidade na propriedade tornar a aumentar: a herança da Revolução Verde (ou seja, a monocultura da soja) for convertida numa verdadeira diversidade, própria da AF, associada ao reflorestamento com espécies nativas;
- o biodiesel não for destinado ao mercado 'livre' e sim ao transporte das cooperativas;
- os agricultores, simultaneamente, se conscientizarem de seu modo de vida no plano da energia e do transporte;
- o governo tiver um plano global de utilização mais econômica de energia e de desenvolvimento de fontes alternativas (solar; a produção de energia eólica no Brasil para chegar a 143 mil MW, ou seja, o equivalente a 11 Itaipus; ...);
- o governo tiver uma visão de transporte sustentável e fortalecer a rede ferroviária; ampliar o transporte público com base em hidrogênio;
- o governo tiver um plano concreto (leis e controle) para proteção dos últimos campos no sul do Brasil e para a preservação do que ainda resta do cerrado e da região amazônica.

Tortelli, eu espero que você entenda que estas críticas e sugestões são feitas a partir de um grande amor pela agricultura familiar, pela natureza e meio ambiente, pelos 855 milhões de famintos no mundo e pelo futuro de 'nosso Brasil'."

7 de fevereiro de 2004

(1) Segundo o *Worldwatch Institute*, o Brasil é o sétimo mercado consumidor do mundo, mas somente 33% de sua população têm acesso a esta sociedade de consumo (57,8 milhões dos 180 milhões de brasileiros). Definição de 'consumidor': alguém que tem um poder de compra de mais de US\$ 7 mil ao ano. Caso contrário, esta pessoa não 'existe' e, portanto, não é interessante para o mercado global.

Só para comparar:

Estados Unidos da América com 242,5 milhões de consumidores (84% da população);

Japão com 120,7 milhões de consumidores (95% da população);

China com 239,8 milhões de consumidores (19% da população);

Índia com 121,9 milhões de consumidores (12% da população);

Rússia com 61,3 milhões de consumidores (43% da população);

Alemanha com 76,3 milhões de consumidores (92% da população).

Mais alguns detalhes do estudo:

- 1,7 bilhão de pessoas da população mundial encontram-se no reino dos consumidores;

- Os Estados Unidos da América, com somente 4,5% da população mundial, é o maior usuário de petróleo (daí a importância do Iraque!); o Brasil ocupa a sexta posição.

- O consumidor norte-americano é responsável pela emissão 19,7 toneladas de CO₂ por pessoa por ano; o consumidor brasileiro – que gosta de se espelhar no '*American way of life*' [modo de vida americano]: 1,8 tonelada de CO₂ por pessoa por ano. Portanto, esta imitação promete para o futuro!

(2) no Paraná, 2/3 das terras cultivadas foram ocupadas com soja neste verão; manchete de um jornal de 27/01/04 anuncia com alegria: 'O Estado deve produzir 11,7 milhões de toneladas de soja em 2004'.

- (3) Se você quiser mesmo saber, leia o capítulo ‘Álcool e bioetanol’, p. 111-114 em: *‘Brazilië: spiegel van Europa?’* [‘Brasil: espelho da Europa?’], Dabar/Luyten, 2000, de Luc Vankrunkelsven, ou em: *Boer & Tuinder (B & T)* [Agricultor e Horticultor], 15 de abril de 2005. Uma citação de *B & T*: “Professor Rogério avisa: ‘Soja tem uma produção baixa de óleo, 560 litros por hectare por ano. Comparando com cana-de-açúcar e sorgo, com seus 6000 litros/hectare, esta pode não ser a saída imediata. Além disso, ainda temos no Brasil o dendê com seus 3,5 a 5 ton/ha e mamona com 1,7 ton/ha.’”

Direitos humanos e soja

É como se tivéssemos voltado ao século XVII. Em diferentes locais do Brasil, há confrontos entre latifundiários e povos indígenas: no Mato Grosso do Sul são os Guarani que querem retomar suas terras à mão armada; em Mato Grosso, as terras ancestrais dos Xavante estão cobertas de soja e, desde outubro de 2002 – após 11 anos de espera – eles estão resolvidos a exigir suas terras de volta (1); no Rio Grande do Sul, os Kaingang começaram a fazer, recentemente, manifestações reivindicando suas terras; um dos estados mais ao norte do país, Roraima, há meses é uma zona de conflito porque o governo federal resolveu demarcar 1,7 milhão de hectares como reserva indígena. Mas principalmente no Paraguai a situação é dramática. A pedido do então ditador, Alfredo Stroessner, os brasileiros, na década de 70, foram convidados a expandir a fronteira agrícola naquele país e, assim, realizar desmatamentos em grande escala. Agora, 30 anos mais tarde, vivem lá 450 mil ‘brasiguaios’ (contração de brasileiros e paraguaios), entre os quais encontram-se grandes plantadores de soja, mas também pequenas propriedades de agricultores familiares. Eles expulsaram os Guarani e os latifundiários utilizam estes indígenas como mão-de-obra escrava em suas propriedades. Dezenas de crianças e adultos da etnia Guarani já morreram por causa das elevadas doses de agrotóxicos que são utilizadas na cultura da soja (principalmente). O trágico é que se trata do mesmo povo que, há séculos, foi escravizado pelos portugueses e que, na década de 80 do século XX, foi expulso pela hidrelétrica de Itaipu. Este projeto conjunto do Brasil e Paraguai inundou áreas imensas, com mais de 300 quilômetros de extensão. Os Guarani foram, novamente, expulsos e os agricultores familiares tornaram-se agricultores sem-terra. O destino dos indígenas, séculos atrás, tornou-se muito conhecido naquela época pelo extremamente romantizado filme *‘The Mission’* [‘A Missão’]. Mas não só no século XVII houve vítimas. O ano de 2003, o primeiro do governo Lula, foi um ano recorde em ocupações e vítimas em torno dos conflitos agrários (2).

O que está acontecendo no Paraguai?

Primeiramente, uma relação de fatos.

- A região da fronteira entre o Paraguai e o Brasil é controlada, agora, por uma maioria de brasileiros (450 mil pessoas ou 8% dos 5,5 milhões de habitantes do Paraguai), chamados de ‘brasiguaios’, e uma minoria de chineses, japoneses, norte-americanos e alemães. Trata-se de 1,3 milhão de hectares, ou 13 mil km² (cerca de 1/3 da Bélgica), das melhores terras do continente, distribuídas em seis estados do Paraguai. Devido ao alto grau de mecanização e do elevado rendimento por hectare (3), esta região é – atualmente – a mais rica do Paraguai. O fenômeno tornou o país o quinto maior produtor de soja do mundo e o terceiro na produção de carne.
- O general e ditador da extrema direita Alfredo Stroessner convidou os brasileiros, no início da década de 70, em virtude de interesses militares. Com isso, ele seguiu o exemplo do Brasil que, na década de 30, organizou a ‘marcha para o oeste’. Tais ocupações de fronteiras são, historicamente, acompanhadas de muita violência, derramamento de sangue e exclusão dos povos indígenas (4). Na década de 60, a fronteira agrícola já avançava pela venda de grandes extensões de terras a complexos agro-industriais estrangeiros. Desta maneira foi introduzido, também no Paraguai, o conflito mundial entre ‘agricultura familiar’ e ‘agricultura industrial, voltada para exportação’.
- Nos últimos cinco anos, 15 mortos já tomaram no conflito que agora tem uma conotação racista: ‘fora brasileiros’.
- O Ministério da Saúde registrou, só em 1999, 430 mortes e 1066 casos de intoxicação pela intensa aplicação de agrotóxicos no cultivo de soja. Em novembro de 2003, 500 famílias foram intoxicadas pela aplicação elevada de agrotóxicos na mesma cultura de soja.

Tratavam-se de propriedades de um alemão e de um japonês. Gado, aves e verduras também foram contaminadas, em toda a região de San Pedro.

Camponeses e os índios Guarani unidos na resistência

Os camponeses e os Guarani não aceitam mais a situação e resolveram resistir. Com o apoio de políticos e da Confederação Nacional de Bispos do Paraguai, começaram a ocupar terras e a expulsar os brasileiros. Foram feitas até ameaças de morte. Atualmente, 80 mil agricultores sem-terra estão organizados em 32 movimentos.

Eles têm toda razão para reagir mas, também aqui, o conflito fundamental entre dois modelos agrícolas é novamente ignorado. Os pequenos agricultores familiares encontram-se, agora, sob forte pressão enquanto são os latifundiários os responsáveis pela escravização dos Guarani. São eles que provocam as intoxicações. Os filhos dos agricultores familiares são os que mais sofrem. Além disso, eles se encontram – quanto à identidade cultural – entre dois países: não se sentem brasileiros nem paraguaios.

Portanto, ‘Direitos Humanos’ tem muito em comum com a produção de soja. Daí a beleza da realização, neste início de 2004 – primavera na Europa, de um encontro dos agricultores para definição de critérios para produção de soja social, econômica e ambientalmente sustentável, organizado pela ‘Rios Vivos’ no Centro-Oeste do Brasil e pela Fetraf-sul/CUT no sul do Brasil. O projeto contou com a participação e foi financiado diretamente por uma série de organizações holandesas. O objetivo final era importar esta soja (mais) sustentável produzida, entre outros, por agricultores familiares pelo porto de Roterdã. Com certeza vocês ouvirão mais a respeito deste trabalho.

Esta é minha última crônica sobre soja enviada daqui do Brasil. A partir de meados de fevereiro até final de maio, seguirão crônicas sobre soja enviadas a partir do outro lado do oceano. Pois nós – flamengos e holandeses – também temos nossas posições em relação ao complexo da soja.

Deixe que nós, no Brasil e na Europa, em ‘Both Ends’ [ambas as pontas]³, trabalhemos juntos na melhoria da situação atual. Sem complexos. O ‘leite de soja’, lançado neste mês pelas Oxfam-Lojas Mundiais, mais o kit de conscientização de Wervel, certamente podem colaborar neste sentido.

10 de fevereiro de 2004.

- (1) Para mais informações sobre a situação específica dos Xavante e das ameaças de morte, leia a carta de Dom Pedro Casaldáliga, que também pode ser encontrada no site de Wervel.
- (2) Ocupações de terras: 446 ocupações em 1998; 502 em 1999; 236 em 2000; 158 em 2001; 103 em 2002; 222 em 2003, um aumento, portanto, de 115% em relação a 2002. Mortos no meio rural em decorrência de conflitos agrários: 47 em 1998; 27 em 1999; 10 em 2000; 14 em 2001; 20 em 2002; 42 em 2003. Nos últimos anos há uma tendência de ocupação de terras não só pelos agricultores do MST, mas também, cada vez mais, por povos indígenas.
- (3) A comparação da produtividade de soja por hectare revela que se tratam de terras muito férteis. EUA: 2560 kg/ha; Brasil: 2610 kg/ha; Argentina: 2640 kg/ha; China: 1690 kg/ha; Paraguai: 2965 kg/ha.
- (4) Há 130 anos ocorreu uma guerra sangrenta entre o Paraguai e o Brasil, na qual o Uruguai e a Argentina também foram envolvidos. No conflito atual, as antigas feridas

³ Nota do tradutor: ‘Both Ends’ [ambas as pontas] = jogo de palavras com a ONG holandesa de mesmo nome, que atua em todo o mundo.

do século XIX estão sendo reabertas. Neste ambiente de tensão, muitas referências são feitas a esta guerra.

Soja orgânica

No momento em que Oxfam-Lojas Mundiais lançam o ‘leite de soja’ de Capanema (PR), explodem os preços de soja no mercado mundial.

Diversidade é a chave para a porta do futuro

Mesmo que eu tenha uma série de questionamentos em relação ao rolo compressor da soja, quero fazer uma abordagem mais concreta da soja orgânica. Soja orgânica [‘*bio-soja*’] é, com certeza, uma resposta parcial ao problema ecológico, do qual falei numa crônica anterior. Como herança da Revolução Verde, há – nos três estados mais ao sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) – 213 mil agricultores dos cerca de 900 mil da agricultura familiar, e que cultivam soja. Um grande número destes agricultores, em virtude da ‘modernização’, perdeu a agrobiodiversidade típica em suas propriedades. Por isso, é interessante observar que – desde meados da década de 90 – muitos agricultores optaram pelo cultivo de soja orgânica. Principalmente o Paraná é um ponto de referência. Seu número pulou de 450 produtores em 1996 para 800 em 1997, 1200 em 1998, 2310 em 1999. Em 2000, já eram 3077 produtores de soja orgânica, dos 10 mil agricultores orgânicos do Paraná. Os agricultores no Rio Grande do Sul, até recentemente, estavam conscientes do elevado grau de monocultura e vêem a soja orgânica como um passo intermediário no ‘retorno a uma maior biodiversidade’. Uma vez que a maioria dos agricultores-familiares-com-soja-orgânica-no-Paraná possui terras marginais, eles preservaram sim sua agrobiodiversidade. Por causa do solo rochoso e do relevo acidentado, a mecanização geralmente não é possível. No que diz respeito à agricultura agroecológica no Paraná, a diversidade envolve principalmente: (em ordem de tonelagem) soja, cana-de-açúcar, frutas, verduras, milho, arroz, trigo; (com peso aproximadamente igual) erva-mate (chá), mandioca, feijão, plantas medicinais, café. É bonito de ver como, em muitas cidades e vilas, são realizadas feiras orgânicas semanais. Para grande satisfação dos produtores e consumidores.

Preço do dólar. Repetição de 1973?

A rentabilidade da soja orgânica é determinada pelos preços ditados no mercado internacional e a cotação do ‘dólar’ em relação ao ‘real’ pelo mercado interno. Assim, o valor elevado do dólar e a desvalorização do real provocam um grande aumento na soja convencional, mas certamente também na soja orgânica. É que, uma vez feita a conversão para o sistema orgânico, o agricultor está livre dos adubos químicos cujo preço também é cotado em dólares. Este retrato de euforia alterou-se repentinamente entre 2003 até o início de 2004 e, agora, o setor encontra-se em crise. O ano de 2003 foi o primeiro em que o número de produtores de soja orgânica no Paraná estagnou. Esta afirmativa aplica-se, certamente, à região de Capanema, no oeste do estado, com suas excelentes terras, onde a soja orgânica aumentava, anualmente, em 15% e onde, agora, 1600 agricultores cultivam soja orgânica. Devido à frustração de safra nos Estados Unidos da América e pela demanda crescente no mercado mundial, o preço da soja convencional e transgênica explodiu no mercado internacional. Durante muito tempo os agricultores orgânicos recebiam US\$ 15 por saca de 60 quilos, enquanto a soja convencional rendia US\$ 9 por saca. No momento, a saca de soja convencional ou transgênica é cotada entre US\$ 15 e US\$ 16, enquanto os agricultores orgânicos continuam recebendo os mesmos US\$ 15. Este pico nos preços é, segundo minha avaliação, comparável com o que ocorreu em 1973: uma enchente na região do Mississipi, nos EUA, e a repentina demanda de grãos da União Soviética provocaram a grande expansão no cultivo de soja no sul do Brasil (1).

‘1973’ representa o que é chamado de ‘o grande roubo de grãos’: durante um curto período, os preços foram cotados lá em cima, mas o agricultor não teve proveito disso. Cargill & Cia.,

estes sim, embolsaram lucros astronômicos! Mesmo assim, atualmente o clima é de pânico. Se a situação perdurar, em dois anos ninguém mais cultivará soja orgânica. Isto já está ocorrendo no Rio Grande do Sul, onde a soja orgânica tornou-se praticamente inviável. Por quê? 90% da soja é transgênica. Além disso, os jovens fugiram do meio rural e um casal mais idoso que cultiva soja orgânica não consegue realizar, sozinho, todo o trabalho braçal. Lá, a mecanização geralmente era possível. Por fim, devido à contaminação de quase 100% das lavouras com soja transgênica, tornou-se praticamente impossível cultivar soja convencional ou soja orgânica. Assim, nos últimos anos, estes casais passaram a cultivar soja transgênica também!

Felizmente, foi exatamente neste momento que tiveram início vários projetos visando estabelecer um diálogo com os agricultores sobre a relação entre o comércio mundial (OMC) e a explosão da soja, cenários em longo prazo (Flandres/Holanda-Brasil, lançamento do 'leite de soja orgânica' de Capanema por Oxfam-Lojas Mundiais,...) (2).

Perspectiva histórica e visão dos mecanismos internacionais são muito importantes nos dias de hoje, para que não sejamos arrastados pelo dólar e pela moda do dia. Caso contrário, todo potencial de agricultura orgânica será perdido enquanto o dólar realiza seu trabalho arrasador. No momento em que se colhe a safra de soja no Paraná, outros ainda estão plantando soja no início de fevereiro de 2004 (!)... por causa daquela explosão de preço. Chegou a vez dos últimos metros quadrados e das demais culturas!

Agricultura orgânica em grande escala?

Qual será a reação no cerrado (região de savanas no Brasil central, onde a realidade da soja – em escala muito maior – é bem diferente) é uma outra questão. Até o ano 'divisor de águas' de 1973, todas as sementes de soja vinham dos EUA. Estas não eram adaptadas ao clima tropical mais ao norte do Brasil: cerrado e região amazônica. A partir de 1975, a EMBRAPA (3) passou a desenvolver, febrilmente, variedades de soja adaptadas ao clima tropical. Nos últimos anos a empresa colaborou – oficiosamente – com o fornecimento de sementes transgênicas no Rio Grande do Sul. Graças a estas sementes 'brasileiras', a expansão da soja pôde continuar em direção ao norte. O Mato Grosso é, atualmente, dominado pelo maior sojicultor do mundo: Blairo Maggi, com 130 mil hectares. Este homem tomou posse no dia 1º de janeiro de 2003 como governador do estado e, em ritmo acelerado, está transformando o Mato Grosso no 'paraíso da soja'. Ainda em 2000, ele ameaçava ir plantar soja na África se os movimentos ambientais e da agricultura familiar lhe criassem muitos problemas. Não é de se estranhar, portanto, que naquela região surgiu também o cultivo de soja orgânica em larga escala. É que naquele mesmo estado se encontra o maior produtor de soja orgânica do mundo (2 mil hectares) com cerca de 5 mil toneladas de soja orgânica. No estado de Goiás, um produtor iniciou, em 2001, com 110 hectares. No Mato Grosso, as empresas conseguiram aumentar a produtividade de soja orgânica, partindo de 1.717 kg/ha em 1998, 1.821 kg/ha em 1999 e 1.895 kg/ha em 2000 para 2.400 kg/ha em 2001. Um aumento, portanto, de 39,7% entre 1998 e 2001. Para comparação: a produtividade média da soja convencional nos EUA é 2.560 kg/ha; no Brasil, 2.610 kg/ha; na Argentina, 2640 kg/ha; na China, 1.690 kg/ha e no Paraguai, 2.965 kg/ha.

Agroecologia: a saída para a Agricultura Familiar?

A dúvida agora é o que irá acontecer com a soja orgânica no Brasil. Ela será integralmente recuperada pela agricultura em grande escala ou continuará sendo a chance de sobrevivência da agricultura familiar social e ecologicamente comprometida nas pequenas propriedades? E... quanto tempo durará este pico no preço e quais serão as conseqüências para o cultivo sustentável de soja? 'Sustentável', 'agroecologia', não no sentido de 'sem agroquímicos', mas

uma forma de agricultura que é social, econômica, ecológica e culturalmente sustentável. Ou o ‘sustentável’ continuará sendo um slogan isolado para ganhar muito dinheiro? Ou será que a seguinte notícia pode significar um ponto de luz: num futuro próximo os agricultores brasileiros que cultivam soja transgênica terão que desembolsar US\$ 0,60/saca de 60 kg a título de *royalties* para Monsanto. Igual a seus colegas norte-americanos. Graças a sua posição de monopólio, a multinacional de sementes-química-tecnologia genética Monsanto está enriquecendo sem esforço, enquanto os agricultores que plantam soja transgênica, após poucos anos, têm seu rendimento reduzido.

Será que a soja orgânica conseguirá resistir à euforia da soja transgênica? Nos próximos meses, as Lojas Mundiais, com seu ‘leite de soja’ de Capanema, terão um grande desafio.

22 de fevereiro de 2004

- (1) Você poderá ler mais sobre o ano ‘divisor de águas’ de 1973 em: Vankrunkelsven, Luc. *‘En toch...een andere wereld is mogelijk. Porto Alegre: de basis in beweging.’* [Ainda assim...um outro mundo é possível. Porto Alegre: a base do movimento], Dabar/Luyten, Heeswijk, 2002.
- (2) Para os diversos projetos envolvendo soja, entre em contato com Wervel.
- (3) EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (<http://www.embrapa.gov.br/>), é também uma casa com muitos setores conflitantes. Isto é inevitável, já que o governo brasileiro quer manter, lado a lado, a **agricultura exportadora** empresarial (*patronal*), com uso intensivo de capital e excludente de mão-de-obra para exportação e a **agricultura familiar** comprometida social e ecologicamente e geradora de trabalho. Na minha opinião, isto não se sustenta num longo prazo, já que a agricultura exportadora se unirá ao grande capital e, no final, vencerá a batalha. Neste contexto conflitante, a EMBRAPA – Rio Grande do Sul convidou, em 2000, o professor Erik Goewie (de Wageningen, Holanda) para acompanhar o desenvolvimento da agricultura orgânica na região de Pelotas.

Soja e um denominador comum⁴

Hoje, 8 de março de 2004, será realizado no Parlamento Flamengo a manifestação final de DP 21 vzw (*Dierlijke Productie 21^{ste} eeuw* vzw [‘Produção Animal século XXI’, organização sem fins lucrativos]), em conjunto com a fundação *Koning Boudewijn* [Rei Balduino].

Há quase dois anos foram realizadas sessões de diálogo entre os assim chamados diretamente interessados (*stakeholders*): ‘setor primário’ (para não dizer ‘agricultores’), fornecedores de insumos (ração animal, etc.), processamento, distribuição, governo, ensino, pesquisa e... ONGs. É interessante observar quais são os denominadores comuns, onde estão os pontos cegos em cada grupo de participantes, quais são as principais preocupações. ‘Diálogo’ e as tentativas neste sentido são muito louváveis, desde que as diferenças na correlação de forças não fossem ignoradas. Por exemplo, o setor de ração animal tem uma força (econômico-financeira) muito distinta de um representante de uma ONG com uma caneta afiada. Se para um trata-se de dinheiro grosso, pode ser que para o outro seja uma indignação ética expressa em escritos, discursos e publicações.

Aliás, em que medida podem ser levantadas questões fundamentais num contexto como ‘produção animal’ (expressão, por si só, muito reveladora da visão sobre Agricultura e Vida)? Será que o consumo (excessivo) de carne e os interesses relacionados com carne (exportação) poderão ser abordados em nossa região? O que fazer a respeito dos 1,3 bilhão de chineses que, nos últimos 20 anos, passaram de um consumo médio de carne de cerca de 15 kg/ano para 34 kg/ano. Este é um deslocamento planetário que traz consigo, no momento, o direcionamento de um fluxo mundial de farinha de peixe para a China. A partir de 2001, o fluxo de soja a partir do Brasil também se deslocou claramente na direção da China com seus consumidores de carne e peixe. Peixe? Muito da farinha de peixe dos mares do mundo segue para a China. Como o pescado nos mares está se esgotando, a aquíicultura – em franca expansão no mundo – tem que se contentar com... soja. Estes peixes são alimentados cada vez mais com soja.

Enquanto isso, o preço de soja no mercado mundial explodiu e os últimos metros quadrados no Brasil, Argentina e Paraguai são ocupados com soja.

Neste dia de retorno buscamos ‘um denominador comum’. Na verdade, é uma descrição bastante cínica. Pretende-se responder à pergunta de quais interesses nós, enquanto diferentes *stakeholders*, temos em comum para eventualmente nos mobilizarmos. Mas há alguns importantes *stakeholders* que não aparecem. Eles não estão sentados em torno da mesa: os pequenos agricultores familiares que não conseguem mais se sustentar economicamente e que são expulsos de suas terras ou são forçados a vendê-las; os povos nativos cujos direitos são desrespeitados; as florestas que são derrubadas em ritmo acelerado; os pássaros que são extintos; os ciclos hidrológicos que são desregulados, a água que é desperdiçada; o solo que é erodido; a cultura do uso comunitário das terras, ...

‘Denominador comum’?

No mundo todo, as terras tornaram-se propriedade particular, fonte de especulação e acumulação de riquezas. Além disso, a terra propriamente dita se mantém fora do campo de visão na concha do Parlamento Flamengo. ‘Empresas sem terras’ em Flandres Ocidental têm suas terras localizadas no Brasil, nos EUA, nos mares. Individualmente, o agricultor de Flandres não tem ‘culpa’ disso, mas o sistema ainda pode ser tornado público, não é?!

⁴ Nota do tradutor: a expressão em neerlandês ‘*gemeenschappelijk grond*’ – no original – é um jogo de palavras; a tradução literal da expressão é ‘terras comunitárias’, mas o debate em torno do ‘denominador comum’ ignora completamente a disputa por terras e o drama social e ecológico que se desenrola no campo, no Brasil e em outros países produtores de soja.

Ração animal para consumo de carne necessita de muito mais ‘terra’ do que o consumo humano de, por exemplo, soja.

Em qual sessão de diálogo poderemos levantar estas questões fundamentais? Afinal, temos somente uma terra que sustenta a nós todos.

8 de março de 2004.

Embalagens derivadas de soja

A partir de dois debates na emissora de rádio Klara, seguiu-se uma intensa troca de correspondência com um representante da indústria de embalagens. Como não se trata de um assunto particular, mas afeta a nós consumidores no dia-a-dia, reproduzimos a troca de cartas na forma desta crônica.

Os dois programas de rádio com Jean-Pierre Rondas ainda podem ser ouvidos em ‘áudio’ no site <http://www.klara.be/>, ‘Rondas’ 14/03/04 e 21/03/04; retransmitidos nos dias 25/06/05 e 02/07/05.

Lá vamos nós:

1.

“Ouvi alguns trechos de seu debate com Rondas, na rádio KLARA.

Com relação ao mesmo, tenho a seguinte pergunta:

Soja também serve de base para novos materiais biodegradáveis.

Um saco de lixo de polietileno pode, agora, ser substituído por um saco um pouco mais resistente, produzido a partir de... soja, e este ainda pode ser utilizado para formar composto, junto com outros resíduos de jardinagem e da cozinha.

A mesma película de soja pode servir de embalagem para frutas e verduras.

Pergunta: do seu ponto de vista, há alguma coisa de errado nisso

- a. em relação à matéria-prima (produto agrícola ao invés de petróleo)?
- b. em relação ao uso (embalagens biodegradáveis)?

Aguardo sua resposta.

Noël Vanderplaetse”

2.

“Eu realmente acho que há algo errado e acho que você também sabe disso:

a. É correto utilizar culturas alimentícias para produção em massa de embalagens e ‘plásticos’, se para isso é necessário derrubar cada vez mais florestas e ainda não se conseguiu fornecer alimentos básicos suficientes para as pessoas?

b. Não há nada de errado quanto ao uso em si. O problema é que estamos na trilha errada com os objetivos da agricultura, que estão em conflito com os interesses econômicos, ecológicos, sociais e o objetivo de autonomia da agricultura. Este é um debate fundamental que envolve a filosofia das ciências agrícolas e sociais. E que se repete sempre:

- a. O que há de errado com *golden rice* [arroz dourado]?
- b. O que há de errado com o biocombustível?
- c. O que há de errado com o milho Bt [milho transgênico] e a resistência a herbicidas?
- d. O que há de errado no uso de soja para ração animal?

O que há de errado?

À primeira vista, nada e mesmo assim tudo dá errado e entramos agora numa crise fundamental da agricultura com impacto em todas as áreas sociais. Será que as questões não deveriam ser: ‘O que há de errado com nossas ciências agrícolas; com nossa democracia; com nossa política?’

A questão agora é como lidamos com isso. Temos a coragem de fazer as perguntas corretas que exigem respostas holísticas das ciências agrícolas para, de maneira preventiva, tornar possível a condução política e administrativa da sociedade?

Eu acho que este é o ponto central do debate para os próximos dez anos, para chegarmos a uma mudança de rumo na agricultura e na sociedade.

Louis De Bruyn, presidente Wervel”

3.

“Agradeço a sua simpática resposta.

Percebo que minha pergunta já foi formulada muitas vezes ao senhor e que, suspirando, o senhor deu sua resposta clássica, sabendo que esta somente poderá ser compreendida por quem estuda e aceita sua visão de mundo.

Mas ainda quero acrescentar o seguinte:

Para mim, embalagens são elementos essenciais para fazer com que alimentos básicos cheguem às pessoas, exceto – é claro – se o agricultor produzir somente para sua subsistência e de seus vizinhos imediatos.

Cordiais saudações,
Noël Vanderplaetse”

4.

“Prezado senhor Vanderplaetse,

Agradeço-lhe novamente por sua reação. Luc Vankrunkelsven me pediu ‘minha’ opinião sobre sua pergunta. Quero portanto destacar que esta resposta compromete só a mim e mais ninguém.

Sem querer entrar numa polêmica interminável, quero expor algumas considerações adicionais, porque o debate sobre este tema não se encerra rapidamente. Para mim, a questão principal é que devemos utilizar, de maneira racional e consciente, os recursos do planeta Terra e, portanto, também as embalagens. É por isso que devemos nos perguntar (enquanto consumidores, mas também como formuladores de políticas) se tudo o que é possível também deve ser permitido. Assim como controlamos o consumo de energia do carro e das casas, também devemos usar racionalmente as matérias-primas, como um chefe-de-família zeloso e econômico. E isto nem sempre ocorre (ou ocorreu). Por exemplo: o excesso de produção de esterco foi previsto tanto pela Universidade de Wageningen quanto pela Universidade Nacional de Gent. Mesmo assim, isto não foi levado em consideração na expansão de nosso sistema agrícola e pecuário. Optou-se, conscientemente, pela adoção de determinado rumo porque somente um objetivo era prioritário – especificamente, a racionalização econômica de nosso sistema de produção agrícola, enquanto as demais condições de contorno em relação ao impacto nos países do Terceiro Mundo, conseqüências ecológicas, conseqüências sociais para agricultor(es)(as) e conseqüências para o bem-estar animal não foram levadas em consideração, nem aqui nem em lugar nenhum. Que isto tem um impacto ético também está claro (para mim):

- Lucro obtido às custas da integridade ecológica é roubo (também diretamente, e não só do ponto de vista ético);
- Lucro obtido às custas da coesão social da sociedade é roubo e todos nós pagamos o preço da desintegração social e, com ele, adubamos o solo da discórdia e das guerras;
- Lucro obtido às custas da autonomia das regiões em relação à produção de alimentos é roubo. As maiores prioridades de uma região devem ser: ser o mais independente possível e produzir seus próprios alimentos a partir de um envolvimento direto dos produtores em seu próprio ambiente e sua própria comunidade.

A expansão da soja deixa muito a desejar nestes três pontos. Antes de buscar a solução na embalagem de verduras com ‘plástico’ de soja, devemos descobrir primeiro como reduzir as embalagens. Com isso não queremos dizer que não há espaço para tais materiais, mas que seu uso deve ser bem pensado e ponderado, junto com uma visão de economia de recursos e pesquisa das melhores soluções possíveis.

Estamos diante do desafio de encontrar um suporte filosófico para a ciência e a sociedade que leve em consideração os desafios de nosso tempo. Meu sentimento é (e certamente não estou só nisso) de que a crise na qual nos encontramos tem uma abrangência global e que a ciência

que nos move está, de maneira geral, buscando as respostas de forma fragmentada. Assim como a ciência crítica requer uma sociedade crítica, assim a democracia também requer uma ciência crítica. É para isto que eu (e Wervel) quero(emos) contribuir, sem questionar seu direito de ter sua própria opinião.

Cordiais saudações,
Louis De Bruyn”

5.

“Prezado senhor Vanderplaetse,

Deixei passar alguns dias antes de responder, por motivo de afastamento, mas também porque observei que Louis De Bruyn já tomou a iniciativa de enviar uma resposta. A resposta é realmente de Louis, mas eu também reconheço um pouco a minha posição nela.

Nem Wervel, nem eu, queremos ser ‘fundamentalistas’. A agricultura sempre teve como objetivo produzir principalmente alimentos, mas também vestuário, tabaco, etc. Não há nada contra isso, mas alimentos são uma necessidade básica, assim como é a água. Entre estes há uma ligação importante. Cerca de 70% da água potável do mundo é destinada a nosso sistema de agricultura intensiva, voltada para exportação. Este sistema infernal envolve muita terra, água e uma quantidade absurda de energia. Se a ocupação do solo e o desperdício de água são pontos cegos, a questão energética representa – no dilaceramento mundial da história agrícola – um ponto cego ainda maior.

Nos dois debates no rádio, eu abordei o conflito fundamental entre dois modelos agrícolas. Por sua vez, estes modelos andam de mãos dadas com visões e práticas de vida conflitantes nas cidades. Não levará mais do que 20 anos para que a maioria da população mundial esteja morando em megacidades. Então serão necessárias muito mais embalagens, já que a distância entre o produtor e o consumidor, aparentemente, tende a ficar ainda maior. Quanto maior a distância, tanto maior o lucro que se pode obter na intermediação.

Eu acho, portanto, que devemos situar sua pergunta e as tentativas de resposta num quadro global, como Louis De Bruyn já havia feito. À primeira vista não há nada errado, é até muito bom que se produza ‘plástico’ biodegradável a partir de soja, batatas, beterrabas açucareiras, etc. Poderíamos seguir neste raciocínio e dizer: é, desde que este seja separado dos sacos plásticos feitos (‘diretamente’) do petróleo e seja efetivamente reciclado.

Mas, mesmo assim... Eu penso também que devemos poder continuar a formular as perguntas fundamentais sobre o sistema em si. Para acrescentar mais uma à relação feita por Louis: seria mais correto, só porque foi transformado em composto e retornado ao ciclo...? Qual ciclo? A partir do final do século XIX, teve início o fluxo de nitrogênio do Hemisfério Sul para o Norte, iniciando-se com o esterco de aves [guano], do Chile, e desembocando, atualmente, no ‘ouro verde’ do século XXI: soja. Mesmo que transformássemos as embalagens feitas com soja em composto, a drenagem fundamental do Sul para o Norte não foi estancada.

Enquanto refletia sobre a resposta, eu pensei – inicialmente – em remetê-lo à leitura de minhas crônicas sobre soja no site <http://www.wervel.be/>. Elas tratam de diversos aspectos do drama da soja: soja e ecologia, soja e direitos humanos, soja e OGMs ... e ‘biodiesel de soja’. Esta última crônica aproxima-se de sua pergunta: ‘plástico’/biodiesel e soja são, para mim, a mesma história.

Posso convidá-lo a imprimir este texto do site? Se o senhor substituir ‘biodiesel’ por ‘plástico’, encontrará boa parte de minha resposta (ainda incompleta).

Por fim, o senhor encontrará lá a última crônica sobre soja, escrita deste lado do oceano, após o dia no Parlamento Flamengo de *DP 21* (‘Produção’ animal no século XXI). Lá eu tive a desagradável sensação de que as questões fundamentais são minimizadas pelos ‘*stakeholders*’

[interessados] da Federação da Agricultura, indústrias de fornecedores de insumos, embalagens, distribuição, governo.

Por fim, o seguinte: na Holanda está se tentando reunir os diversos *'stakeholders'* em soja em torno de uma mesa de diálogo e negociação. Inclusive a indústria.

Talvez pudéssemos repetir este exercício em Flandres, sem cair na armadilha da *DP 21*, de modo que as questões fundamentais sejam reduzidas a, por exemplo, 'plástico' biodegradável. De todo modo, agradeço sua reação. Talvez possamos nos encontrar um dia para dar continuidade a esta conversa.

Será que um outro mundo realmente é possível?

Cordiais saudações,

Luc Vankrunkelsven"

28 de março de 2004.

Soja e a asfixia dos mares

Que existe uma relação séria entre a pesca excessiva nos mares do mundo e a pecuária intensiva, eu já sabia há algum tempo. Em paralelo ao conflito mundial entre dois modelos de agricultura, a pesca artesanal está sendo suplantada pelos navios pesqueiros industriais do Japão, Europa, Canadá... Eles pescam todos os peixes, pequenos e grandes. Os peixes muito pequenos são moídos e utilizados em ração animal. Recentemente esta farinha de peixe passou a ser intensamente canalizada para a China.

E agora o jornal *'De Tijd'* [O Tempo] informa: A falta de oxigênio no mar supera a pesca excessiva enquanto principal problema para a fauna marítima. Nos oceanos, há cerca de 150 regiões impróprias para a vida, onde quase não há oxigênio. Estas 'zonas mortas' são consequência, principalmente, de excesso de nitrogênio. É o que afirma o Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (UNEP), em seu primeiro relatório anual. A partir dos anos 60, a cada década, dobra o número de regiões com falta de oxigênio. Algumas dessas regiões têm menos de um quilômetro quadrado, mas outras chegam, facilmente, ao dobro da área da Bélgica. As primeiras 'zonas mortas' foram detectadas no Mar Báltico, no Mar Negro e no norte do Mar Adriático. Mas, agora, também são encontrados nos fiordes Escandinavos. A região com falta de oxigênio mais conhecida está localizada no Golfo do México e é consequência dos adubos químicos despejados pelo rio Mississippi.

Quem diz Mississippi diz monocultura de soja, milho e trigo. Pecuária intensiva e pesca têm, portanto, duas ligações com a extinção da fauna marítima: a pesca excessiva (para produção de insumos para a pecuária intensiva e aquíicultura na forma de farinha de peixe), excesso de adubação (em parte para produção de insumos para a pecuária pela adubação química ou com esterco para produção de ração; em parte como resultado da pecuária intensiva com o problema de excesso de produção de esterco de, principalmente, as empresas sem terras). *'De Tijd'* continua: "O baixo teor de oxigênio está estreitamente relacionado com o uso de adubos na agricultura, as emissões dos veículos e indústrias e dos resíduos/lixo, afirma UNEP. Estes contaminam o solo com nitratos, portanto nitrogênio, nos lençóis freáticos e, finalmente, o mar – o que favorece a proliferação de algas. Seu crescimento exponencial e sua decomposição consomem todo oxigênio da água e asfixiam os peixes."

A matéria no jornal encerra com uma observação positiva: "Se não forem tomadas medidas, a situação se agravará", afirma o diretor da UNEP, Klaus Toepfer. Ele destaca que algumas intervenções já estão dando resultados. Por exemplo, há um acordo para a bacia do rio Reno, na Europa, no qual os países se comprometeram a reduzir à metade o despejo de nitratos. Devido a isso, já houve uma redução de 37% no nitrogênio que chega ao Mar do Norte. Outras medidas são menor desperdício de adubo ou controle da emissão dos veículos e mais florestas e campos para absorver o excesso de nitrogênio."

Reverter a situação é possível. Não vamos enfiar nossas cabeças na areia como avestruzes, mas continuar trabalhando em prol de uma política mais equilibrada para a agricultura e pesca.

30 de março de 2004.

Gramíneas-trevo como alternativa Evoluções promissoras dos agricultores convencionais

Nesta tarde, participamos de uma atividade notável e interessante. Simplesmente promissora! E isto também é digno de relatar nas crônicas sobre soja. O que, há alguns anos, parecia impossível, agora, de repente, faz parte do possível: agricultores interessados em alternativas para as importações da monocultura de milho e soja.

Blivo, ‘centro especializado em agroecologia’(1), organizou – em colaboração com *De Ploeg* [O Arado], em Herselt – uma tarde no campo de demonstração de novas técnicas, principalmente o consórcio de gramíneas-trevo.

‘Gramíneas-trevo’ era uma prática tradicional conhecida dos agricultores até as décadas de 60 e 70 mas que, devido ao ‘progresso’ e em virtude do baixo custo da importação de proteínas, foi considerada ultrapassada. Desde então, Flandres passaria a ser conhecida por seus eternos campos de milho (principalmente como fonte de energia para os animais) associados à importação via marítima de soja e outras fontes de proteínas. Ambas as culturas são, em ambos os lados do oceano, facilmente mecanizáveis desde o plantio, passando pelo combate de pragas e doenças (muito agrotóxico), pela fertilização até a colheita. A paisagem mudou, uma monotonia ‘globalizada’ com planícies cobertas de milho nos países baixos [Holanda e Bélgica] e monocultura da soja em países como o Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia.

Anteriormente, os Estados Unidos da América já haviam vivenciado esta tendência uniformizadora com muitas conseqüências ecológicas, culturais e sociais (1).

Somente os agricultores orgânicos ainda utilizavam o consórcio ‘gramíneas-trevo’ em seu plano de rotação. Agora Blivo, depois de ter sido durante dez anos o centro especializado em agricultura orgânica, se rebatizou como ‘centro especializado em agroecologia’.

‘Agroecologia’, um termo que também é utilizado no Brasil e cujo significado é muito mais holístico do que ‘sem química’. Blivo quer colocar o conhecimento da agricultura orgânica moderna em Flandres a serviço do ‘agricultor convencional’ que, gradativamente, está evoluindo para uma agricultura menos intensiva, mas melhor do ponto de vista econômico e ecológico. E foi isto que aconteceu nesta tarde na *De Ploeg*.

O que está acontecendo? Por que esse interesse repentino dos agricultores?

Uma conjunção de diversos fatores:

- 1 - A ração concentrada, da qual a soja é um ingrediente importante, tornou-se muito cara nos últimos anos e não tornará a ficar mais barata no curto prazo.
- 2 - A revisão da política agrícola implica num novo regulamento acerca do bônus pago para plantio de milho a partir de 2005. O bônus por hectare finalmente será extinto.
- 3 - A Ministra Vera Dua, do governo de coalizão predominantemente liberal, social-democrata e ambientalista – em fim de mandato, propôs – a partir de 1º de janeiro de 2004 – um bônus considerável por hectare para quem converter a lavoura de milho em gramíneas-trevo.

Em colaboração com o engenheiro Wim Govaerts, *De Ploeg* já está, há mais tempo, realizando experimentos visando uma agricultura mais econômica e também mais ecológica. No ano em curso, 2004, eles tomaram uma medida drástica: converteram 20 hectares para o consórcio milagroso de ‘gramíneas-trevo’. O trevo pode, em associação com bactérias nas raízes, fixar o nitrogênio atmosférico e, além disso, é uma importante fonte de proteínas. Esta capacidade de fixação de nitrogênio, de baixo custo, é comparável àquela da outra leguminosa chamada soja.

Vou poupar-lhe dos detalhes técnicos. Para estes, você pode consultar o dossiê da Blivo e Ronny Aerts, do próprio *De Ploeg*.

O fato é que raramente vi os agricultores ouvindo com tanta atenção quanto nesta tarde. O percurso ainda é longo e este depoimento terá que ser repetido inúmeras vezes aqui em Flandres (3). Esperamos que o novo governo, que logo tomará posse, também se dê conta disso. Certamente, a receptividade dos agricultores é promissora. Além disso, num campo de demonstração, pode-se ver, sentir e cheirar.

E os agricultores disseram que estava bom. Muito bom.

Alguns dias mais tarde, uma cegonha pousou em *De Ploeg*.

Será que as novas práticas agrícolas – a Sabedoria do passado – realmente poderão nascer no século XXI?

3 de junho de 2004.

- (1) Ver publicação da série '*Teelttechnieken agro-ecologie*' [Técnicas de cultivo agroecológicas]: '*Goedkoop dier- en milieuvriendelijk melken*' [Ordenha de baixo custo, preservando o bem-estar animal e o ambiente], Biofórum e Blivo, Uitbreidingstraat 470, 2600 Berchem; consultor de empresas para pecuária de leite: wim.govaerts@bioconsult.be ; 0477/774 695. Nesta publicação você também encontrará mais informações sobre a rede de cooperação *De Ploeg*. Entre em contato pelo e-mail: De.Ploeg1@pandora.be
- (2) Ver *Wervelkrant* [Jornal de Wervel] '*(Ver)binden mest en pest onze drie landen*' [Esterco e doenças unem(unificam) nossos três países⁵], Maastricht 1998.
- (3) Greenpeace deu continuidade ao tema e iniciou sua campanha por uma pecuária de leite sem OGMs na fazenda de *De Ploeg*. No dia 7 de junho de 2005, eles lançaram dois livretos: *Zuivere melk* [Leite puro], parte 1: Produção de leite sem OGMs: sustentável e barato, Greenpeace, junho de 2005; *Zuivere melk* [Leite puro], parte 2: Evite os OGMs mudando a forma de cultivo, Greenpeace, junho de 2005.

⁵Nota do tradutor: Os três países aos quais o autor se refere são Alemanha, Holanda e Bélgica.

A crise China-soja

Numa das crônicas anteriores mencionei a explosão do preço da soja no final de 2003. Uma das principais causas é a demanda crescente da China. Ontem à noite cheguei em São Paulo para participar do UNCTAD XI (*Eleventh United Nations Conference on Trade and Development* [Décima Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento]) e qual é a primeira notícia que vejo no jornal ‘O Estado de S. Paulo’? Exatamente: o preço internacional da soja está sob forte pressão. A situação pode ser comparada ao curto pico nos preços que observamos por ocasião do famoso ‘roubo de grãos’ no ano de 1973. Naquela época, os mercados também ostentaram – por um curto período – preços elevados, enquanto os agricultores recebiam preços ‘normais’. É por isso que o episódio foi registrado como ‘o grande roubo de grãos’. Ao contrário do que ocorreu no ano da primeira crise do petróleo, à primeira vista as multinacionais (Cargill, ADM, Bunge, Louis Dreyfus) e os exportadores brasileiros (Noble Grain, Bianchini, Irmãos Trevisan) ainda não estão obtendo nenhuma vantagem. Devido à crise, o Brasil já deixou de arrecadar, desde 12 de maio de 2004, US\$ 1 bilhão procedentes das exportações. Para o agricultor, o preço da saca de soja baixou dramaticamente em poucas semanas.

O que está acontecendo?

Antes do plantio, as sementes para soja convencional são tratadas com fungicidas. Às vezes, estas sementes tratadas são misturadas aos grãos da colheita subsequente. Os chineses resolveram dar um basta nisso. Eles estão aumentando o rigor na fiscalização de resíduos de agrotóxicos na soja e estão recusando cargas de soja com contaminação superior a um grão por quilo. As empresas chinesas exigem até ‘contaminação zero’, ao passo que a norma em vigor nos EUA é de três grãos por quilo. No dia 9 de junho, o Brasil editou normas mais rigorosas do que as dos EUA na esperança de manter a vantagem em relação aos EUA na China. Nas últimas semanas, foram recusadas cerca de 239 mil toneladas de soja brasileira. Um quadro junto ao texto (‘Cronologia da crise’) apresenta alguns números estarrecedores:

Exportação de soja em grão e óleo para China:

2001: US\$ 542,5 milhões;

2002: US\$ 950,3 milhões;

2003: US\$ 1,583 bilhão.

Durante muitos anos, Roterdã – portanto, a União Européia – foi o principal comprador de soja. Em curto espaço de tempo, este lugar foi ocupado pela China, pelo menos no que se refere à importação de soja em grão (1). Cerca de 30% da soja (em grão) brasileira está sendo canalizada, via marítima, para a China. Dos Estados Unidos (40%) e da Argentina (75%!), o fluxo é ainda mais intenso. Por isso, é interessante observar que os argentinos propõem, nos últimos tempos, uma ‘Opep da soja’. Os brasileiros até simpatizam com a idéia, mas não estão dispostos a entrar no mesmo barco com seu maior rival em termos de soja, os Estados Unidos. Pode-se dizer que é irônico iniciar uma discussão, fazendo analogia com os países produtores de petróleo, de uma ‘Opep’ de soja. O cultivo da soja em grande escala é ‘o’ modelo para as práticas agrícolas agroindustriais, que exigem uma injeção de energia irresponsavelmente elevada.

OMC e soja

Para quem ainda não enxergou a relação com a ampliação da ‘liberalização’ do comércio mundial: em 1999, a China resolveu entrar na Organização Mundial do Comércio – OMC. A adesão entrou em vigor, efetivamente, a partir de... 2001. As conseqüências são enormes, tanto em termos de importações quanto em termos de desaparecimento de milhões de agricultores na China. Para o Brasil, aparentemente, as conseqüências também não devem ser

subestimadas: um ‘boom’ de soja (o mesmo jornal informa a previsão americana de uma safra recorde de soja, de 66 milhões de toneladas para 2004-2005; em 2003-2004 a safra foi de ‘apenas’ 52,6 milhões de toneladas); aumento no desmatamento na região amazônica de 18 mil km² ao ano para 25 mil km² em 2002 e 2003; aumento no preço da terra (para plantio de soja) que triplicou no Rio Grande do Sul e dobrou no Paraná; continuidade do êxodo rural dos agricultores familiares.

Será que o Brasil não aprendeu nada com sua própria história de exportação?

Ouvi hoje o brasileiro e Secretário Geral da UNCTAD, Rubens Ricupero, lembrar que, em 1950, o café representava 73% das exportações e hoje, em 2004, representa apenas 4%. É evidente que a economia brasileira, hoje, é mais diferenciada mas – com a soja – este subcontinente está dando sinais de que pretende não só se dedicar a um único produto como também vender para um único país. E isto torna a situação e a formação de preço duplamente precária.

Neste mesmo dia, a ‘Folha de São Paulo’ apresenta um artigo digno de nota sobre a queda nos preços. Um estudo da OCDE – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico – afirma que, nos próximos dez anos, a produção agrícola mundial terá um aumento maior do que o consumo. O título destaca de maneira sinistra: ‘Estudo projeta queda nos preços agrícolas’. Para o trigo, a previsão é de um aumento no consumo de 1,2% ao ano, enquanto a produção aumentaria com 1,8%. Para o farelo de soja, o aumento previsto é de 2,6%, tanto do consumo quanto da produção. Para óleos de origem vegetal: 2,9% consumo e 3% produção.

O que vai ser do camponês senegalês? Atualmente ele recebe apenas um terço (1/3) do que recebia em 1950 por seus grãos. Quanto receberá em 2014?

A crise atual está relacionada com a rejeição imprevista da China e com a supersafra esperada nos EUA. Isto foi suficiente para, imediatamente, pressionar o preço da soja. O que não quer dizer que o pecuarista na Europa deva pagar, automaticamente, menos por seu complexo protéico...

Ouço Marek Poznanski, da ONG *Collectif Stratégies Alimentaires* - CSA [Coletivo de Estratégias Alimentares] perguntar a Ricupero: “Por que não podemos fazer nada contra a queda dos preços? Os povos não têm o direito de se alimentar, proteger seus preços e seus mercados?” Ricupero responde que, de fato, no passado havia acordos sobre preços como o do acordo internacional do café. O mecanismo estava longe de ser perfeito, mas é infinitamente melhor do que a situação atual de preços aviltados. “Mas, infelizmente”, ele acrescenta, “o vento das políticas sopra, hoje, de outra direção. Não há ouvidos para isso.”

OMC ultrapassa UNCTAD

De fato, bem aqui em São Paulo, China, Brasil, Índia, Estados Unidos e União Européia apelam a UNCTAD para ‘desbloquear’ as negociações sobre agricultura na OMC. Pela primeira vez, desde a criação do GATT – *General Agreement on Tariffs and Trade* [Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio] (1947) e, posteriormente, a OMC (1995), surgiu – em Cancún (México, setembro de 2003) – um movimento de resistência organizada a partir do G-20. O presidente Lula é claramente o líder deste G-20 (Grupo dos 20). O problema é que a visão de exportação de países como o Brasil é a mesma dos EUA e da UE (2). Nas negociações pensa-se antes em termos de um conflito Norte – Sul do que a partir de um conflito entre dois modelos agrícolas. Em seu próprio âmbito, o governo Lula institucionalizou este conflito criando um ‘Ministério do Agronegócio’ e um ‘Ministério da Agricultura Familiar’. Devido à dívida externa e à necessidade de recursos, é óbvio qual modelo será beneficiado pelas negociações..., uma agricultura cujo crescimento anual, no

Brasil, é bem maior do que o restante da economia. Atualmente, 80% das exportações brasileiras estão ligadas ao agronegócio.

Se a OMC for desbloqueada, é porque a agricultura de exportação saiu vitoriosa. Desde a Rodada do Uruguai, do GATT (1986-1994), UNCTAD perdeu muitas de suas plumas e está condenada a uma existência impotente e inativa. Será que a UNCTAD reencontrará seu papel na atual São Paulo de Lula ou será um aliado que não acrescenta nada?

11 de junho de 2004.

- (1) Há muita confusão em torno de ‘soja e números’. É por isso que aqui se menciona expressamente tratar-se de ‘soja em grão’, não processada. É que no mercado mundial também são comercializados óleo e farelo de soja. Os números destes são bem distintos.
- (2) Ver: *Wervelforum* [Fórum de Wervel] 6, ‘*WTO en landbouw. Voedselsoevereiniteit als alternatief*’ [OMC e agricultura: Soberania alimentar como alternativa], verão de 2004. Uma publicação no âmbito do projeto de intercâmbio Fetraf-sul/CUT (Brasil) e Wervel (Flandres) em relação à formação de uma visão acerca da OMC e fluxos de proteínas.

Soja e o lobo bravo

Esta será uma crônica distinta, mais pessoal.

Nas noites em que faço palestras, afirmo freqüentemente: “Uma pessoa não vive só de análises”. Em seguida, começo a cantar. Às vezes, recebo alguns olhares estranhos mas, em geral, as pessoas despertam e reagem com: “Nossa, que canção bonita...”

É importante compreender a complexidade de muitas situações, a relação entre as coisas, etc..., mas só a análise paralisa as pessoas. A formulação de alternativas pode ajudar, dá perspectiva. Poesia, canto, teatro, dança, festa devolvem o fôlego. Os brasileiros são nossos exemplos nisso. E, na verdade, todos os povos do Sul. Recentemente, pude tomar parte nisso durante o congresso quadrienal da Via Campesina, em São Paulo. Foi uma experiência impressionante, com 400 representantes de 130 organizações de 76 países. Eles representam cerca de 200 milhões de pessoas: camponeses, agricultores familiares, ‘*campesinos*’ de todos os tipos. Às vezes, são organizações numerosas, principalmente na Ásia. Tomei café da manhã com um nepalês. “Quantas pessoas participam do seu movimento?”, perguntei cautelosamente. “Um milhão!”, foi a resposta orgulhosa. Da KRRS, uma das muitas organizações da Índia: 4 milhões. Nós aqui da Fetraf-sul, no sul do Brasil, somos modestos: 84 mil pessoas. Mas, sem pânico: agora, entre os dias 12 e 16 de julho de 2004, teremos na capital Brasília o primeiro encontro nacional, com 3 mil lideranças rurais de todo Brasil. A intenção é criar, no final de novembro de 2005, uma Fetraf-Brasil. E, então, também representaremos milhões.

Os dias do congresso têm início, pelas manhãs, com uma ‘mística’: um misto de simbologia verbal, canto, silêncio, dança, bandeiras, fotos. Na verdade, em qualquer momento do dia, é possível que alguém comece a entoar uma canção ou puxar uma palavra de ordem, a tocar um violão ou a dançar. A mística, a alma, nunca está distante. É parte da natureza do povo. Lá em Flandres nós precisamos criar grupos temáticos específicos, no estilo de ‘a alma da agricultura’ (1).

Voltando ao espírito dos brasileiros

Infelizmente a alma também pode mirrar, americanizar-se. Foi o presenciei ontem à noite. Triste de ver, mas também educativo.

Quem me conhece um pouco sabe que, no domingo à noite, sempre fico um pouco perdido, quando não participo do serviço religioso vespertino, cercado pelos muros seguros do mosteiro. E quando eu, após uma semana de andanças, não sinto o calor da ‘hora do trago’ com meus confrades. Para mim isto significa apreciar, tranqüilamente, um caneco e meio de Tripel⁶. Há sempre alguém disposto a dividir uma Westmalle⁷.

Este sentimento de solidão também me sobrevinha quando eu morava sozinho em Bruxelas. Mais especificamente, nas poucas vezes em que, no domingo à tarde, por motivo de força maior, eu não podia empreender a viagem de trem e bicicleta para Averbode. Em Guarapuava, no Brasil, não é diferente. Durante a semana não me incomoda. Mas a noite de domingo traz esta sensação de necessidade vital de lançar âncora. Um ritual que se renova. Se este ritmo é quebrado, ocorre um momento de desorientação. E nos restam tão poucas formalidades, tão poucos rituais. Será que é por isso que, socialmente, às vezes temos a sensação de estarmos sem rumo? Será que é isto o que eu estou sentindo por todo o corpo? Na verdade este vazio/esta dor é uma benção que te estimula a refletir sobre a vida e a convivência. Esta solidão relativa te confronta com as raízes de sua existência e, em mim, me instiga a escrever. Escrever como uma dádiva, que te surpreende.

⁶ Nota do tradutor: chope produzido pelos monges trapistas belgas

⁷ Nota do tradutor: marca do mesmo chope

Decido dar uma volta, em direção a ‘Van Gogh’. Não é uma fuga. Eu sempre gostei de Van Gogh: sua vida, sua paixão, sua tragédia. E, pelo jeito, não sou só eu. Ao longo dos anos, encontrei muitas pessoas fascinadas por Vincent: sua vida, suas pinturas, suas cartas ao irmão Theo. Vincent, eternamente em busca, que vivenciava simultaneamente o social e o individual, um possuído que descrevia ambos representando-os em cores vibrantes. Como pregador e devido a sua opção pelos pobres, ele definhava em Borinage. Naquela região carbonífera, na Valônia [Bélgica], ele vivia com Sien, uma prostituta. Depois, partiu para a França. Foi na França que ele pintou seus ciprestes flamejantes e outros quadros infernais. Também foi aqui que ele, num ato desesperado, cortou sua própria orelha. Quando, entre os períodos ‘Borinage’ e ‘França’, passou um curto período em sua terra natal, ele pintou, em 1885, o mundialmente famoso quadro ‘Os comedores de batatas’. São uma reminiscência de sua região natal Nuenen, próxima a Eindhoven. Com uma imagem ele retrata, com perfeição, a situação social no século XIX. Dá até para estabelecer um elo com a América. Durante a grande crise da batata (provocada pela doença da batata *Phytophthora infestans*), só na Irlanda morreram um milhão de pessoas. Muitos imigraram para os Estados Unidos da América. Alemães, suíços, italianos buscaram a sorte no sul do Brasil (2). Vamos deixar claro que não pretendo seguir o exemplo de Vincent em tudo. Aliás, infelizmente não recebi o dom da pintura.

Filhotes de lobo em uma 4 x 4

Guarapuava (‘lobo bravo’, no idioma Guarani) tem a melhor pizzaria do continente. Chama-se ‘Van Gogh’. A pizza é melhor do que em qualquer pizzaria na Europa. Caminho pela Rua XV, a rua principal do que outrora foram os campos. Os campos que formavam o território do lobo. O lobo não existe mais. Os campos no sul do Brasil, que tinham algo de mar infinito, também não existem mais. O que, em 2000, ainda vi como campos floridos, revejo agora, em 2002, transformados em lavouras de soja. O preço internacional do dólar é atraente demais para impedir que o Ouro Verde (3) faça seu trabalho. O lobo bravo pode estar quase extinto, mas na Rua Quinze, você encontra com cada mais frequência, outras espécies de lobo bravo. Ou, principalmente, seus filhotes.

O que a polícia está fazendo aqui? Por que há fila aqui, no domingo à noite?

O desfile para lá e para cá parece ocorrer nas imediações de um ‘rock bowling’. Este é o ‘point’ da moda. A cada 20 metros encontra-se um grupo de jovens encostados num carro de porta-malas aberto, envolvidos por música no volume máximo. Cada grupo é uma discoteca em si. Cada carro tem sua música e seu próprio bar. São carros comuns. Não há muito a comentar sobre os mesmos. Mas a fila, esta é outra história. A polícia está nos lugares onde não há necessidade. Isto também é ritual. Onde o trânsito foi interrompido, a causa da fila, não há nenhum policial à vista. Mas não há impaciência. Não se ouvem buzinas. O objetivo é, claramente, ver e ser visto. Deixe que o outro passe à minha frente e interrompa o fluxo. Enquanto isso, meu Ford, minha Mitsubishi ou Chevrolet 4 x 4 está sendo admirado. Não, não a ‘minha’ 4 x 4, mas o carrão de luxo do papai. O papai que enche os campos de soja, que derruba os últimos remanescentes de mata de araucária e ganha muito dinheiro. Como lobos bravos eles devoram tudo o que encontram pela frente. A grande diferença é que os lobos nativos da região mantinham o equilíbrio do ecossistema na região. Os novos lobos destroem a biodiversidade, afugentam a fauna, poluem as águas, exaurem o solo. O verdadeiro agricultor e sua família estão acuados. Até mesmo o gado, após séculos de domínio, teve que ceder espaço para o grão milagroso. Os filhotes de lobo reúnem-se no domingo à noite nas caríssimas 4 x 4. De seus carros-discotecas-bares, os outros observam. Um ser humano, um povo, tem necessidade de rituais.

Meu vizinho Jairo apareceu no jornal deste domingo. Ele trabalha para o Instituto Ambiental do Paraná (IAP). Jairo: “Originalmente, 40% da área do estado do Paraná era coberta com exuberantes florestas de araucária. Entre 1995 e 2000, a região perdeu 4,34% - ou seja, 177 mil hectares de área verde. Em 2002, somente 0,8% da floresta estava em bom estado de conservação. Isto representa cerca de 60 mil hectares. Atualmente, já deve ser muito menos. Mais 700 mil hectares ainda estão cobertos com floresta que já foi explorada. Há muito corte ilegal de árvores pelas grandes madeireiras. Como piratas modernos eles invadem as florestas, armados de motosserras. Por um metro cúbico de pinheiro (árvore-símbolo do Paraná) – cortado ilegalmente, eles recebem R\$ 150; por madeira nobre, imbuia, R\$ 500. Além disso, o preço da soja está interessante demais para não transformar uma floresta ou campo em lavoura de soja. Uma fazenda sem pinheiros, ‘limpa’ para o plantio de soja, vale quatro vezes mais do que uma propriedade com as imponentes árvores preservadas. Se forem flagrados, a multa é de apenas R\$ 300 por árvore. É fácil fazer a conta.”

O que Vincent Van Gogh retrataria hoje?

Um ser humano não vive só de análise. Saboreio a pizza e afogo minha tristeza num copo de vinho tinto, num restaurante vazio. Tristeza por tanta destruição provocada pelo que as análises dos movimentos sociais aqui chamam – sem pudores – de capitalismo. Lágrimas provocadas por tanta falta de rumo das cabeças, dos corações, na Rua Quinze, no Brasil, na Europa. De mim mesmo.

Os brasileiros jantam tarde. Após as 20 horas, os primeiros fregueses começam a chegar. Eu já estou de volta à Rua Quinze. Eu olho e observo. Os filhotes de lobo em suas 4 x 4 estão radiantes. Eles estão sendo vistos e adorados. A região finalmente está progredindo. Graças a seus pais, os lobos ousados. Acabou-se aquela ‘bagunça’ de campos, lobos, florestas, papagaios, tucanos, gralhas-azuis, silêncio, introspecção. Viva a soja!

Como Van Gogh retrataria esta alegria? Ou será que é um drama? Um drama diferente daquele vivido pelos comedores de batatas europeus? No século XIX, muitos fugiram para a América. Em busca de uma vida melhor. Do ‘Novo Mundo’.

É este o mundo novo, diferente, do século XXI?

‘Um outro mundo é possível’, cantamos em coro, na missa solene anual pela globalização alternativa, em Porto Alegre.

Mas aqui é Guarapuava. Aqui, o deus ‘Capital’ comemora sua vitória mundial.

Andarilho, monge peregrino, monge ‘surfador’

Na calçada há um andarilho maltrapilho e miserável. Com seus pés descalços, ele lembra um monge: desajustado à vida convencional. À vida conformada, ditada pela burguesia. Ele lança um olhar simultaneamente curioso e divertido para o desfile. O mendigo, o monge praticam outros tipos de rituais. Sinto uma conexão com ele.

Antes de ir dormir, dou uma ‘surfada’ em direção ao mundo virtual de www.wervel.be. Vejo que, logo antes de mim, o site foi visitado por um argentino. Seria porque, após os brasileiros, esta semana foi a vez dos argentinos sofrerem o golpe do embargo de sua soja? Nesta semana houve uma trégua (até quando?) na briga da soja entre China e Brasil. O Paraná espera poder continuar suas exportações a todo vapor, embora já estejam se conscientizando de que o Brasil adotou uma posição muito dependente dos caprichos imprevisíveis dos chineses. A Argentina exporta 75% de sua soja para a China. Desde há poucos dias, são eles que estão tremendo de medo.

Será que na Argentina os filhotes de lobo também desfilam nas 4 x 4 do papai na frente de um ‘rock bowling’?

Ou será que eles têm outros rituais?

28 de junho de 2004.

Postscriptum, 15 de junho de 2005:

Que um fazendeiro compre uma 4 x 4, ainda é compreensível. É evidente que é uma forma de exibir sua riqueza, mas o objeto de consumo também tem uma função. No interior do Brasil, ainda há muitas estradas de terra. Embora desfilem brilhando na cidade, seu jipe de luxo apresenta, regularmente, manchas de barro. Na Europa é diferente. A mania do 4 x 4 também é geral, da Itália à Suécia, embora, no final de 2005, a moda já estivesse passando. Nos últimos anos, a Bélgica também teve uma explosão nas vendas, por um lado devido à moda, por outro em virtude de vantagens tributárias: impostos menores. É que o veículo pode ser registrado como um caminhão pequeno. Isto mudou em 2005 e a preferência já parece ter diminuído. Enquanto isso, para os fanáticos, a salvação está a caminho. Como uma 4 x 4 lustrosa parece ostentação, o britânico Colin Dowse lançou no mercado o *'Spray on Mud'* ['lança barro']. O motorista consciente pode agora utilizar este produto para 'provar' que possui o veículo por necessidade.

Dowse: "As vendas estão de vento em popa. Principalmente nas regiões mais abastadas da Grã-Bretanha, o 'lança barro' é um sucesso. E Londres é a campeã de vendas."

Alienação completa e generalizada. Vamos continuar aprofundando nosso grupo temático 'Alma da agricultura'. Ou devemos transformá-lo em 'Alma da sociedade'?

Os filhotes tornam-se lobos. Será que eles, algum dia, se tornarão sensíveis ao aspecto mais profundo da vida, agricultura e alimentos?

- (1) Wervel tem vários grupos temáticos. 'Alma da agricultura' propõe fazer uma abordagem temática de 'agricultura e espiritualidade' no grupo de trabalho pluralista que é Wervel.
- (2) Ver: Luc Vankrunkelsven, *'De patat en de boon'* ['A batata-frita e o feijão'], p. 90-92 em: *'Brazilië: spiegel van Europa? Op zoek naar eigen spirituele bronnen.'* ['Brasil: espelho da Europa? Em busca de suas próprias fontes espirituais.'] Dabar/Heeswijk, 2000.
- (3) No início de 2004, a 'Articulação Soja', na Holanda, lançou um DVD interessante sobre o crescente fenômeno da soja. Título: *'Het Groene Goud'* ['O Ouro Verde']. Pode ser adquirido na secretaria de Wervel. Ver também: www.bothends.org

Argentina supera a crise ‘graças’ ... à soja

Na crônica sobre o lobo bravo, eu me perguntava se os filhotes de lobo na Argentina também rodam nesses Chevrolets 4 x 4. A ‘Folha de S. Paulo’ de hoje traz a resposta libertadora: “Os sinais de evolução do agronegócio também são visíveis nas fazendas. Os veículos velhos e sem manutenção que rodavam nas estradas – efeito da dura crise econômica que assolou o país nos últimos anos – contrastam com camionetes cheias de barro. Elas estão a serviço das fazendas, mas são jipes de última geração.”

O que está acontecendo? Em 2001, a Argentina foi lançada numa profunda crise econômica. Era um dos alunos mais aplicados do FMI (Fundo Monetário Internacional) com suas receitas rígidas. E, também por isso, foi duramente castigada, embora também haja causas internas para a catástrofe.

Folha: “Dois anos depois dos brasileiros, agora é a vez dos argentinos avançarem no agronegócio. Dois fatores foram fundamentais para este progresso”, afirma um tal de Javier Urquiza, subsecretário de Economia da *Secretaria de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentos*. “O primeiro é o fruto da política interna: o fim da paridade um peso = um dólar, no final de 2001, o que deu competitividade aos produtos argentinos. O segundo motivo são os bons preços das ‘commodities’, que elevam a renda dos produtores. A salvação dos argentinos – a exemplo do que ocorreu no Brasil – é, principalmente, na soja. O produto ocupou o lugar de outros grãos e da pecuária. Os argentinos destinam 16,3 milhões de hectares de terras agrícolas para a produção de oleaginosas (soja, girassol, etc.). A soja já ocupa 87% desta área. O girassol, presença forte durante dez anos na área rural da Argentina, ocupa, atualmente, meros 1,8 milhão de hectares (11% da área de sementes oleaginosas).”

Metamorfose da área rural

Omar Etcheverry, um produtor de Navarro: “A soja está ganhando terreno em minha região. O girassol recua e, nesta safra, o milho perdeu 10% da área para a soja. O mesmo ocorre com o gado. A ocupação dos pastos pela soja obriga-nos a vender os animais ainda muito jovens. Muitas matrizes também estão sendo abatidas. Mas, devido à concorrência da soja, o produtor faz as contas e vê que não leva prejuízo com a venda. Os animais pesam de 240 quilos a 280 quilos e rendem de US\$ 0,70 a 0,80/kg. Se eu esperar mais oito meses, os animais pesarão 480 quilos, mas receberei US\$ 0,60/kg e ainda tenho o custo adicional da ração.”

Pastos que dão lugar a um único produto agrícola: onde foi que já vimos esse filme antes? Em 1992, devido à reforma da política agrícola europeia implementada por McSharry (na época Comissário Europeu para Agricultura), o milho passou a receber subsídios na Europa. Muitos pastos, às vezes centenários, foram rasgados pelos arados. Novamente, ‘globalização’ da paisagem: a América está coberta de soja; a Europa, de milho. Desde 1992, quando você vai de Bruxelas para o litoral, no final de agosto, a viagem é feita entre ‘cercas vivas’ de milho. O cenário pode mudar em 2005, porque haverá profundas mudanças no sistema de subsídios da União Europeia.

Não só a soja

A euforia de Etcheverry não o impede de falar sobre o passado: “Há três anos, pensei em parar. Nós sobrevivíamos, mas muitos caíram ao longo do caminho devido a problemas financeiros e climáticos.” O homem comprou muitas terras de seus vizinhos, que jogaram a toalha. O segredo de Etcheverry é que ele não põe seus ovos todos na mesma cesta. Ele produz grãos, cria gado, comercializa grãos, exporta. Ele tem uma fábrica de ração e uma revenda de máquinas agrícolas. Tudo na sua própria fazenda. Os bons resultados do agronegócio argentino também impulsionam outros setores. Por exemplo, a revenda máquinas agrícolas de Etcheverry vendeu nos últimos seis meses mais do que nos seis anos anteriores.

A *New Holland*, líder de venda em máquinas agrícolas no Brasil, escolheu a Argentina para lançar seu mais novo modelo. A maior colheitadeira da América Latina: a CS660. Ela tem uma plataforma de 9 metros, um reservatório para 9 mil litros de grãos, um motor de 280 PK. A máquina pode colher 3,6 mil sacas de 60 kg/dia. O preço varia entre R\$ 530 mil e R\$ 630 mil, dependendo do modelo (1).

Quem ainda tem coragem de contestar que há um abismo, não, uma guerra entre a agricultura familiar e o agronegócio de grande escala, produtivista, voltado para exportação? (2)

29 de junho de 2004.

(1) No dia 29 de junho de 2004, a cotação do euro era R\$ 3,68; do dólar era R\$ 3,035.

(2) Mais alguns dados:

- aumento na participação da soja no total das exportações da Argentina:
1995: 19,74%; 1998: 20,92%; 1999: 25,33%; 2000: 25,06%; 2001: 29,04%; 2002: 29,91% (!); 2003: 34,36% (!) [(!) = dados provisórios].
- *exportação de farelo de soja*: 1995: 6,89 milhões de toneladas; 1997: 8,14; 1999: 13,10; 2001: 14,62; 2003: 18,43 milhões de toneladas (!)
- *exportação de soja em grão*: 1995: 2,52 milhões de toneladas; 1997: 0,48; 1999: 3,05; 2001: 7,35; 2003: 8,65 milhões de toneladas (!)
- *exportação de óleo de soja*: 1995: 1,52 milhões de toneladas; 1997: 1,91; 1999: 2,94; 2001: 3,22; 2003: 4,03 milhões de toneladas (!)

Se o preço da soja, no mercado internacional, continuar em US\$ 200 por tonelada, o lucro por aqui será grande. Maior do que no Paraná, Brasil. Na Argentina, a produção é de 3 mil kg/ha, o custo de produção equivale a 800 kg a 900 kg. O resto é lucro. No Paraná, a produção por hectare também é 3 mil kg, mas é necessário o equivalente de 1,7 mil kg até 1,9 mil kg para cobrir o custo de produção. Na Argentina, ainda não há focos de ‘ferrugem asiática’, enquanto, nos últimos anos, a ferrugem asiática parece estar se vingando da monocultura no Brasil. Como os argentinos plantam principalmente soja transgênica, tudo o que eles precisam fazer é aplicar uma ou duas vezes glifosato (Roundup, da Monsanto) nas suas lavouras e pronto.

No caso do milho, o custo de produção consome o equivalente a 3,5 mil kg, mas a produção é de 9 mil kg/ha. Seu preço, porém, é pouco mais do que um terço (1/3) daquele da soja e os custos de transporte tornam o produto menos competitivo do que a soja.

Soja e Agricultura Familiar

Nos últimos dias, tenho me preparado para uma entrevista com um dos patriarcas da teologia da libertação, José Comblin. No final da década de 60 ele já falava da ‘teologia camponesa’. A título de preparação para esta conversa, estou lendo – fascinado – o livro ‘A esperança dos pobres vive’ (editora Paulus, 2003). É uma enorme coletânea de textos escritos pelos amigos e amigas de Comblin, em homenagem aos 80 anos do sacerdote de Bruxelas [Bélgica]. Para minha grande surpresa, deparei-me com a introdução da contribuição, em espanhol, de Thomas Bamats. Ele começa com um alerta de Martin Luther King a seus companheiros, na década de 60: “Cuidado com o efeito paralisante da análise”. Em espanhol, o alerta é ainda mais sonoro: “*parálisis del análisis*”. Analisar é necessário, mas fôlego para viver também. Portanto: nesta série de crônicas sobre soja também há lugar para sinais de esperança.

Ainda assim, um pouco daquela análise imprescindível

Está ocorrendo um conflito planetário entre a agricultura familiar autônoma e a agricultura produtivista heterônoma enquanto parte da agroindústria multinacional. No Brasil não é diferente. Acrescente-se a isso que este subcontinente é campeão de concentração de terras. A soja, enquanto carro-chefe do que aqui é chamada – sem complexos – de ‘agricultura capitalista de exportação’, aguça ainda mais esse processo histórico. Recentemente, foi lançado uma cartilha da Via Campesina: A Política Destrutiva do Banco Mundial para a Reforma Agrária no Brasil⁸. Nesta cartilha, o Brasil é descrito como: “Latifúndios com mais de mil hectares = 1% das propriedades; porém, ocupam 45% das terras agrícolas. Entre 1970 e 1996, a proporção (sejamos francos, o grau de concentração de terras) mudou: o número de propriedades com menos de cem hectares passou de 90,8% para 89,3%, mas sua área total diminuiu em 20%. Os latifúndios aumentaram de 0,7% para 1% das propriedades e sua área passou de 39,5% para 45% de todas as terras agrícolas.”

“Soja lidera – O resultado positivo das exportações, em 2003, deve-se ao crescimento das vendas em todos os grupos de produtos, à melhoria nos preços internacionais das principais matérias-primas e à abertura de novos mercados. No total, as exportações de soja cresceram 35,2%, de US\$ 6,008 bilhões (2002) para US\$ 8,125 bilhões (2003) (detalhando este aumento, a soja em grão contribuiu com 41,5%, o farelo de soja com 18,3% e o óleo de soja bruto com 54,3%).”

E no texto ‘A modernidade e a posição do Brasil no capitalismo globalizado’, do professor titular do departamento de geografia da FFLCH-USP Ariovaldo Umbelino de Oliveira, (parte do material didático de Fetrafsul, em colaboração com Wervel) encontra-se o seguinte trecho: “Segundo o último Censo Agrário, de 1996, a agricultura familiar ainda produzia 31% da soja. Isto certamente está em declínio, mas um novo censo ainda precisa ser realizado.”

China: berço da soja

Mesmo assim... cuidado com o sentimento de paralisia ao fazer estas análises. Há muito de bom a dizer, mesmo sobre a soja. Há mais de 5 mil anos, a soja é uma planta sagrada para os chineses. É bem verdade que eles importam soja transgênica dos EUA, Argentina e do sul do Brasil, mas eles são muito rigorosos com suas próprias lavouras de soja. A soja importada destina-se somente para transformação em óleo e farelo de soja. A China é o berço dessa planta milagrosa. Os chineses possuem a maior agrobiodiversidade do mundo no que diz respeito a esta espécie, com elevados teores de óleo e proteínas.

Foram outros asiáticos, os japoneses, que introduziram a soja no Brasil, muito antes da Revolução Verde imposta aqui pelo Banco Mundial, no final da década de 60 e início da

⁸ Nota do tradutor: disponível no site: www.social.org.br/cartilhas/cartilha003.htm

década de 70. Foi devido a esta revolução ‘verde’ que a planta sagrada foi absorvida pela lógica do capitalismo globalizado.

Agroecologia como um novo caminho

Dos 900 mil agricultores familiares nos estados do sul do Brasil, cerca de 230 mil incluem a soja em seus planos de rotação de culturas. Principalmente os minifúndios de Santa Catarina e Paraná utilizam esta cultura de modo bastante criativo. Como outras leguminosas, a soja é capaz de – em simbiose com bactérias nas raízes – fixar, gratuitamente, o nitrogênio do ar. Devido à propaganda ‘verde’ da época e aos créditos baratos do Banco Mundial, os agricultores tornaram-se parcialmente dependentes – heterônomos – das indústrias fornecedoras de sementes e de toda sorte de produtos químicos. No livro de Sebastião Pinheiro (1), redigido de modo bastante didático, lê-se que os agricultores, há dez anos, redescobriram o caminho da agroecologia. Para eles é um modo de vida e produção em sintonia com a natureza, mas também é uma expressão de sua forte determinação de readquirirem independência em relação às multinacionais de sementes, produtos químicos e organismos geneticamente manipulados, lideradas pela Monsanto.

Mesmo num sistema agroflorestal (2), a soja pode ocupar uma posição modesta. Estou digitando esta crônica na propriedade de Agnes Vercauteren, situada no município de Turvo, PR. Tradicionalmente esta é uma região de florestas, onde os agricultores moram e criam o gado dentro da floresta. À margem da floresta eles cultivavam, antigamente, seu feijão e suas verduras. Nas últimas décadas, a tradição foi um pouco modificada pela ‘modernidade’, mas grande parte da floresta permanece de pé. Graças ao fato de ser uma região com relevo bastante acidentado e com afloramento de rochas e solo muito ácido, o gado ainda pode se deliciar nas florestas de araucária.

A propriedade tem 61 hectares, cuja maior parte é ocupada por floresta aberta, onde as vacas pastam num sistema rotativo. Algumas áreas foram cercadas, formando uma reserva natural permanente. Lá, as espécies vulneráveis, como o xaxim pré-histórico e as palmeiras, podem tranquilamente produzir mudas para a regeneração natural. Três áreas formam os pastos, onde é semeado aveia e azevém para o inverno. É que os invernos aqui podem ser rigorosos e, neste caso, o gado encontra pouco alimento na floresta. O pasto maior será cultivado neste verão com... soja. Desta maneira, seu cultivo foi inserido de forma equilibrada no sistema de produção agroecológico, que está – no sentido literal e figurado – a quilômetros de distância da monocultura da soja que se inicia na região de Guarapuava. O pasto não é utilizado no verão, a soja proporciona uma renda adicional e fixa nitrogênio para si e para o cultivo de azevém e aveia no inverno. E um agricultor vizinho com pouca terra também é beneficiado. Ele tem autorização para usar a terra e realiza o trabalho de plantio e colheita.

A Serra da Esperança

Jairo, meu vizinho em Guarapuava, me contou que dentro de alguns dias será realizada uma importante reunião para melhorar a preservação na região. A expectativa é de que a ‘Serra da Esperança’ seja decretada uma Área de Proteção Ambiental, estendendo-se até aqui, no Turvo (PR), onde o desmatamento e a agricultura somente poderão ser realizados mediante uma série de restrições.

Ainda há esperança. Quando vejo o corte raso neste país, ainda encontro consolo nas árvores e florestas que permanecem de pé. As lágrimas existem. Raiva e tristeza por causa de tanta destruição, também. Mas, finalmente, há a ‘Esperança’. Afinal, nós flamengos não podemos falar muito. Amanhã, comemora-se em Flandres o dia 11 de julho de 1302. Já no século XIII

– portanto, ainda antes do *Guldensporenslag* ['Batalha das Esporas Douradas'] – grande parte de Flandres já havia sido desmatada.

Agora só resta esperar que, algum dia, os gaúchos também se convertam. No Rio Grande do Sul, muitos agricultores familiares também se deliciam com a monocultura da soja. Eles participam do jogo da Monsanto. Desde 1996, eles contrabandeiam, da Argentina, sementes de soja geneticamente modificada '*Roundup-Ready*'. Atualmente, cerca de 90% da soja neste estado é transgênica. O cultivo de soja orgânica tornou-se quase impossível. Além disso, eles sentem a compulsão missionária de divulgar, para todo o Brasil, os benefícios da soja. Como descendentes de europeus – principalmente, de alemães e italianos – eles se sentem enviados. Como 'missionários', eles derrubam as florestas desde o Centro-Oeste até a Amazônia. O que vale a pena imitar dos gaúchos é a expansão da 'agroindústria familiar'. Nos últimos anos, surgiram no Rio Grande do Sul e nos outros estados do sul do Brasil diversos tipos de processamento, feitos pelos agricultores, em sistemas cooperativos ou não. Assim os agricultores conseguem resistir a multinacionais, como Nestlé e Parmalat, mas eles também conseguem manter mais valor agregado na área rural e na agricultura familiar. É interessante observar como, neste ambiente carnívoro (3), agora a soja também é transformada em diversos produtos para consumo humano. A 'pegada ecológica' é reduzida pelo consumo direto de proteína vegetal. E os agricultores não são mais reduzidos a meros fornecedores de matérias-primas. Não, eles geram novos trabalhos em seu meio. Há '*Esperança*', mas certamente vou perguntar ao pai da 'teologia camponesa' o que ele quer dizer com a muito utilizada palavra 'missão'.

Será que existe algo como missão para a vida e missão para a morte?

10 de julho de 2004.

- (1) Wervelforum 5: '*Landbouw, markt voor chemische wapenindustrie in vreedstijd?*', 2002, do gaúcho Sebastião Pinheiro. [título em português: 'Cartilha dos agrotóxicos'. Canoas, RS: Fundação Juquira Candiru, COOLMÉIA, 1998. 66 p., com ilustrações de Eugênio de Faria Neves]
- (2) Leia mais sobre este modelo agrícola inspirador e restaurador em: '*Water? Bedek die grond!*' ['Água? Cubra o solo!'], no livro '*En toch...een andere wereld is mogelijk. Porto Alegre: de basis in beweging*' [Ainda assim... um outro mundo é possível. Porto Alegre: a base em movimento], Dabar/Heeswijk, 2002, de Luc Vankrunkelsven, p. 134-138. Wervel também tem um grupo temático sobre 'Agrossilvicultura'; contatos com: jeroenwatte@chello.be
- (3) O Brasil é o segundo maior consumidor de carne do mundo, depois dos Estados Unidos da América.

Iraque, soja, *Pinus* e *Eucalyptus*

O que soja tem a ver com o Iraque? Nada.

O que a soja tem a ver com o pinheiro americano – *Pinus* – e com o eucalipto? Muito.

O que o pinheiro americano tem a ver com o Iraque? Mais ainda.

Agricultura, pesca e reflorestamento.

Se a soja é o ‘carro-chefe’ da agricultura capitalista de exportação, então o pinus e o eucalipto são os símbolos do reflorestamento capitalista (1). Ou, se você preferir, dos deuses ‘Capitalismo’ e ‘Mercado Mundial’. Em si, a soja é uma planta extraordinária, como o pinus e o eucalipto são árvores extraordinárias. Além disso, ambas espécies possuem muitas propriedades medicinais secretas. Por isso, são utilizadas por muitos povos para fins medicinais e em rituais.

Sim, eu posso até enxergar a beleza de uma alameda cercada de eucaliptos ou uma árvore isolada de pinus. O problema é o elevado grau de homogeneidade nos plantios. Assim como o capitalismo, globalmente, invade, devagar e sempre (?), todos os domínios de vida, assim o pinus e o eucalipto ocupam a biodiversidade das florestas e savanas (campos). Enquanto, no Paraná, a araucária gosta de ocupar a floresta junto com a imbuia e mais uma dezena de outras espécies, arbustos, borboletas, insetos e numerosas aves, mamíferos, répteis, etc, o pinus tem a tendência de, após algumas décadas, homogeneizar uma região. Graças a seu crescimento rápido e reto – ou seja, lucro rápido – ele é amplamente empregado nos programas de reflorestamento. Trata-se, na verdade, de uma ‘rearborização’. Não se trata de uma floresta viva. Depois de 12 anos, pode-se fazer a colheita. Atualmente, a renda por hectare já seria maior do que a da produção anual de soja. Conseqüência? As terras de fácil mecanização foram cobertas, nos últimos 30 anos, com soja. Agora chegou a vez dos solos mais ácidos, geralmente de relevo mais acidentado e com afloramentos de rochas. Grandes empresas, freqüentemente multinacionais, compram essas terras e as cobrem com plantios de pinus. Mas, mesmo sem plantio, o pinus se espalha e expulsa outras espécies.

Nas regiões onde, desde o século XIX (ou até antes), houve colonização (Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo) e onde o capitalismo ocupa a vida de maneira mais intensa, é onde hoje se encontra a menor biodiversidade. Em regiões recém-desbravadas, os plantios de pinus têm início ao longo das rodovias, próximos a postos policiais e de combustível. Em seguida, a espécie se espalha rapidamente pela disseminação de sementes pelo vento. O eucalipto e – cada vez mais – o pinus dominam a paisagem. Se não houver nenhuma intervenção, dentro de 30 anos regiões inteiras terão uma paisagem totalmente diferente. Dentro de cem anos restarão somente desertos verdes de soja e florestas McDonalds com duas espécies de árvores. Em Flandres e na Holanda, quem dá o tom é o choupo canadense (*Populus x canadensis*, híbrido de *P. nigra x P. deltoides*). Mas antes do choupo canadense havia em nossa região o *Pinus sylvestris* L. Em cerca de 1540, ele foi plantado pela primeira vez em Diest. Na Holanda há, atualmente, programas para erradicar estes reflorestamentos homogêneos de pinus, dos séculos XIX e XX, e deixar que a natureza restaure a biodiversidade. Será que daqui a cem anos os assim chamados ‘países em desenvolvimento’ terão que adotar medidas drásticas similares?

‘Greenwashing’/‘Gatopardismo Ambiental’ (2)

O irmão australiano, o eucalipto, também é um glutão de crescimento rápido. Uma árvore adulta pode absorver, facilmente, 700 litros de água por dia. Nos estados de São Paulo e Espírito Santo, há enormes plantios homogêneos de eucalipto para a indústria de celulose e papel. Como, ao longo de quilômetros, só se encontra uma espécie de árvore, as áreas reflorestadas exigem muita aplicação de agrotóxicos. Caso contrário, doenças e insetos

destruiriam a ‘colheita’. Não há necessidade de herbicidas para controlar o sub-bosque. Disso o próprio eucalipto se encarrega: nesses plantios homogêneos não se observa nem uma folha de gramínea, é óbvio que outras espécies arbóreas não têm nenhuma chance.

Quando os plantios homogêneos de pinus são colhidos, a casca é removida ainda na floresta. Para evitar apodrecimento, as extremidades dos troncos são mergulhadas em um forte veneno à base de metais pesados. Enquanto, durante a colheita, ocorre a exploração da mão-de-obra barata, a serragem das madeiras é usada na avicultura. Esterco e serragem se misturam e são aplicados nas lavouras. Isto se tornará um problema, principalmente na horticultura.

Metais pesados contaminam os solos, os lençóis freáticos e os alimentos. Portanto, é simultaneamente um problema ambiental e social. O cúmulo é que tais florestas nos ‘países em desenvolvimento’ são emprestadas por países e empresas ocidentais para capturar CO₂. Assim eles podem, ao mesmo tempo, cumprir suas obrigações em relação ao ‘efeito estufa’ e manter ou aumentar as emissões de sua crescente indústria. O governo belga participa ativamente deste programa de ‘compra de ar puro’. Nem me fale de ‘capitalismo maquiado’ e ‘medidas vazias’!

Aqui no Paraná, se você for um jogador esperto, você pode ganhar três vezes com o pinus: você pode receber um subsídio particular para o plantio, se você plantar – no lugar daquele que cortou as árvores – oito mudas por metro cúbico de madeira cortada; você recebe dinheiro de países ocidentais que querem comprar créditos de carbono; você colhe depois de 12 anos e reinicia o ciclo.

Enquanto isso, os Estados Unidos continuam consumindo 25% de todos os combustíveis fósseis disponíveis.

Enquanto isso, acumulam-se estudos demonstrando que – devido ao efeito estufa – a produção mundial de alimentos diminui e que, além disso, condições climáticas cada vez mais imprevisíveis ameaçam ainda mais a agricultura.

Enquanto isso... suas árvores para papel são mais fortes do que o trigo para o pão. Eles resistem aos vendavais e suportam sem problemas os períodos de estiagem. São, portanto, um investimento seguro.

E o que é que o pinus tem a ver com o Iraque?

Bem, nos últimos anos, os Estados Unidos da América começaram a importar em grande escala a madeira do Paraná para... a reconstrução do Iraque. Os próprios EUA estão tomados por uma febre de construção civil, mas a destruição do Iraque também parece favorecer as grandes construtoras por trás de Bush. Agora que a safra de soja está colhida, a exportação de madeira – principalmente produtos feitos com pinus – é a segunda fonte de ingressos que faz com que a balança comercial se mantenha positiva. O Paraná é responsável por 39% de todos os produtos de madeira (beneficiada, principalmente na forma de chapas de compensado) exportados pelo Brasil. A participação do Paraná aumentou em 47% nas vendas para os EUA. Nos primeiros cinco meses do ano, foram negociados US\$ 1,067 bilhão, dos quais 40% para os EUA. Em 2004, o Paraná espera exportar produtos de madeira no valor de US\$ 1 bilhão. Uma fábrica aqui em Ponta Grossa vendeu, nos últimos meses, 20 vezes mais madeira para os EUA do que o normal. A caixa registradora está cheia porque, devido à enorme demanda, os preços no mercado internacional também subiram.

Outros compradores importantes são o Reino Unido e... a Bélgica. É, a Bélgica, mesmo que nosso país não tenha nenhuma participação política na guerra no Iraque. Eu acho que a ligação deve ser buscada junto aos três herdeiros da outrora historicamente importante cultura do linho na Flandres Ocidental [*West Vlaanderen*]. O cultivo e as indústrias do linho definham mas, desde a década de 60 do século XX, transformaram-se na: indústria de ração animal (entre outros, com as importações de soja do Brasil; graças à concentração de poder

das empresas que operam no sistema de produção integrada, 2 milhões de suínos concentram-se nas granjas em Flandres Ocidental), na fábrica do mercador de tapetes De Clerck (que também tem uma fábrica em Ponta Grossa, www.beaulieu.com.br) e a produção de chapas de compensado (resíduo do linho mas, cada vez mais, principalmente pinus). Os três ramos da indústria têm, portanto, suas raízes (ou seriam suas garras?) no Brasil.

Empobrecimento da (agro)biodiversidade

O que a soja, o pinus e o eucalipto têm em comum é que empobrecem a biodiversidade e a agrobiodiversidade. Uma para ração animal, óleo comestível e, dentro em breve, biodiesel para caminhões, ônibus e trens. Os outros fornecem celulose, papel e uma grande gama de produtos derivados de madeira. Os metais pesados encontrados nos agrotóxicos utilizados na monocultura intensiva da soja são os mesmos que – via floresta de pinus e horticultura – contaminam os lençóis freáticos. Em todo o mundo, as monoculturas anuais representam um duplo estímulo ao corte raso e ao desmatamento. Por um lado, corta-se a floresta para plantar, por exemplo, soja. Por outro lado, os baixos preços por estas ‘*commodities*’ levam a mais desmatamento, com a desculpa de que é necessário compensar a perda nos ingressos.

O que mais eles têm em comum? A homogeneidade e monocultura podem ser substituídas, parcialmente, por uma das espécies agrícolas mais antigas. Especificamente, pelo cânhamo. Depois da soja, o cânhamo tem o maior teor de proteínas. E, na produção de papel, o cânhamo concorre de igual para igual com os reflorestamentos homogêneos. Uma contribuição interessante de Jan Evert de Groot ‘*Heeft Hennepvezel nog toekomst in Nederland?*’ [A fibra de cânhamo ainda tem futuro na Holanda?] desperta o entusiasmo de qualquer um por esta alternativa. Também na França, Suíça, Canadá e nos Estados Unidos, o interesse começa a crescer. É só digitar ‘Chanvre’ ou ‘Hemp’ no site de buscas Google e um novo mundo se abrirá para você.

Ainda há vida depois da soja e do pinus?

Aqui e ali estão ocorrendo algumas conversões. A natureza nos dá uma mãozinha. Há alguns anos, a ferrugem asiática castiga as monoculturas de soja. Um primata, o macaco-prego, está atacando as plantações de pinus. Como seu habitat diminuiu muito e ele não encontra mais os frutos necessários para sua alimentação, ele está recorrendo às mudas de pinus.

É como se a ferrugem asiática e o macaco-prego estivessem reivindicando por restauração. Pela volta da (agro)biodiversidade.

18 de julho de 2004.

- (1) Assim como há um conflito entre dois modelos agrícolas e dois modelos de pesca, também há conflito entre dois modelos de silvicultura. Simultaneamente com a Revolução Verde que, no início da década de 70, impôs a monocultura da soja, o governo brasileiro deu subsídios para o plantio de pinus e eucalipto. Os plantios homogêneos destas duas espécies exóticas são, portanto, parte do Paradigma da Revolução Verde. Os subsídios permaneceram até o início a década de 80. Entre 2003 e 2004, foram exportados – pelo Brasil – produtos de madeira beneficiada de pinus no valor de US\$ 5,75 bilhões, enquanto todo o complexo soja foi responsável por US\$ 8,76 bilhões. Em 2003, o Brasil não conseguiu atender à demanda crescente de matéria-prima de pinus. Faltaram 11,3 milhões de m³ de pinus para garantir a produção de chapas de compensado e outros materiais. A participação do Paraná neste ‘déficit’ é de 6,6 milhões de m³. Não obstante, este estado tem 605 mil hectares plantados com pinus, 33% da área plantada no Brasil com esta espécie e 12% de todo

o, assim chamado, reflorestamento no país. Para 2020, está previsto um déficit de 27 milhões de m³. No mercado mundial são comercializados US\$ 132 bilhões de madeira beneficiada. É uma das dez maiores atividades comerciais deste planeta.

O passado colonial continua tendo reflexos no sistema tributário: produtos industrializados têm tributação menor do que alimentos. O enorme volume de exportações rende, proporcionalmente, poucos ingressos para o estado. Do total de impostos arrecadados, somente 2% são originários das exportações. O governo Lula reduziu, em julho de 2004, os impostos sobre alimentos da cesta básica e sobre fertilizantes/agrotóxicos para estas culturas.

- (2) O pesquisador ambiental Roberto Guimarães criou uma feliz expressão – o ‘Gatopardismo Pós-Moderno’ – para mostrar os motivos pelos quais todos concordam que a sustentabilidade pode ser a salvação do planeta mas, na hora de substituir a ‘Economia Predadora’ pelo ‘Desenvolvimento Sustentável’, a maioria desconversa e apresenta o argumento surrado de sempre: “precisamos produzir mais para acabar com a fome do mundo”. <http://www.sema.ms.gov.br/ler.php?id=245>. Ou, como dizia um personagem do romance ‘O Leopardo’ (*‘Il Gattopardo’*, em italiano), de Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1896-1957): “Às vezes é preciso mudar alguma coisa para que tudo fique como está.” Em espanhol, também se usa ‘gatoverdismo’ – propor pequenas mudanças, trocando seis por meia dúzia.

Soja e escravidão

Os portugueses eram, primariamente, piratas que queriam dominar os sete mares, lutando contra os holandeses, franceses, espanhóis e ingleses. Desde que aportaram no Brasil, em 1500, eles consideravam o Oceano Atlântico como seu '*Mare Nostrum*'. Assim como os romanos, 1500 anos antes, viam o Mar Mediterrâneo como sendo 'seu' território.

Mesmo que o foco dos portugueses fosse o mar, logo eles começaram o ciclo econômico de saque da terra 'descoberta'. No início do século XVI, na costa, tudo girava em torno do 'pau brasil'. Esta madeira vermelha mudou o nome deste imenso país em Brasil. É que devido à união da cruz e da espada, eles haviam batizado a terra, inicialmente, de 'Terra da Santa Cruz'. Depois de terem derrubado praticamente toda a madeira, foram feitos, no Nordeste, grandes plantações de cana-de-açúcar. Em 1698, foi descoberto ouro em Ouro Preto, Minas Gerais: terceiro ciclo. No século XIX, foi o café. Este novo ouro transformou, em curto espaço de tempo, a pequena vila de São Paulo em uma megalópole no sudeste do Brasil. Atualmente moram 18 milhões de pessoas nesta cidade industrial com ares europeus, mas a febre de um novo ciclo se desenrola alhures. Nas plantações de soja no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Bahia, Maranhão, Pará, Tocantins, Goiás. Lá domina, agora, o 'Ouro Verde' (1).

E o que estes ciclos têm em comum?

O fato de que é possível ganhar muito dinheiro em curto espaço de tempo e que são escravos que fazem o trabalho. Como assim, escravos?!? Não em 2004, nas plantações de soja, não é? Espere um pouco. Primeiro fizeram os índios trabalhar, mas eles morriam feito moscas. Eles não resistiram ao trabalho escravo e às doenças trazidas pelos europeus. Logo surgiu, no século XVI, um triângulo: Brasil-Portugal-África Ocidental. Os portugueses compravam africanos dos traficantes de escravos islâmicos. Às vezes resolviam eles próprios a atividade em suas colônias no outro lado do '*Mare Nostrum*': em Angola e Moçambique. Os holandeses e os ingleses também não deixaram de participar do tráfico de escravos. As cifras relativas às deportações que ocorreram durante estes séculos variam muito. O historiador Curton relata três leques, cada um representando 3 milhões de escravos que foram acorrentados nos porões dos navios e levados para o Brasil, Caribe e Flórida. Cerca de metade destes chegava vivo. Da América Latina fluíam açúcar, ouro, prata, estanho, cacau e café na direção da Europa. Via Portugal, muitas matérias-primas iam para a Grã-Bretanha (pense na carruagem dourada da rainha!). É que, desde 1700, os britânicos haviam conseguido tornar Portugal dependente tanto política quanto economicamente. Esta dependência cresceu lentamente, já que os portugueses não dominavam o *know-how* do refino do açúcar. Por isso, enviavam o açúcar bruto na forma de rapadura para Grã-Bretanha e Holanda.

No momento em que, naquela mesma Grã-Bretanha, teve início a revolução industrial, ocorreu o auge do tráfico de escravos, no século XIX. Com o passar do tempo, os britânicos passaram a se envergonhar da escravidão e forçaram, em 1850, o fim do tráfico internacional de escravos. Para isso, contribuiu o fato de que os escravos podiam ser substituídos por máquinas na mineração e nas indústrias. A compra e a manutenção de escravos começou a ficar muito cara. Era muito mais interessante atrair e repelir trabalhadores rurais da Europa. Oficialmente, o Brasil somente aboliu a escravidão em 1888. A imigração de alemães, desde julho de 1824, entre outros, contribuiu para uma gradativa mudança na mentalidade. Eles colonizaram o sul do Brasil e mostraram que com trabalho próprio é possível construir uma comunidade e uma economia sem necessidade de explorar os escravos. Se é que eles tinham escravos, começaram a pagá-los um salário. Os alemães foram os pioneiros da agricultura familiar e introduziram um sentimento de organização contagiosa. Mesmo na história recente

surgiram organizações fortes como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) e o Sindicato de Trabalhadores Rurais Fetraf, primeiro no sul do Brasil para, em seguida, difundir nacionalmente.

Cana-de-açúcar versus beterraba-açucareira

Os trabalhadores das indústrias na Grã-Bretanha recebiam sua energia principalmente da importação barata de açúcar. Isto logo representou um problema para a França e suas colônias, onde não havia cana-de-açúcar. Além disso, os britânicos bloquearam a importação de açúcar das ‘Índias Ocidentais’, as Américas. Napoleão solucionou o problema ao iniciar o processamento de beterraba-açucareira. Afinal, o químico alemão Andreas Marggraf já havia extraído, em 1747, açúcar de beterrabas. A primeira fábrica de extração de açúcar de beterraba foi instalada em Silésia, em 1802. Após 1811, sob o comando de Napoleão, foram instaladas mais 40 fábricas na França. Foi assim que a beterraba-açucareira veio a enriquecer a rotação de cultura na Bélgica. Com a queda de Napoleão, o processamento de açúcar de beterraba também sofreu um recuo, mas em 1840 a beterraba-açucareira se espalhou rapidamente na Europa. Em 1880, a produção de beterraba já superava a produção de açúcar de cana importada. Eis aí a raiz do conflito no qual estamos envolvidos até hoje: a guerra entre a beterraba-açucareira da Europa e a cana-de-açúcar das ex-colônias (2). O conflito foi ainda intensificado pelos novos adoçantes, que surgiram graças à manipulação genética. Eles são centenas e até milhares de vezes mais doces do que açúcar de beterraba ou cana e ameaçam tirar o emprego de centenas de milhares de pessoas.

Será que após 1850 ou, melhor dizendo, após 1888, acabou a escravidão?

O Brasil tem hoje 180 milhões de habitantes. É de se perguntar se os trabalhadores rurais e os 44 milhões de brasileiros subnutridos estão em melhor situação do que os escravos no século XIX. Afinal, um escravo era um investimento e era bem tratado, como um cavalo é bem cuidado para que possa realizar seu trabalho. Evidentemente os ‘bons cuidados’ eram as sobras da alimentação dos senhores: entranhas, ossos, nervos. Também deram origem aos muito apreciados pratos da culinária atual, como feijoada, sarapatel, vatapá. A semelhança se estende aos programas de criação: mulheres sadias e fortes eram levadas para um negro reprodutor selecionado, ao qual era permitido copular para garantir a fecundação.

Agora, em 2004, observa-se os pobres revirarem as latas de lixo à procura de comida ou latinhas para reciclar. Mas, para isso, não é necessário viajar para Curitiba ou Salvador da Bahia. Na *Anspachlaan*⁹, em Bruxelas, também é possível observá-los indo de latão em latão, nem tanto pelas latinhas, mas mais em busca de comida.

O estranho é que, com o avanço da ‘fronteira agrícola’, não é só este limite que se desloca cada vez mais. Também estão sendo ultrapassados os limites no sentido do retorno de uma verdadeira escravidão. Foi a igreja católica que, já na década de 80 do século XX, deu o alerta sobre os abusos no estado do Pará. Em 2001, ela divulgou um relatório sobre as formas de escravidão modernas no Brasil. Nos últimos tempos, parece que algumas das empresas mais modernas, que dispõem de aviões para pulverização e se encontram nas áreas de produção que estão no topo da vanguarda tecnológica... fazem uso trabalho escravo.

De 1995 até início de julho de 2004, foram resgatados 11.969 trabalhadores rurais que se encontravam em ‘condição análoga à de escravo’. É assim que o Ministério do Trabalho descreve o fenômeno. Quase metade dos casos (5.224) ocorreu, novamente, no Pará. Em segundo lugar vem o estado campeão de produção de soja, Mato Grosso, com 2.435 casos; seguido da Bahia, com 1.139 casos. Depois, vêm Maranhão, Tocantins e Rondônia. Os

⁹ Nota do tradutor: longa avenida num bairro nobre de Bruxelas, capital da Bélgica e sede da União Européia.

fazendeiros não se sentem responsáveis, já que os trabalhadores são contratados para trabalhos temporários por ‘gatos’.

O relatório do Ministério do Trabalho mostra que os escravos atuais podem ser divididos em três categorias:

- o peão-de-trecho (trabalhadores errantes, sem endereço fixo nem vínculo com as famílias);
- o homem do campo que migrou para a periferia das cidades, mas ainda sobrevive da atividade rural;
- o que continua no campo, em pequenas propriedades familiares, e faz trabalhos eventuais para complementar a renda.

O peão-de-trecho é o mais vulnerável e o mais dependente do ‘gato’. O ‘gato’ arregimenta trabalhadores e oferece a eles hospedagem e transporte, fazendo com que fiquem em débito com ele. Em seguida, são seduzidos pela oferta de salário, cesta básica e alojamento. Quando chegam às fazendas, fica claro que as promessas não eram (quase totalmente) verdadeiras. Eles vivem, trabalham e moram em condições subumanas. Eles têm uma dívida com o ‘gato’ e também não podem fugir a pé já que, frequentemente, encontram-se a centenas de quilômetros de qualquer povoado. Muitas vezes os trabalhadores são controlados à mão armada, geralmente sob vigilância de segurança privada. Principalmente nas regiões mais distantes, os fiscais do Ministério do Trabalho precisam ter cuidado redobrado. Na maioria das vezes as pessoas são libertadas com apoio da Polícia Federal. Uma estação intermediária nos poucos casos de fuga bem-sucedidos é, às vezes, a CPT (Comissão Pastoral da Terra, que trabalha com questões agrárias). Este órgão da igreja católica já encontra, há anos, situações de abuso no meio rural.

Escravidão de corpos humanos e do corpo Terra

Tais formas de escravidão já ocorrem há muito tempo nas gigantescas fazendas onde se cria muito gado. Uma das empresas flagradas foi a de Evandro Mutran, na fazenda Peruano. É uma ‘empresa modelo’ com seleção genética das raças ‘Guzerá’, ‘Nelore’ e ‘Girolanda’. Possui 16.500 animais. E lá trabalhava um grupo de escravos. Na verdade, pode-se afirmar que certas formas de escravidão simplesmente continuaram desde a abolição oficial da escravidão. No século XIX, grande parte da região amazônica foi colonizada desta maneira por cearenses. Esta colonização (i)legal também tem geralmente uma longa tradição e penetra cada vez mais profundamente nas florestas. Quinta-feira, 15 de julho de 2004, foram libertados mais 70 trabalhadores na ‘Terra do Meio’. Eles trabalhavam em ‘condição análoga à de escravo’ numa área de 8 milhões de hectares, de propriedade do governo brasileiro e do estado do Pará. Estes fazendeiros ou, neste caso, ‘feitores’, são os assim chamados ‘grileiros’, que promovem o desmatamento ilegal em áreas de propriedade do governo. O problema social novamente dá as mãos ao problema ambiental. Por um lado, muita madeira é cortada, por outro, grandes áreas de floresta são simplesmente queimadas. Em 2003, foram registrados na região amazônica cerca de 120 mil focos de incêndio. Cada vez mais estudos demonstram que estes desmatamentos descontrolados resultam em mudanças climáticas que afetam todo o planeta. Concretamente já existiria uma ligação entre as queimadas no Norte do Brasil e as grandes estiagens no Sul do país, em 2003. Devido à seca, muitos agricultores tiveram sua produção reduzida em mais de 50%.

Com aceitação generalizada – e, portanto (?), não considerados escravos – há os ‘bóias-frias’. São trabalhadores sazonais, arregimentados nos estados mais pobres, para, por exemplo, o corte de cana-de-açúcar. Sua posição social é lamentável, comparável à dos coletores de beterrabas em Flandres que, até a década de 60, iam trabalhar no norte da França.

Soja e escravidão!

O mundo da soja parece, agora, explorar os benefícios da escravidão moderna. O município Sorriso, em Mato Grosso, é o maior produtor de soja do Brasil. O município foi criado há 18 anos, tem agora 52 mil habitantes e representa 18% das lavouras de grãos do Mato Grosso. O prefeito, José Domingos Fraga Filho, declara orgulhoso: “Aqui, praticamente não usamos mão-de-obra. Tudo é feito usando tecnologia de ponta.” Só de soja, foram plantados no último ano 590 mil hectares. Ainda assim, três das maiores empresas da região foram flagradas usando trabalho escravo. E trata-se do início de uma longa lista. Também foi divulgado que, em 2002, o Ministério do Trabalho libertou 153 trabalhadores da fazenda Senhor, em Dom Eliseu (Pará). A empresa é propriedade da multinacional belga Sipef. O representante da Sipef no Brasil, Joost Christian Brands Smit, negou que também era usado trabalho infantil.

Bruxelas e São Paulo

Então os belgas e outros europeus têm aqui seus interesses. Mas será que nessa mesma Bélgica a situação é muito melhor? É bem verdade que não há ‘escravos’, mas centros como ‘Pagassa’ trabalham há anos acolhendo vítimas do tráfico humano. Trata-se de pessoas que – na Ásia (entre outros, mulheres chinesas) e em outros continentes – são seduzidas com promessas e, na seqüência, são encaminhadas para a indústria do sexo ou outra qualquer do submundo. Os poloneses estão numa situação um pouco melhor (3). Eles vêm de ‘livre e espontânea vontade’ porque seu meio rural se tornou um deserto social. Há 60 mil poloneses em nosso país. Eles fugiram, principalmente, da Podlásia, no nordeste da Polônia. Antigamente eles iam para os Estados Unidos. Há 15 anos eles partem com um visto de turismo para Bruxelas. Agora eles viajam entre seu país e a capital da União Européia, da qual fazem parte desde 1º de maio de 2004. As mulheres trabalham principalmente como empregadas domésticas, os homens em reformas: não é por acaso que são atividades que são realizadas predominantemente dentro de casa. São Paulo também recebe um fluxo enorme de trabalhadores ilegais. Lá vivem e trabalham – legalmente – 18 mil bolivianos. A Pastoral do Migrante, da igreja, estima que haja outros 70 mil ilegais. O Ministério do Trabalho considera esta exploração de pessoas como a variante urbana da escravidão que ocorre no campo. Também é um ‘trabalho forçado’, ainda que seja em condições menos desumanas. Este sistema utiliza, similarmente, ‘gatos’ e a acumulação de dívidas. O ‘gato’, porém, transfere sua área de atuação para a Bolívia, onde atrai e aprisiona os ‘ratos’. E o anonimato das grandes cidades faz as vezes da distância das fazendas.

Estados Unidos

No século XIX foi criado, nos Estados Unidos, o sindicato rural ‘*Family Farmers*’ [Agricultores Familiares]. Eles se apresentavam como ‘familiares’ para deixar claro que não queriam ter nada com a escravidão. O trabalho era realizado somente pela família. Eu acho que a agricultura familiar do Brasil do século XXI tem muitos trunfos para promover sua soja pura. Agroecologia, soja não manipulada geneticamente e também respeito aos direitos humanos fazem parte dos ingredientes de uma outra realidade da soja. ‘*Family Farmers*’ é membro do movimento internacional de trabalhadores rurais Via Campesina (www.viacampesina.org). A agricultura familiar do Brasil está se organizando, agora, em nível nacional na Fetraf-Brasil (www.fetrafsul.org.br) e pactua com as teses da Via Campesina.

Uma troca de experiências entre EUA, Brasil e Europa pode fortalecer a agricultura familiar e dar uma chance à produção sustentável de soja. Escravidão não faz parte disso.

25 de julho de 2004.

- (1) A Articulação Soja, na Holanda, editou no início de 2004 um DVD de grande impacto sobre a problemática: '*Green Gold. Soya plantations encroaching on Brazilian savannah and rainforest.*' [título em português: 'O ouro verde']. www.bothends.org
- (2) Ver publicação de Wervel acerca da atual problemática do açúcar.
- (3) Sobre os poloneses (i)legais na Bélgica, leia o artigo de John Vandaele ('*De Poolse migratie smaakt zuurzoet*' [A migração polonesa tem um sabor agridoce]), na '*Mondiaal Magazine*' (*Mo**), julho de 2004, p. 20-21. www.mo.be

Soja e ervas daninhas

É sempre interessante parar para refletir sobre as palavras que usamos em nosso dia-a-dia. Por exemplo, tomemos ‘ervas daninhas’. O que são ‘ervas’ e o que são ‘ervas daninhas’.

Será que não há, por trás disso, um elevado grau de antropocentrismo?

O homem determina o que é útil e o que é daninho.

Úteis são as ervas, plantas, animais a serviço do homem.

Inúteis são as ervas daninhas, espécies silvestres e animais que usualmente não servem como alimento.

Ecossistemas? Sistemas econômicos!

Ecossistemas? Não, nunca ouvi falar. Muito menos que teriam alguma utilidade.

Ciclos econômicos? Ah, estes sim são úteis. Eu sei: estou me repetindo, mas deixe-me continuar. Aqui no Brasil, no litoral, tivemos primeiro o ‘pau-brasil’.

Depois que haviam cortado quase toda essa madeira, os portugueses trouxeram, das outras colônias, a cana-de-açúcar. No Nordeste, a vegetação inútil foi, sistematicamente, cortada e queimada. Este ciclo, que se prolonga há centenas de anos, faz com que o Brasil do século XXI ainda seja líder na produção de açúcar e que o clima no semi-árido Nordeste já esteja perturbado há séculos. Igrejas folheadas a ouro e montes sem vegetação em Ouro Preto são as tristes testemunhas do ciclo do ouro. Os turistas se encantam com as igrejas, enquanto os escravos que mineravam o ouro para esta história permanecem invisíveis. Ninguém fala das montanhas desprovidas de vegetação. Afinal, os gregos já permitiram – há 2500 anos – que suas terras férteis fossem parar no mar e, sim, a Península Ibérica também já foi desmatada há 2 mil anos atrás!

Nos séculos XIX e XX tivemos o grão/pé de café. O Santo Espírito conduziu os agricultores de Espírito Santo para as montanhas para desmatá-las. Erosão por todos os lados, lucros de todos os cantos. Até que, no século XX, os preços despencaram regularmente. Atualmente, 4 milhões de sacas de café de 60 quilos encontram-se estocadas nos armazéns do governo, numa tentativa de estabilizar os preços. Grande parte destes sacos já está armazenada há mais de 30 anos. Agora o governo quer fechar os armazéns, mas o que fazer com aqueles sacos? O mais novo ciclo nós já conhecemos. É deles que tratam estas crônicas, repetindo exaustivamente que há um problema com esta planta milagrosa.

Antropocêntrico?

É, o homem como o centro, mas o homem empreendedor, que subjuga as pessoas com menos recursos e a natureza indefesa. Transforma-os em escravos e os explora.

Eurocêntrico?

Sim, a Europa como o centro: a Europa que ‘descobriu’ outros continentes e, em seguida, os usou para seu próprio enriquecimento.

Será que ouço você suspirar: “Isto é história. Passado!”?

Será que o Mundo Ocidental – com os consumidores compulsivos de hoje – não tem uma culpa insuportável, humana e ecológica, nisso? A crônica anterior tratava de ‘soja e a escravidão de pessoas’... Será que não há algo como escravidão de sementes, água, solo, árvores, ervas, ar, insetos, bactérias, ecossistemas, cavalos, vacas, galinhas?

Vlaams Overleg Duurzame Ontwikkeling (VODO) [Fórum de Articulação para Desenvolvimento Sustentável] e *De Kleine Aarde* (NL) [A Pequena Terra] realizarão, em dezembro de 2006, em Bruxelas, um ‘Tribunal Internacional sobre Dívida Ecológica e Direitos Humanos’ (1). Eles terão – em Bruxelas, sede da União Européia – muito trabalho se quiserem analisar toda a história dos últimos 500 anos! Ou será que nestes tempos pós-modernos não podemos mais tratar sobre dívidas herdadas de tempos pré-modernos,

modernos e pós-modernos? Não acredito que estes articuladores desejam nos inculcar um novo sentimento de culpa, e sim que procuram nos oferecer ‘óculos’ para criarmos coragem para enxergar a realidade à nossa frente.

Para enxergar, aprender a enxergar: contemplar, observar, ultrapassar a cegueira.

Julgar, aprender a julgar: analisar sem buscar culpados.

Agir, aprender a agir: entrar em ação de coração, de corpo e alma.

O jesuíta e teólogo da libertação Jon Sobrino repete exaustivamente: “Eu só preciso descrever a realidade” (2). É que ele mora em El Salvador, “O Salvador”. Eles formavam, na universidade, uma comunidade de sete jesuítas. No final de 1989, seis deles foram assassinados pelos militares dentro de suas casas. Por acaso, Jon Sobrino estava no exterior. A descrição da realidade irrita os detentores do poder. E pode representar risco de vida.

E como é que ficamos em relação às ervas daninhas?

A língua portuguesa é muito reveladora: ‘mato’ são ervas daninhas e a floresta. O estado do ‘Mato Grosso’ é, literalmente: a grande floresta. As grandes ervas daninhas.

‘Mato’ diz exatamente o que aconteceu. Em 1824, chegaram os primeiros alemães e italianos no sul do Brasil. Antes disso, os portugueses já brincavam de caubói nos campos do Rio Grande do Sul. A intenção era ‘colonizar’ as regiões serranas e os planaltos, o que equivale a desmatar e queimar. Mato é aquilo que atrapalha os colonos, sejam ervas daninhas pequenas ou grandes. ‘Produtos coloniais’ são ainda hoje verdadeiros produtos artesanais, aqueles que também gostaríamos de ver na cesta de da organização ‘*Vlaamse Voedselteams*’¹⁰. É um selo de qualidade: direto do produtor.

Na verdade, deveríamos ficar felizes que – após 180 anos de desmatamento e queimadas – ainda haja, no cume de montanhas esparsas, um pouco de floresta, um pouco de mato. Vamos nos maravilhar, assim como nos surpreendemos com os fragmentos de florestas nativas nas regiões montanhosas flamengas, em Linden ou em Assent.

Quando estou a caminho de meu trabalho em Chapecó, tenho a sensação de viajar por um misto de Hageland¹¹, Alemanha e Suíça. A paisagem é tão familiarmente ‘européia’...

Somente aquelas palmeiras e alguns pinheiros esparsos ainda ‘destoam’. Os pinus e eucaliptos substituem as espécies exóticas de pinus e os choupos canadenses de nossa região. Da mesma maneira que foi globalizada a paisagem, do misto de alemães, italianos e portugueses surgiu o ‘Gaúcho’. Um homem-com-uma-missão. Não vamos falar das mulheres por ora. A partir da Revolução Verde, muitos perderam o emprego e as terras. Como vítimas desta modernização, partiram numa missão: por uma vida melhor para suas famílias e uma vida plena. Eles se sentiam e se sentem enviados por Deus e ordenados por Ele a levar Deus e o Progresso para as ‘regiões atrasadas’ onde ainda há muito mato. Na década de 80 eles transferiram sua área de atuação para o Paraná. Na década de 90, se espalharam pelo Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia. Mas, na verdade, os gaúchos – com suas cuias e bombas de chimarrão – já eram observados desde a década de 70 no Maranhão e em outros estados do Nordeste. A todos estes lugares levaram ‘paz e desenvolvimento’, não com pão e circo, mas com carne e soja. Atualmente, o churrasco é encontrado em todo o Brasil. Os jovens fugiram da zona rural de Santa Catarina para trabalhar em churrascarias e servir àqueles com poder aquisitivo grande variedade de carnes em enormes espetos. Churrascaria: o clone brasileiro dos restaurantes de batata-frita flamengos, só que com muuuuita carne. Eles só perdem para os americanos no Hemisfério Norte. Lá, as porções de carne são ainda maiores.

Aqui respirava a Grande Floresta

¹⁰ Nota do tradutor: Organização em Flandres que busca restabelecer o elo entre produtores e consumidores.

¹¹ Nota do tradutor: Região em Flandres, com relevo acidentado.

Mato Grosso. A Grande Floresta. As Grandes Ervas Daninhas. O estado é, agora, o paraíso para os grandes plantadores de soja e algodão, o governador é Blairo Maggi, um gaúcho descendente de imigrantes italianos. Ele é o maior plantador de soja do mundo, com 130 mil hectares cheios de ‘ouro verde’. Quando a voz dos movimentos ambientais ou dos agricultores familiares se faz ouvir mais forte, ele ameaça transferir seus plantios para a África. Para lá converter em dinheiro os benefícios de seu trabalho missionário.

O Pantanal – do tamanho de Portugal e a maior reserva de pássaros do mundo – fica neste mesmo Mato Grosso. Está seriamente ameaçado, pois o nível do lençol freático começa a baixar devido às lavouras de soja que o cercam (3). Mas não se preocupem: o agronegócio é o setor que mais cresce na economia brasileira. Em 2003, o faturamento cresceu 6%. E não é por acaso que, no primeiro semestre de 2004, a importação de colhedoras de algodão aumentou 1312%; de agrotóxicos, 64,29% e insumos para produção de fertilizantes, 77,56%. O ‘boom’ da soja dos últimos anos provocou um imenso desmatamento (25 mil km² de floresta amazônica por ano; parte para cultivo de soja, parte para pecuária e parte é abandonada depois da retirada da madeira e acaba degradando), uma concentração ainda maior de terras nas mãos de uma pequena elite (1% detém, atualmente, 45% das terras agricultáveis), intoxicação do meio rural, poluição do solo e das águas superficiais. Só no estado do Paraná, morreram no mesmo período – janeiro a julho de 2004 – 19 pessoas devido ao uso excessivo de agrotóxicos.

Mas do que é que estamos falando? Dívida ecológica? Pare! O Brasil tem uma dívida financeira gigantesca. A soja traz divisas para pagar os juros desta dívida. E talvez, quem sabe, chegará a vez da própria dívida.

10 de agosto de 2004.

Notícia posterior, na TV, 21/3/05: ‘Anualmente, são aplicados 182 mil toneladas de agrotóxicos nas lavouras brasileiras’.

- (1) *‘Ecological Debt and Human Rights; a new approach towards global sustainability. The International Tribunal on Ecological Debt and Human Rights.’* [Dívida Ecológica e Direitos Humanos; uma nova abordagem da sustentabilidade global. Tribunal Internacional sobre Dívida Ecológica e Direitos Humanos.] Bruxelas, dezembro 2006. Informações: [VODO \(leida@vodo.be\)](mailto:leida@vodo.be) e *‘De Kleine Aarde’* (info@dekleinearde.nl) Um dos modelos de mensuração é a ‘pegada ecológica’. *VODO* introduziu esta imagem do Canadá.
- (2) Jon Sobrino: *‘Bevrijding met geest’* [Libertação com espírito], Altiora/Averbode, 1987.
- (3) Ver *‘Ode aan de soja. Een spiritueel reisverslag’* [Ode à soja. Um relatório de viagem espiritual]. Em *TGL (Tijdschrift voor Geestelijk Leven)* [Revista para uma Vida Espiritual], março-abril 2003; 016/24 0194; info@tgl.be, www.tgl.be

Passou a euforia?

Hoje a ‘Folha de São Paulo’ publicou uma página inteira sobre nosso tema predileto: soja. Título: “PREÇOS: Soja cai e o Brasil perde competitividade”.

Parece que agora vai acontecer o que eu, há muito tempo, já previa: a história do café do século XX repete-se na variante soja. Preços em queda, com um pico ocasional de preços bons.

Chineses espertos

Agosto sempre é um mês de temerosa expectativa: “De quanto será a colheita de soja dos agricultores nos EUA?” Neste ano a expectativa é ainda mais nervosa/tensa. Enquanto cada vez mais caminhonetes 4 x 4 aumentam a insegurança nas ruas (aqui eles não param na faixa de pedestres), minha atenção é despertada pela quantidade de pessoas que compram a ‘Folha de São Paulo’ aqui em Guarapuava. É que este jornal veicula regularmente as notícias mais ‘quentes’ sobre soja.

Os nervos estão tensos, porque a ‘Ferrugem Asiática’ – no início do ano – já jogou um primeiro balde de água fria no entusiasmo. Segundo os cálculos, na última safra, os produtores já gastaram R\$ 3 bilhões adicionais na luta contra este fungo. É como se a Ásia não enviasse somente fungos, mas também jogasse areia nas engrenagens. Quando, em março de 2004, a soja alcançou um pico de US\$ 18,50 por saca (1) no porto de Paranaguá, os chineses começaram a criar caso. De repente, navios brasileiros foram recusados em maio-junho, por causa de contaminação. A intenção principal era fazer baixar os elevados preços, e nisso os chineses (2) foram razoavelmente bem-sucedidos: em junho de 2004, o preço da saca só alcançava US\$ 15,20 no mesmo porto. Espera-se que, em março de 2005, o preço seja US\$ 12.

O excesso de produção anunciado

Posso citar mais alguns números? Números que começam a causar preocupação por aqui. A América do Sul (Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia) ultrapassará pela primeira vez o patamar mágico das 100 milhões de toneladas. Para a safra de 2004-05, espera-se uma colheita de 109 milhões de toneladas. O Brasil com 66 milhões de toneladas; a Argentina com 36 milhões de toneladas; o Paraguai com 5 milhões de toneladas. O Brasil e a Argentina, juntos, pretendem plantar 37 milhões de hectares, ou seja, 150% a mais do que em 1990-1991. Agora, final de agosto, os EUA esperam colher 78,3 milhões de toneladas, número próximo do ano recorde, 2001-02, com 78,6 milhões de toneladas. Se ficar abaixo dos 78 milhões de toneladas, o pessoal aqui acredita que a queda nos preços não será tão dramática. Os agricultores ainda podem esperar até final de agosto para decidir quanto e o que irão plantar. No Mato Grosso eles podem, rapidamente, mudar para o plantio de algodão. Há um ano, os preços para esta cultura mágica também estão muito acima da média. No Paraná, a mudança é mais complicada. A ‘Folha’ ainda será bastante vendida nas próximas semanas! A própria China, que estragou a festa e jogou areia nas engrenagens das colhedoras, espera uma produção recorde de 18 milhões de toneladas para a safra 2004-05.

Tais safras recordes elevam a produção mundial a 223 milhões de toneladas e ainda nem falamos dos pequenos agricultores tailandeses, que podem colher três safras de soja por ano. Mas, desde a abertura dos mercados pactuada na ‘Rodada do Uruguai’ (1986-1994), a partir de 1995, seu mercado é ‘inundado’ pela soja barata, subsidiada, dos EUA. Uma produção de 223 milhões de toneladas é 18% a mais do que as safras anteriores, e o consumo mundial é de ‘apenas’ 209 milhões de toneladas, com um crescimento de ‘apenas’ 9% ao ano. Os estoques mundiais que, normalmente, são suficientes para dois meses; agora já podem durar três. Nem precisaria tanto para ficar nervoso. Afinal, é preciso pagar as prestações da 4 x 4 reluzente e

as caríssimas colhedoras. E o que mais? Sim, os custos ficarão muito acima daqueles de 2003. O adubo químico, por exemplo, está 30% a 35 % mais caro e seu preço não cairá tão rápido quanto o da soja. Isso para não falar dos agrotóxicos e dos 'royalties' que agora deverão ser pagos à Monsanto pela soja transgênica.

Em geral, é em agosto que se combina a maioria dos contratos para março do ano subsequente. Na Bolsa de Chicago, o preço dos contratos para março de 2005 recuou 45%. Em agosto de 2003, 35% da colheita de soja brasileira já estava vendida antes mesmo de ser plantada. No momento, este número mal chega a 5%.

Descanso para a floresta?

Mas este nervosismo em torno dos computadores e o suor frio provocado pelas calculadoras talvez traga um descanso na 'fronteira agrícola'. Com preços tão baixos, o desmatamento e a conversão de novas terras torna-se um negócio de risco. Será que depois de dois anos de desmatamentos da ordem de 25 mil km² na região amazônica poderemos retornar ao ritmo original? Ou seja, aos 18 mil km² por ano 'habituais', que representam – imagine você – somente a metade da superfície da Bélgica. Deve ser possível.

Quando o preço, nos Estados Unidos, fica abaixo de US\$ 5 por *bushel* (2), é o contribuinte norte-americano que paga a diferença. Os brasileiros realmente parecem perder competitividade, apesar do baixo preço de suas terras e de sua mão-de-obra barata. Será que, depois de quatro anos de euforia, a soja terá o mesmo destino do café e de tantas outras 'commodities'?

Será que é por isso que, no final de julho, o Ministro das Relações Exteriores esbravejou tanto em Genebra?

17 de agosto de 2004.

- (1) No Brasil, os cálculos são feitos – preferencialmente – em sacas de 60 kg, nos EUA eles calculam em *bushel* (= 27,2 kg).
- (2) A crescente importância da China na história da soja é ilustrada pelos seguintes números: em 1995-96, a participação da China no mercado mundial de soja era de 2,6%; em 2000-01 era de 24,9%, para 2004-05, espera-se uma participação de 35,5%.

Soja e... alumínio

No Brasil, a superfície da terra possui, em geral, a cor marrom-avermelhada até vermelho-fogo. Enquanto na Europa é o conteúdo de ferro que tende a ser elevado, no Brasil isto ocorre com o percentual de alumínio (Al). Isto não é um problema em si, exceto se o solo for muito ácido. Neste caso, é liberado muito alumínio, tóxico para algumas culturas. A acidez ideal (pH) é entre 6 e 7, e se o pH for menor, pode ocorrer liberação de alumínio. É por isso que a agricultura patronal de exportação precisa acrescentar tanto calcário a seus solos quando estes possuem pH menor que 6. O elevado preço da soja nos últimos anos faz com que mesmo solos extremamente ácidos sejam convertidos em áreas agrícolas. Durante séculos serviram como pastagem. Agora, o preço de custo do calcário e da energia não consegue mais se contrapor aos grandes lucros do Ouro Verde. A agricultura familiar, principalmente aquela que segue os princípios da agroecologia, soluciona este problema aplicando outras técnicas: muita rotação de culturas, adubação verde, criação de gado no sistema silvo-pastoril, etc. Quando se aumenta o teor de matéria orgânica do solo, o Al permanece fixado, do mesmo modo que permanece fixado em solos argilosos com pH entre 6 e 7.

Carajás e os benefícios do alumínio

O fato de haver muito alumínio no solo não quer dizer que este metal leve seja encontrado em qualquer lugar. Não, para isso é preciso ir à região amazônica. Em Carajás, por exemplo. Nas jazidas, o minério vermelho de bauxita é extraído. Ao contrário do minério de ferro, a matéria-prima é processada no local para obtenção do alumínio. A produção é uma atividade muito poluidora e requer muita energia. 1 % de todo consumo de energia no mundo é destinado à produção deste metal leve. Muitos projetos hidroelétricos com conseqüências sociais e ecológicas devastadoras (1) estão aqui a serviço dessa indústria. Pode-se dizer, sem medo de errar, que nas regiões de mineração da Índia e do Brasil, os grandes projetos hidrelétricos estão quase integralmente a serviço da produção de alumínio ou outra atividade de mineração/processamento. Todo o processo para transformar a bauxita numa latinha de Coca-Cola requer dez vezes mais energia do que a produção da Coca-Cola propriamente dita. Além disso, durante a eletrólise são liberados hidrocarbonetos fluoretados e fluoretos. Na propaganda, o alumínio é apresentado como “metal verde”, mas a lama vermelha, as cinzas, a poeira e as dioxinas podem ser chamadas de desastrosas. É por isso que as multinacionais preferem produzir seu “metal verde” em regiões distantes; junto aos povos indígenas. Aliás, é lá que se encontram as maiores jazidas de bauxita.

Felizmente, a reciclagem no Brasil está em franca ascensão; parte devido a considerações ecológicas mas, principalmente, devido à pobreza. Até a classe média, empobrecida, está começando a reciclar latinhas. Nos últimos anos surgiu em todo o país um ramo da atividade informal exercida por famílias que, com carrinhos, percorrem as cidades para ‘garimpar’ nas latas de lixo. Plástico, papelão, papel: tudo é levado e separado. Mas as latinhas de alumínio são as que rendem mais. Se, durante um show de música, você jogar distraidamente uma latinha no chão, ela não permanece lá nem por um minuto. Como formigas braços se movem entre a multidão em busca desse lixo valioso. A combinação de exclusão social com baixos salários e crescente consciência ambiental compõe o curioso coquetel que coloca o Brasil em *primeiro lugar* na reciclagem de latinhas de alumínio. Os brasileiros já ultrapassaram os 90% e estão chegando aos 98%. Afinal, sempre se perde uma ou outra. A enorme vantagem deste tipo de reciclagem é que a indústria pode converter 100% dessa matéria-prima no mesmo material. Por exemplo, latinhas. Ou uma bicicleta: para esta são necessárias 670 latinhas. Com garrafas de “PET” é possível fabricar postes ou roupas, mas não se pode produzir embalagens que entrarão em contato com alimentos.

Os ganhos ecológicos são enormes, já que para cada tonelada de alumínio reciclado deixa de ser necessária a extração e o processamento de 5 toneladas de bauxita. A reciclagem deste metal economiza 95% da energia que, de outra maneira, seria necessária para produzir alumínio a partir do minério de bauxita.

Neste plano, os norte-americanos têm muito para aprender com os brasileiros. Se os ianques tivessem reciclado todas as 7 milhões de toneladas de latinhas que jogaram fora entre 1990 e 2000, seria possível fabricar hoje 316 mil *Boeing's 737*. Isto representa 25 vezes mais que todos os aviões comerciais que cruzam o céu atualmente. Mas não, este material não serve só para a aviação civil. É 'indispensável' em quase todos os armamentos, de foguetes passando por explosivos até bombas atômicas. Também está presente nos desodorantes, o que afeta a pele.

Os Estados Unidos da América, a mineração e a ditadura militar

O onde é que está a curiosa relação entre alumínio e soja?

Se você buscar Carajás na internet você encontra muita informação sobre esta região situada nos estados do Pará e do Maranhão. Nesta região de mineração são encontrados minérios de ferro, bauxita, estanho, cobre, manganês e ouro, cercada pela monocultura de eucalipto, mas o movimento germano-brasileiro 'Fórum Carajás' (2) direciona suas flechas principalmente para a dobradinha alumínio e soja.

A ferramenta de busca também fornece a história de Carajás: "Os Estados Unidos da América tentam, há décadas, militarizar a região amazônica e fazer um inventário das matérias-primas. O alinhamento da Ditadura Militar (1964-1985) com os interesses dos EUA foi ideal para este propósito. Em 1967, a 'U.S. Steel Company' [Companhia Norte-Americana do Aço] fez um vôo de reconhecimento em busca de minerais. Oficialmente, o episódio foi registrado como um acidente sofrido por um geólogo cujo helicóptero caiu por falta de combustível. Ele tinha galões extras de combustível mas estava à procura de um lugar para abastecer. No meio da floresta, avistou um morro pelado e lá pousou seu helicóptero. Ele descobriu, surpreso, por que o morro não tinha árvores. Mais tarde seria determinado que 66% do subsolo era composto de ferro. Eles haviam descoberto a maior jazida de ferro do mundo. Em 1970, foi constituída uma sociedade entre o governo brasileiro (51%) e a U.S. Steel Company (49%). Na grande onda de liberalização da década de 90, esta empresa foi privatizada. Atualmente, as jazidas estão integralmente nas mãos da 'Companhia Vale do Rio Doce'."

Muitas páginas na internet sobre desrespeito aos direitos humanos, segurança privada e inacessibilidade dos sítios revelam que a companhia não age com tanta doçura quanto seu nome 'Rio Doce' sugere (3). A 'província dos minérios Carajás' é uma zona proibida, abastecida via aérea. Não há estradas para acesso direto à região. A polícia é onipresente. Enquanto isso, 16 trens abastecidos de minério deixam a Carajás diariamente rumo ao porto de São Luís (7). Lá sempre podem ser observadas as filas de navios esperando pelo embarque de minério de ferro de Carajás e da soja do Maranhão rumo à China, Japão e Europa.

Alumínio: grande consumidor de energia e hidrelétricas

A produção de alumínio teve início nos fins da década de 70 como um dos componentes da Grande Carajás.

A construção de hidrelétrica de Tucuruí, no rio Tocantins, deveria atender a grande demanda de energia elétrica. Devido à crise do petróleo de 1973, o Terceiro Mundo podia obter empréstimos baratos de petrodólares. Na nova crise do petróleo, em 1979, e principalmente depois da posse, em 1981, do presidente norte-americano Ronald Reagan e de seu Programa Guerra nas Estrelas, o dólar subiu rapidamente. Os empréstimos baratos passaram a ter de engolir juros elevados. Este megaprojeto, envolvendo a hidrelétrica e várias outras obras de

infra-estrutura para mineração, custou US\$ 62 bilhões. Junto com a maior hidrelétrica do mundo – a Itaipu no Paraná – é uma das causas da dívida externa astronômica do Brasil. Desde a inauguração de Tucuruí, em 1984, 22 mil pessoas foram obrigadas a deixar a região. Uma parte destas vítimas nunca foi indenizada pela deportação. Com Itaipu ocorreu o mesmo: indígenas da etnia Guarani (4) e milhares de agricultores foram expulsos. Junto com a expansão da soja durante da Revolução Verde daquela época, a inundação desta região no sul do Brasil é uma das causas do surgimento do MST, já há 20 anos.

A fábrica de alumínio Alcoa, em São Luís, é uma das mais importantes do mundo. Nunca falta energia elétrica para este complexo voraz, enquanto os bairros da periferia de São Luís, freqüentemente, são deixados no escuro (5).

Em 2003, o Brasil produziu 1,38 milhão de toneladas de alumínio. Mais de 50% deste total foram exportados.

Resistência e solidariedade

Há muita aflição e tormento, mas também há muita resistência e solidariedade (6).

Assim, em 2004, os sindicatos de metalúrgicos alemães celebraram 20 anos de solidariedade com seus colegas no Brasil. Para eles, Carajás é muito importante.

No dia 17 de abril de 1996, próximo a Carajás, foram assassinados 19 agricultores do MST. A ‘Via Campesina’ declarou o dia 17 de abril como o ‘dia internacional da luta agrária’. Em todo o mundo, são realizadas nesta data mobilizações cujo tema é a luta entre estes dois modelos agrícolas conflitantes e, principalmente, em defesa da reforma agrária.

O Banco Mundial (7) está sob um fogo cada vez mais cerrado, porque continua a investir em extração de óleo, gás e mineração enquanto isso – na maioria das vezes – não traz benefícios para a população local. No final de julho de 2004, o Banco Mundial comemorou 60 anos de sua fundação. Este fato memorável foi aproveitado para realizar, em todo o mundo, um dia de manifestações contra o aniversariante, o Banco Mundial. O foco era a exploração de óleo e a mineração. Atualmente, esse questionamento também se iniciou dentro do próprio Banco Mundial: ‘Será que esta é a nossa missão?’

As centenas de indígenas que morreram devido ao desmatamento, poluição e intoxicação (entre outros, devido a venenos utilizados no garimpo de ouro) geram cada vez mais solidariedade. Principalmente desde as comemorações ‘Brasil 500 anos’, em 2000, a conscientização dos povos indígenas aumentou muito. Neste ponto, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) realizou um importante trabalho de apoio.

Por fim, há o próprio ‘Fórum Carajás’ que há anos deu o alerta e lidera o movimento. No Fórum Social Mundial de 2000, eu observei algumas atividades do ‘Fórum Carajás’. Junto com o movimento ambiental latino-americano Rios Vivos (8), eles organizaram um *workshop*.

O enfoque temático simultâneo do alumínio e da soja atraiu minha atenção, caro leitor. Da mesma forma que você também, provavelmente, arqueou a sobancelha ao ler o título desta crônica.

Espiritualidade da lancheira¹²?

No início da década de 90 dei inúmeras palestras em escolas, ONGs e igrejas. Sempre tinha comigo alguns símbolos: uma latinha de Coca-Cola, um pacote de salgadinhos e uma lancheira. Toda a história da soja e do alumínio do Brasil estava naquela latinha, na lancheira e, portanto, na ausência de papel alumínio. A realidade da agricultura entrava na história por intermédio dos salgadinhos (9). Alumínio e soja realmente têm muito em comum. Pelo menos a soja dos grandes fazendeiros. Professor Eric Goewie, de Wageningen, chama este tipo de

¹²Nota do tradutor:- Muitos trabalhadores europeus têm o costume de levar seu almoço – geralmente composto de sanduíches preparados em casa e frutas – para o trabalho numa lancheira.

agricultura de ‘mineradora’: em combinação com sol, ar e terra, busca extrair do solo o máximo de produto possível. Como na mineração. Isto não tem mais muita relação com cultivar, com preservar o Planeta Terra.¹³

O alumínio é anunciado, pelas indústrias, como ‘O’ metal do século XXI. A soja é o ouro do mesmo século. Se, no ritmo atual, chegaremos até o final deste século com ambos os tipos de ouro é algo muito duvidoso.

17 de agosto de 2004.

- (1) Uma vez que, desde a década de 50 do século XX, o Brasil tem optado por atender sua demanda de energia elétrica por meio de usinas hidrelétricas, milhares de quilômetros quadrados de terra foram submersos. Centenas de projetos e, portanto, milhares de quilômetros, aguardam sua vez. Junto com isso vêm: perda de terras férteis, expulsão de povos indígenas e agricultores, redução da biodiversidade, aumento na população de pernilongos e doenças provocadas por árvores apodrecendo nos reservatórios das hidrelétricas. Como geralmente se tratam de projetos gigantescos, há um problema de democracia: o fornecimento de energia elétrica está muito distante dos habitantes da região em questão. Muitos agricultores moram próximos dos lagos das hidrelétricas mas não têm energia elétrica. Desde a década de 90, muitas centrais de energia elétrica foram parar nas mãos de multinacionais, como a franco-belga Electrabel, Lyonnaise des Eaux. A concentração de poder em poucas mãos invisíveis aumenta.
- (2) Durante muitos anos, ‘Fórum Carajás’ tinha um braço alemão e um brasileiro. Atualmente, o braço alemão está adormecido por falta de financiamento. O Fórum Brasileiro continua a trabalhar furiosamente.
Seu endereço: Rua Armando Vieira da Silva, 110
65030-130 Apeadouro – São Luís-MA.
Fone: (98) 3249 97 12; FAX: (98) 3275 42 67
E-mail: forumcarajas@forumcarajas.org.br; www.forumcarajas.org.br.
- (3) Alumínio e direitos humanos, ver: <http://www.amazonia.net/Articles/249.htm>.; informações gerais sobre a Amazônia: www.amazonia.org.br
- (4) Nas margens do lago de Itaipu moram, há 20 anos, 300 a 400 famílias da etnia indígena Guarani. Eles ocupam também a faixa de preservação de 100 metros na qual não se pode praticar a agricultura. Eles estão presos entre os ‘colonos’, agricultores familiares, e o lago ao longo de 4 quilômetros. Os Guarani vivem o ‘aqui e agora’ e são felizes. Eles dispõem, em média, de 0,9 hectare de terra na qual cultivam mandioca, milho verde e feijão. Às vezes abatem um porco e pescam no lago. Os agricultores moram na ‘sede da agricultura química’ com trator, casa, etc. Eles são estressados porque têm que pagar as dívidas e os juros, agora e no futuro. Eles dispõem, em média, de 19 hectares de terra e podem colher três safras por ano. Raramente é possível observar, em tão curta distância, dois mundos com culturas tão distintas. Principalmente com um impacto ecológico tão distinto. A pressão sobre o meio ambiente dos imigrantes da Itália, Alemanha e outros países da Europa é incomparável com as reduzidas necessidades dos povos indígenas.

¹³ Nota do tradutor: jogo de palavras com a palavra em holandês ‘boeren’ [praticar a agricultura, cultivar], derivada do alemão ‘bauern’, que significa ‘conservar’.

- (5) Nee, daarvoor is het adres te lang.
http://www.pacificislandtravel.com/south_america/brazil/about_destin/southernpara.html
- (6) http://www.jornaldomeioambiente.com.br/JMA-index_noticias.asp?id=4902
<http://members.aol.com/sozlmn/0407112.htm>.
- (7) O *site* do Banco Mundial nos informa sobre seu projeto de mineração: “O projeto é formado pela exploração de uma jazida de minério de ferro a céu aberto em Carajás, com uma capacidade de produção inicial de 35 milhões de toneladas por ano, um porto marítimo próximo da cidade de São Luís, no estado nordestino do Maranhão, que tem capacidade de receber navios com capacidade de transporte bruto de 280 mil toneladas e uma linha ferroviária simples (bitola de 1,60 m) com uma extensão de aproximadamente 890 km, fazendo a ligação entre a jazida e o porto. O projeto envolve também um plano de urbanização na região de Carajás, com a construção de habitações novas para, inicialmente, 10 mil pessoas e infra-estrutura ao longo da ferrovia (inclusive infra-estrutura ambiental e uma reserva indígena) e um programa de treinamento para funcionários. Custo na época: US\$ 304,5 milhões.”

<http://web.worldbank.org/external/projects/main?pagePK=104231&theSitePK=40941&menuPK=228424&Projectid=P006329>

- (8) ‘Rio Vivos’ é uma organização ambientalista que se preocupa principalmente com a destruição dos mananciais na América Latina:
 Coalização Rios Vivo – Secretaria Executiva:
 Rua 14 de julho, 3169
 Campo Grande – MS
 79002-333
 Brasil
 Fone/fax: (67) 324 323 rv@riosvivos.org.br; www.riosvivos.org.br
- (9) Ver: ‘Espiritualidade da lancheira’ em *TGL*, nov-dez 1991-6, p. 611-621. ‘A lancheira’ surgiu como um díptico junto com ‘A espiritualidade da sandália’, *TGL* jan-fev 1994-1, p. 21-31, reunidas no jornal *Wervelkrant ‘Van wereldvoedseloorlog naar wereldvoedselbeweging’* [Da guerra mundial por alimentos para o movimento mundial por alimentos], Wervel e *TGL*, Maastricht, 1998.

Soja transgênica

“Era uma vez um agricultor que cultivava soja no Rio Grande do Sul e que foi à cooperativa para comprar sementes de soja convencional. Ele, definitivamente, não queria sementes de soja transgênica, mesmo que até 90% da soja cultivada pelos demais gaúchos seja geneticamente modificada. Não havia sementes para pronta entrega mas, após muito procurar e perguntar, ele as conseguiu.

O agricultor plantou e colheu. E como ficou feliz! Em cada etapa, ele agia com extremo cuidado de modo que não houvesse contaminação com a soja transgênica de seus colegas. No final do trajeto, a cooperativa recebeu sua soja e fez os controles habituais com o kit de teste da Monsanto. Positivo! “O senhor usou sementes de soja Roundup-Ready e terá que pagar uma multa de R\$ 1,50/saca (ao invés dos R\$ 0,60, a título de *‘royalties’*) para Monsanto.” O agricultor ficou perplexo. O choque foi tão grande quanto o de alguém que acaba de ouvir que é HIV positivo. O tratamento dado ao agricultor anti-transgênico circulou como um rastilho de pólvora. Com medo de também serem obrigados a pagar R\$ 1,50/saca, todos os agricultores declararam sua soja transgênica, mesmo aqueles que usaram sementes de soja convencionais.

O agricultor não se conformou e, com um amigo engenheiro agrônomo, voltou à cooperativa. Eles exigiram um novo teste e – vejam só: deu negativo! O técnico havia interpretado o resultado erroneamente

Sua própria cooperativa estava fazendo o jogo da Monsanto. Será que ela se vendeu ou ela parte do pressuposto de que toda soja do Rio Grande do Sul é, automaticamente, transgênica?” (2)

‘Era uma vez...’

Parece um conto de fadas, mas não é: desde 1996 este é o pesadelo de agricultores norte-americanos e canadenses que não querem participar do jogo. Alguns deles ficaram arruinados em processos movidos contra a gigante da indústria química, Monsanto. No ano de 2004, esta possibilidade tira o sossego de muitos agricultores brasileiros que plantam soja mas querem se manter independentes dos gigantes das indústrias de sementes, químicas e de manipulação genética.

Neste mesmo ano de 1996, o agricultor Arns contrabandeou – ilegalmente – sementes de soja transgênica da Argentina para o Brasil. Ano após ano, aumentava o número de lavouras plantadas ilegalmente com soja transgênica. Eles forçaram o governo Lula a declarar ‘legal’ a safra ilegal de 2003 e 2004. Secretamente, Monsanto se divertia e deixava o barco correr, até que não houvesse mais a possibilidade de retorno fácil. A partir da safra 2003-2004, os agricultores tiveram que pagar *‘royalties’*: R\$ 0,60/saca de 60 kg. Para a safra 2004-2005, este valor já será o dobro: R\$ 1,20/saca, mesmo que as sementes não tenham sido adquiridas deles. A meta final é exigir 10% do valor da soja a título de *‘royalties’*. No último ano, o preço de fertilizantes e agrotóxicos subiu como um foguete enquanto, desde maio de 2004, o preço da soja está em rota descendente.

Lucro para o agricultor? Nos primeiros anos, sim. Depois disso: esqueça! Monsanto bate à sua porta enquanto o aumento na produtividade, após alguns anos, começa a reduzir.

Europa

Por que foi mesmo que Wervel escreveu uma ‘Carta Aberta’ ao então Ministro da Agricultura Belga Karel Pinxten? Primavera de 1996: “Sr. Ministro, atualmente planta-se nos EUA a soja Roundup-Ready. Em novembro chegará o primeiro navio na Antuérpia. O que o senhor fará, Sr. Ministro?” Nunca recebemos uma resposta, mas no ‘Dia Mundial da Alimentação’ – 16 de outubro – daquele mesmo ano, Wervel aproveitou a oportunidade para levantar a

questão da chegada da soja transgênica com uma manifestação em frente ao Edifício Berlaymont, da Comissão Européia. “Sr. Delegado na Comissão, Sra. União Européia, o que os senhores pretendem fazer?”

Algumas semanas depois, manifestantes do Greenpeace se acorrentaram ao primeiro navio com soja transgênica, que aportou na Antuérpia. Imediatamente tornou-se manchete internacional. Desde então, os transgênicos continuam a provocar agitação entre os consumidores europeus.

Paraná

Julho de 2004: está ficando claro que o governo federal irá liberar os transgênicos. Há mais de um ano, está em curso – aqui – uma guerra em torno dos transgênicos, obviamente do governo contra os movimentos ambientais, Fetraf, MST e uma série de outras organizações. Mas também entre o governo do estado do Paraná e o Ministro da Agricultura Roberto Rodriguez. O governador Roberto Requião e seu irmão Eduardo (superintendente do porto de Paranaguá) se mantêm firmes. Belos *‘outdoor’s’* foram espalhados em todo o Paraná:

“Se Paranaguá tivesse exportado soja transgênica, o Brasil teria pago US\$ 60.000.000 em royalties para a Monsanto em 2003. Mais lucro para o agricultor”.

Será que o conto de fadas irá se tornar num pesadelo completo, agora que os preços começaram a baixar e os custos a subir?

Agosto: Fetraf-Sul/CUT publica sua cartilha sobre soja social e ecologicamente (mais) sustentável. Afinal, a soja está aí, herança da ‘Revolução Verde’, desde a década de 60. Os agricultores, aqui, tornaram-se dependentes dela, mas esta dependência pode ser transformada numa independência inovadora e criativa: cultivar soja dentro de critérios previamente pactuados. Produzir soja não-transgênica é, obviamente, um dos critérios da alternativa que a agricultura familiar pretende construir e oferecer. Ela busca também o processamento próprio na ‘agroindústria familiar’, com produtos de soja para consumo humano e animal.

Bretanha

No Brasil, ‘Europa’ continua sendo um fator importante na guerra contra os transgênicos. No final de agosto – início de setembro, uma delegação oficial da França visitou o Paraná: Pascale Loget, vice-presidente da Bretanha e René Louail, presidente do sindicato rural francês *‘Confédération Paysanne’* [Confederação da Agricultura Familiar] (também representando a *‘Europese Boerenvereniging’* – CPE [Coordenadora Agrícola Européia – www.cpefarmers.org], membro da Via Campesina) visitam o governador Requião, o porto e diversos elos da cadeia produtiva da soja do estado. Bretanha detém 50% da pecuária intensiva da França (principalmente aves e suínos). Além disso, 80% dos franceses são contra produtos geneticamente manipulados. Bretanha pretende se declarar área livre de transgênicos a partir de 1º de outubro de 2004. A Áustria pretende seguir este exemplo e comprar soja somente do Paraná (2).

Os visitantes e os anfitriões têm, portanto, muitos ases nas mãos. Será uma interessante negociação político-econômica, com grande impacto em ambos os lados do oceano.

Se no plano federal a guerra política, por enquanto, está perdida, nos estados e na economia ainda há muitas batalhas que podem ser ganhas. E de baixo para cima.

Do campo à mesa. No Brasil e na Europa. A Igreja Católica Brasileira também está envolvida na luta. Na Romaria da Terra (3), de agosto de 2004, agricultores queimaram sementes que os tornavam dependentes da agroindústria. Aparentemente a mensagem causou um forte impacto, porque a Monsanto – imediatamente – usou chumbo grosso na imprensa: “A Igreja

tem a obrigação de informar as pessoas ‘objetiva’ e ‘cientificamente’. Não devem escolher partido.”

A Igreja tem a obrigação de informar as pessoas ‘objetiva’ e ‘cientificamente’. Não devem escolher partido...

Como assim?

27 de agosto de 2004.

- (1) Quem quiser saber a história completa pode dirigir-se a: Campanha Por um Brasil Livre de Transgênicos, Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa [Tel.: (21) 2253-8317 / E-mail: livredetransgenicos@aspta.org.br]. Para obter números anteriores e outros documentos, clique em: <http://www.aspta.org.br>.
- (2) Neste meio tempo já foram criadas 35 regiões livres de OGMs na Europa, que estão se organizando fortemente. Em outubro de 2005 o Paraná recebeu, novamente, uma delegação, desta vez com 35 representantes de 11 regiões da Espanha, França, Itália e Grécia.
- (3) A igreja católica no Brasil, tendo como porta-voz a CPT (Comissão Pastoral da Terra) está, desde a década de 70, muito envolvida com a problemática agrária e agrícola. Anualmente ela realiza, em cada estado, uma massiva ‘Romaria da Terra’. Esta atividade político-religiosa elege, a cada edição, um tema relacionado com a problemática da agricultura familiar ou reforma agrária. Neste ano, o tema no Paraná era claro: sementes (transgênicas). Em muitos outros estados a Romaria tratou de ‘Terra e Água’.

Alternativa para a Agricultura Familiar:
Soja produzida com critérios de sustentabilidade social e ecológica

Sexta-feira, 20 de agosto, foi dado um importante passo pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais Fetraf-Sul/CUT, no sul do Brasil. Após um intenso processo de discussão interna em nove cooperativas de agricultores, começou a ser distribuída uma bela pasta de apresentação, na qual cada encarte apresenta uma cooperativa – com seus números e forma de produção (de acordo com critérios previamente pactuados).

Elas representam 521 famílias que produzem 5590 toneladas de soja orgânica; 5736 famílias com 146.067 toneladas de soja convencional. No total, envolve 63.012 hectares de terra.

A publicação de Fetraf foi editada em português e inglês. A publicação foi viabilizada com colaboração de *Solidaridad* e *Stichting DOEN* [Fundação DOEN], da Holanda. A partir de 15 de setembro, a versão em inglês pode ser adquirida junto a *Solidaridad*. Em Flandres, pode ser obtida junto a *Wervel*, mediante pagamento de despesas de correio:

Vooruitgangsstraat 333, B-1030 Bruxelas, Bélgica; 0032 (0)2/ 203 60 29; info@wervel.be.

No Brasil: Fetraf-sul, Rua Duque de Caxias, 131D, Chapecó-SC - CEP 89802-410

secgeral@fetrafsul.org.br

Soja e transporte (1)

“Obrigado, Pai do Céu”

Brasil é ‘um país de caminhões e de ônibus’. O pára-brisa, os pára-choques ou os pára-lamas da maioria dos caminhões foi decorado com frases religiosas. Às vezes, somente uma palavra ocupa toda a largura do caminhão: ‘Jesus!’ Jesus que auxilia no transporte de soja. Veja só até no que Seu nome é usado!

Eu prefiro o céu

Este outro se dirige ao Pai: “Obrigado, Pai do Céu”. Enquanto ele, aqui na terra, circula com um caminhão de ração a serviço do sistema de produção integrada em Chapecó: para aves, perus e suínos destinados ao mercado mundial. Aves cheias de hormônios ilegais e agricultores presos a um contrato de produção. Ambiente poluído pelo esterco. Seus colegas em Flandres não riem da situação. Eles não conseguem concorrer com estas aves ‘aguadas’, que se desenvolvem tão rápido no hemisfério sul. Um país que conta com boa legislação ambiental, mas cujo cumprimento não é fiscalizado. Na pequena Flandres há muitas normas e eles são constantemente perseguidos pelos fiscais.

“Obrigado. Dirijo meus olhos para o céu. Assim não preciso ver o que estamos fazendo aqui na Terra.” A tradição judaico-cristã, introduzida aqui, é – com frequência – transformada numa religião sem os pés no chão, mas com os olhos voltados para o céu.

Entretanto, *‘religare’* significa reunir. Reunir-se com homens, com animais, com a natureza, com os elementos. Com o Sagrado. Vida, enraizada na terra. Terra. Com os pés no chão. Os povos originais, indígenas, sabiam o que é a vida terrena. Aqueles que sobreviveram à invasão perderam muito de suas tradições e sua sabedoria. Mas ainda têm lembranças. Aqui e acolá eles reencontram o caminho de volta para a Terra.

Ainda assim, a história da libertação das tradições importadas e a multiforme espiritualidade da natureza podem se enriquecer mutuamente. A história da libertação e o vínculo com a natureza estão interligados.

Mas, por enquanto, são as aves, perus e suínos que são objeto do esforço. Com os olhos voltados para o infinito, em direção ao crescimento. Voltados para a exportação para pagar as dívidas. Ou, melhor dizendo, para pagar os juros.

Soja e transporte?

A maior parte das proteínas é exportada na forma de soja em grão ou farelo de soja. Mas há, com toda razão, uma tendência de manter o valor agregado no próprio país. Por isso: criação de aves, perus e suínos, graças à abundância de soja e milho (2). Para soja a relação é: aves (20% da ração é farelo de soja), perus (30%), suínos (15%). O problema é que todo o processo está nas mãos de poucas empresas: Sadia, Perdigão, Aurora, Doux. Uma história semelhante à que ocorre no outro lado do oceano: em Flandres, uma das empresas que atua no sistema de produção integrada e o maior ‘criador’ de suínos é Danis, que determina os preços deste mercado, o ‘preço Danis’.

Do início ao final da cadeia, o ‘deus soja’, o ‘Ouro Verde’, envolve muito transporte e energia: montagem e importação de máquinas agrícolas, importação de agrotóxicos e fertilizantes que, já na fabricação, exigem uma enorme quantidade de energia; rochas calcárias, que devem ser moídas e calcário que precisa ser transportado centenas de quilômetros para corrigir o solo. Preparo do solo mecanizado: aplicação de herbicidas para dessecar o adubo verde; distribuição do calcário; plantio; aplicação de fungicidas, herbicidas e pesticidas (pode ser feito com aviões no Mato Grosso ou em estados do Nordeste); colheita e semeadura de adubo verde ou aveia/trigo/gramíneas. Transporte por rodovias frequentemente degradadas pelo tráfego. Durante a colheita e o transporte até o porto ocorre uma perda de 6%

(em algumas regiões, com as piores estradas, chega a 8%). Dos portos, os navios partem para a Europa, Japão, China, Índia. Lá ocorre a segunda etapa do transporte, da qual o exemplo mais extremo é a exportação – via aérea – de carne suína da Holanda para o Japão. Alguém tem coragem de fazer o cálculo de toda esta conversão de soja para carne até a destinação final do adubo granulado e do presunto de Parma? Um suíno, em Flandres Ocidental, alimenta-se de soja Roundup-Ready brasileiro-americana da Monsanto. O presunto é transportado de caminhão para a Itália, para ser transformado em presunto de Parma. Este produto ‘de grife’ retorna a Flandres para, em seguida, alegrar os japoneses com esta iguaria artesanal italiana.

Os transportes ferroviário e fluvial seriam alternativas para a Bacia Amazônica?

Na década de 50 do século XX, o Brasil ainda tinha uma rede ferroviária de verdade. Ela foi construída principalmente em virtude do transporte de bens do ciclo econômico anterior: minério, café, açúcar e cacau. A partir da década de 60, optou-se por investir em rodovias. A rede ferroviária foi sucateada e o número de caminhões e ônibus aumentou. Principalmente depois da onda de liberalização na década de 90, muitas estradas de ferro foram abandonadas. Agora, em 2004, quando se comemoram os 150 anos da chegada do trem ao Brasil, há cerca de 7 mil quilômetros de ferrovias abandonadas e em degradação (3). Em todo o território brasileiro há só duas regiões que ainda fazem transporte ferroviário regular de passageiros: Carajás-São Luís e Belo Horizonte-Vitória. Em ambos os casos tratam-se de ferrovias utilizadas intensivamente para o transporte de minério em direção aos portos. Saindo de Curitiba há uma linha turística que serpenteia pela serra, quando não está bloqueada pelos trens de soja. É uma das estradas de ferro mais arrojadas do mundo, construída durante o império de Dom Pedro II. As numerosas pontes foram construídas, em 1865, pelas indústrias do aço belgas.

Enquanto ecologista, sou um grande defensor do transporte ferroviário e marítimo/fluvial. O custo do transporte de trem é quase metade do transporte rodoviário; em embarcações é só 1/3 do custo. Para não falar do custo ecológico muito mais baixo. No Brasil, ninguém parece se preocupar com a poluição sonora provocada pelos caminhões que transitam em áreas residenciais ou de proteção ambiental. Ao longo dos quatro anos em que venho a este país, vi (e ouço!) o transporte rodoviário aumentar exponencialmente (4).

O trem para a China

Mesmo assim... são exatamente trens e embarcações que serão cada vez mais utilizados para acelerar a abertura do país ao mercado mundial. Os chineses compram enormes quantidades de minério de ferro mas, atualmente, vêm também construir estradas de ferro para que o produto chegue de maneira mais eficiente no navio e, portanto, na Ásia. Um megaprojeto ferroviário, que atravessa a região andina, faz parte dos planos. Dinamarqueses, líderes no mercado internacional de carne suína, introduziram um sistema de transporte fluvial no qual grandes ‘chatas’ são empurradas por um barco motorizado pelo rio Amazonas.

No estado do Maranhão, a ferrovia para o porto de São Luís é privada e está nas mãos da ‘Companhia Vale do Rio Doce’. Agora eles vão duplicar a ferrovia para o transporte de soja, lá introduzida em tempo recorde pelos gaúchos. Junto com a ferrovia serão sacrificados 300 mil hectares de terra ao novo deus. Não só a natureza precisa ceder espaço, mas também a população e sua cultura. Há séculos moram nesta região os caboclos, descendentes de índios e portugueses. Assim como nas décadas de 70 e 80 centenas de milhares de pessoas simples foram expulsas do Rio Grande do Sul pela Revolução Verde, assim – atualmente – estes caboclos com sua cultura peculiar estão sendo marginalizados. Eles são ‘amontoados’ pelos *cowboys* – agora, *sojaboys* – como troncos de árvores são amontoados pelos tratores de esteira nas margens das lavouras de soja. O trágico é que são justamente as vítimas da

‘revolução’ anterior que – 30 anos mais tarde – atropelam seus semelhantes. Tudo pelo deus ‘dólar’, com seu lema orgulhoso: *‘In God we trust’* [Confiamos em Deus].

Não posso fazer nada, mas a imagem dos Judeus que sobreviveram ao holocausto nazista para, em seguida, marginalizar os palestinos, vem a minha mente aqui com frequência.

2 de setembro de 2004.

- (1) Ver também a crônica sobre soja de 1º de fevereiro de 2004: “A expansão da exportação de soja esbarra em problemas de transporte”.
- (2) Em 2002, o Brasil contava com 185,3 milhões de cabeças de gado e 180,3 milhões de aves. Ou seja, mais gado do que aves, só que – na visão antropocêntrica acerca da vida animal – é natural que um boi tenha direito de viver mais tempo do que uma galinha. A maioria do gado só tem à disposição o pasto; não recebe – também – ração concentrada, como em Flandres. Entre 1990 e 2000, o abate de suínos cresceu 30%, chegando a 24,9 milhões de animais, ou seja, quase 2 milhões de toneladas de carne. Desde 2000, o Brasil é um grande concorrente da UE na exportação de carne suína.
- (3) Em 2003, o Brasil possuía 29,7 mil km de ferrovias, dos quais 7 mil km (27% do total) estão abandonados. As ferrovias eram, então, responsáveis por 20,9% do transporte de mercadorias, contra 60,5% por rodovias e 13,9% via fluvial. No início de 2004, fala-se de 28 mil km de ferrovias. Uma rápida comparação com números de 1994: os Estados Unidos possuem 200 mil km de ferrovias; a ex-União Soviética, 150 mil km; a Índia, 62 mil km; a China, 60 mil km; França (do mesmo tamanho do estado brasileiro de Minas Gerais), 35 mil km; e o Japão, 43 mil quilômetros.
- (4) Ponta Grossa é chamada, no Paraná, de ‘Capital dos Caminhões’. Cerca de 20 mil caminhões passam diariamente pela cidade, onde moram 4 mil caminhoneiros. Lá operam cerca de 300 firmas de transporte. O crescimento da agroindústria (o ‘agronegócio’) seduziu as firmas e os caminhoneiros a trocar seus caminhões. No primeiro semestre de 2004, foram vendidos no Paraná 25% a mais de caminhões em comparação com o mesmo período em 2003. Atualmente, cresce a idéia da construção de um ‘cerealduto’ desta mesma Ponta Grossa até o porto de Paranaguá. Este poderia escoar, em 15 horas, 3 mil toneladas de soja ou outros cereais ao longo dos 150 quilômetros que separam estas cidades. Verdadeiramente um concorrente forte para o caminhão e o trem.

Soja e água

Primeiro alguns números relacionados com água (entre outros, das Nações Unidas):

- 75% de nosso planeta é água (400 bilhões de km³).
- Somente 2,5% desta água é doce. A maior parte desta água está ‘presa’ nas calotas polares (2,086%), outras porções são subterrâneas (0,291%), encontram-se em lagos (0,0017%) ou na atmosfera (0,001%). Somente 0,01% é de acesso imediato para consumo humano. Felizmente existe o ciclo de evaporação e precipitação que, anualmente, converte e distribui 500 mil km³. Porém, a evaporação e precipitação têm distribuição bastante irregular; as reservas hídricas, portanto, variam muito de região para região.
- Restam cerca de 9 mil km³ de água doce para a humanidade. Isto é suficiente para garantir o acesso de 20 bilhões de pessoas a este direito básico. Entretanto, atualmente, 2 bilhões dos 6,1 bilhões de pessoas do mundo não dispõem de água potável. Em 2025, este número deve atingir metade da população mundial. Há, portanto, um problema político, social, ecológico e espiritual (1).
- Em 1950, havia 17 mil m³ de água à disposição para cada pessoa. Em 2004, este volume é de 7 mil m³.
- Declaração de Ismail Serageldin, vice-presidente do Banco Mundial, em 1995: “No século XXI as guerras serão por água e não tanto por petróleo ou questões políticas.” Ou: “Água será o ‘ouro azul’ do século XXI.”
- Dez países compartilham 60% das reservas hídricas, com o Brasil na liderança: 5.670 km³ no Brasil, 3.904 km³ na Rússia, China 2.880 km³, Canadá 2.850 km³, etc.
- 70% de toda água consumida vai para a agricultura (principalmente à agroindústria de exportação); 20% da água consumida na agricultura é – efetivamente – utilizada pelas plantas.
- 10% vai para o consumo doméstico; 20% para as indústrias.

O Brasil dispõe de 12% da água doce do mundo, mas a água está mal distribuída nas regiões e, principalmente, entre ricos e pobres. 80% da água doce brasileira encontra-se na Bacia Amazônica. Um novo assunto abordado nos jornais tem sido os navios marítimos do Oriente Médio que descarregam diesel na foz, em Belém, e depois enchem seus porões, ilegalmente, com água doce. Roubo de água, portanto, para regiões mais secas no mundo. O país possui um dos maiores lagos subterrâneos do mundo (o ‘Aqüífero Guarani’), no subsolo de oito estados: 1,2 milhões de km². Esta rica reserva hídrica sofre todos os tipos de ameaças, que vão desde os reflorestamentos homogêneos de eucalipto, no Espírito Santo (um eucalipto adulto retira 700 litros de água por dia do solo), passando por centenas de represas e projetos de transporte fluvial até a imensa poluição, empobrecimento e seca. A irrigação e o abastecimento de água estão, freqüentemente, nas mãos da elite. A privatização cresce.

Principalmente a Europa clama, desde a década de 80, pela privatização da água, liderada pela França (atualmente, 75% da água está nas mãos de empresas privadas, 25% ainda é pública. Em 1945, era exatamente o contrário). Devido à privatização, o preço da água aumentou 50%, entre 1990 e 1994; em alguns casos até triplicou.

As maiores multinacionais da água são: Vivendi (36,5%), Suez-Lyonnaise des Eaux (22%) e Saur (16,5%). Juntas, detêm 75% do ‘mercado de água’. Novatos nessa área são, por exemplo, Monsanto. Argumentação da diretoria: “Não só sementes são básicas, água também é.” Por isso, depois das ‘sementes’, eles investem agora em ‘água’. Desta maneira, Monsanto já detém muita água potável... na Índia.

As multinacionais e a União Européia ganharam – com o atual acordo-quadro na OMC (Genebra, 31 de julho de 2004) – uma grande batalha na guerra da água. Até o início de 2005, todos os membros da OMC devem divulgar sua posição em relação à abertura de seus mercados para ‘prestação de serviços’. ‘Venda de água’ é um dos serviços mais cobiçados. Por exemplo, em 2004, o faturamento decorrente da venda de água mineral foi de 920 milhões de euros; um aumento de 6% em relação a 2003.

Para finalizar, mais alguns números (2):

Para a produção de um quilo de alimentos são necessários muitos múltiplos deste peso em água:

- para 1 kg de trigo: 625 litros de água (555 milhões de litros por hectare).
- para 1 kg de arroz: 3 mil litros.
- para 1 kg de bife: 100 mil litros (outras fontes citam 25 mil l/kg).

Para a produção de um carro: 400 mil litros de água.

Para a produção de 1 kg de papel: 5 mil litros de água.

Um litro de óleo combustível pode poluir 50 milhões de litros de água.

Retomando: soja e água?

A explosão nas exportações de soja para a China, Europa, Japão e Índia é, essencialmente, exportação de: terras baratas, uma abundância de água e energia barata demais. A China dispõe de somente 7% das terras agricultáveis do mundo, mas abriga 20% da população mundial. O deserto de Gobi, uma grande área no centro-norte da China, avança assustadoramente. A China tenta conter a expansão do deserto e busca, simultaneamente, terras e água em outros continentes. Por isso os grandes investimentos no Brasil, já que o padrão de consumo de alimentos na China exige cada vez mais proteínas.

A União Européia, com seus (anteriormente) 15 países, abriga 6% da população mundial, mas produz 20% dos laticínios e domina 50% do mercado mundial destes produtos. Esta agricultura intensiva só é possível graças à importação de água, terra e energia na forma de ração animal.

Enquanto isso, a gestão dos recursos hídricos ameaça se descontrolar não só na Bacia Amazônica, mas em toda a América Latina. A notícia a seguir, de 29 de julho de 2004, dá o alerta:

“Desmatamento pode causar graves conseqüências para economia brasileira

A destruição da floresta amazônica pode acarretar profundas mudanças no clima de toda a América do Sul. A desertificação no norte do país poderia afetar drasticamente o sistema hidrológico do continente, criando grandes áreas secas nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil - responsáveis por 80% do PIB brasileiro. O alerta foi feito ontem pelo pesquisador Antônio Nobre, do INPA. Segundo ele, "o gado e a soja que estão chegando na Amazônia vão custar muito caro para o país". "O problema não é apenas a Amazônia se transformar em cerrado, é mais sério do que isso. Estamos falando da possibilidade da destruição do ciclo da água na América do Sul, da desertificação de São Paulo, Mato Grosso e Paraná", afirmou Nobre.”

(O Globo, 29/7, Ciência, p. 37; GM, 29/7, Meio Ambiente, p. A8; JB, 29/7, País, p. A3)

Cenários apocalípticos?

Nos últimos cinco a dez anos, 300 rios já secaram no cerrado (3), como conseqüência do cultivo intensivo de soja. Todos estão entre os mais importantes contribuintes dos grandes rios que tornam o Brasil tão rico em recursos hídricos.

Dá para ficar contente com isso?

Não é sem razão que a ‘Romaria da Terra’ elegeu a água como tema deste ano. Já que os brasileiros têm praticamente tudo em abundância (terra, água, biodiversidade, costa, florestas, etc), eles têm a tendência de levar sua vida de maneira esbanjadora e despreocupada.

Curitiba é tida, internacionalmente, como uma cidade ecológica modelo. Uma fonte de inspiração para a urbanização européia e norte-americana. Entretanto, a ‘pegada ecológica’ da classe média curitibana não é menor do que a do habitante médio de Flandres.

4 de setembro de 2004.

- (1) Ver: ‘O espírito vem pelas águas’, de Marcelo Barros, © Rede / Loyola, 2003. [título em holandês: *‘De spiritualiteit van het water’*, Altiora-Averboda, 2005].
- (2) Na comemoração de Wervel do Dia Mundial da Alimentação, Wervel e *Vredeseilanden* [‘Ilhas de Paz’] lançaram o jornal *‘Water en brood’* [‘Água e Pão’]. Nele você encontrará, entre outros, dados interessantes sobre consumo de água no mundo e a espiritualidade da água. Se a soja é chamada de ‘ouro verde’, a água pode ser considerada o ‘ouro azul’ do século XXI. Por isso o jornal também pode ser encontrado em formato eletrônico, no website de Wervel.
- (3) Ver também: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/3622108.stm>

Soja e terra

Os brasileiros têm praticamente tudo em abundância. A base desse ‘tudo’ que eles têm é: Terra. Até os menores municípios têm aqui pistas duplas para o trânsito, vias rápidas e gigantescas ‘rotatórias’. Eu fico espantado com esbanjamento no uso da terra por aqui. Enquanto flamengo, é um contraste muito forte se lembrarmos o uso intensivo que fazemos, desde a Idade Média, do restrito território de que dispomos.

Os dados

Por que reclamar por causa de 1,5 mil hectares (equivalente à área da reserva natural ‘de Merode’, entre Averbode e Westerlo [Bélgica]) a mais ou menos?!

“O Brasil possui uma área territorial de 850,2 milhões de hectares. Desta área total, as unidades de conservação ambiental ocupavam no final do ano de 2003, aproximadamente 102,1 milhões de hectares, as terras indígenas 128,5 milhões de hectares, e área total dos imóveis cadastrados no INCRA aproximadamente 420,4 milhões de hectares. Portanto, a soma total destas áreas dá um total de 651,0 milhões de hectares, o que quer dizer que há ainda no Brasil aproximadamente 199,2 milhões de hectares de terras devolutas. Ou seja, terras que podem ser consideradas a luz do direito, como terras públicas pertencentes aos Estados e a União. Mesmo se retirarmos 29,2 milhões dessa área ocupada pelas águas territoriais internas, áreas urbanas e ocupadas por rodovias, e posses que de fato deveriam ser regularizadas, ainda restam 170,0 milhões de hectares. Essas terras devolutas, portanto, públicas, estão em todos os Estados do país.”¹⁴

O estado da Bahia, por exemplo, não tem a menor idéia de quais terras pertencem ao estado e quais são propriedades particulares. É por isso que a propriedade de muitas áreas, frequentemente, é disputada por duas a três instâncias. Disputas agrárias ocorrem aqui diariamente.

Segundo o INCRA (Instituto Nacional de Cartografia e Reforma Agrária), em 2003, 4.238.421 propriedades ocupam 420.345.382 hectares. A área total das 27 maiores propriedades ocupa uma superfície equivalente à do estado de São Paulo. As 300 maiores ocupam uma área equivalente a São Paulo e Paraná juntos.

1.338.711 pequenas propriedades têm menos de 10 ha cada. Elas dispõem, em média, de 5,7 ha e ocupam 1,8% das terras agrícolas.

1.102.999 propriedades têm entre 10 ha e 25 ha. Elas possuem, em média, 17,2 ha e ocupam 4,5% das terras agrícolas disponíveis.

Os números continuam: na medida em que aumenta o tamanho em hectares, diminui – drasticamente – o número de proprietários.

É só fazer as contas e concluir que 2,4 milhões de propriedades (57,6% do total) ocupam 6% das terras, ou seja, 26,7 milhões de hectares. Menos de 70 mil propriedades (1,7%) ocupam pouco menos da metade do total de terras registradas legalmente: 183 milhões de hectares, ou 43,8%.

¹⁴ Extraído de um estudo realizado por Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Professor titular do departamento de geografia da FFLCH –USP: ‘As Contradições no Campo Brasileiro: mitos e verdades’ e do artigo ‘Mitos e verdades sobre o campo brasileiro’.

<http://www.portoalegre2003.org/publique/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/1P4OP/view.htm?user=reader&editionsectionid=79&infoid=6956>

Ao contrário do que a mídia pisa e repisa, as pequenas propriedades produzem mais e geram mais renda familiar que os latifúndios.

Entre 1985 e 1995, 1,3 milhões de hectares foram incorporados a latifúndios com mais 10 mil ha. Antes disso, pertenciam a pequenas propriedades com menos de dez hectares.

Dados do INCRA (2003) revelam que, entre 1984 e 2002 – graças a movimentos como, entre outros, do MST – 28,4 milhões de hectares foram distribuídos entre 553.928 famílias. Neste mesmo período, empresas com mais de 2 mil hectares ampliaram suas propriedades em 56 milhões de hectares.

E o que estes dados têm a ver com soja?

O Brasil é campeão mundial em ‘concentração de terras nas mãos de uma pequena elite’. Esta realidade histórica e herança da colonização portuguesa foi realçada com o drama da soja. No século XVI, enormes áreas de terras foram distribuídas entre os amigos do rei de Portugal. Um dos objetivos era impedir o avanço dos colonizadores espanhóis e, também, quebrar a resistência dos povos indígenas. No início do século XIX, foram doadas terras no sul do Brasil a várias entidades para vigiar as fronteiras com o Paraguai e a Argentina. Muitos outros simplesmente tomaram posse de regiões e, a partir de 1850, chamavam-nas de sua propriedade (1). Outros ainda repetem esta prática invadindo a floresta amazônica e as reservas indígenas para plantar soja ou criar gado.

A soja – conforme mencionamos anteriormente – é o grande acelerador dessa exclusão. Ao longo do tempo, grandes empresas se fixaram nas planícies e a agricultura familiar foi expulsa para os morros com afloramento de rochas e grandes precipícios. Os fazendeiros ordenaram o corte de quase toda a floresta; ou praticavam, desde a Revolução Verde, o assim chamado ‘reflorestamento’, com pinus e eucalipto. Nas áreas marginais, onde a agricultura familiar – literalmente marginalizada – tenta se manter, freqüentemente, ainda possuem alguma vegetação nativa. Raras vezes observei este contraste tão fortemente quanto esta semana, na vista a propriedades na região montanhosa nos arredores de Chapecó, Santa Catarina (2).

Reforma agrária?

Desde a década de 50, há um forte clamor na América Latina por reforma agrária. Na época da Guerra Fria, isto soava como uma perigosa bandeira comunista. A resposta, a partir da década de 60, não seria a tão esperada reforma agrária da Revolução Vermelha e sim a Revolução ‘Verde’. Ao invés de redistribuir as terras o problema só se agravou, justamente devido ao ‘pacote tecnológico de supersementes e agrotóxicos’. Devido aos elevados preços da soja dos últimos quatro anos, o preço da terra em algumas regiões quadruplicou. ‘Terras para soja’ no Brasil geram como reflexo em Flandres ‘terras para esterco’. As ‘febres’ em ambos os lados do oceano elevam o preço das terras a valores astronômicos. Uma fundação sem fins lucrativos, como ‘Land-in-zicht’ [Terra à vista] (3) tenta encontrar uma solução dentro da realidade de Flandres – onde há pouca terra disponível. No Brasil, o governo Lula declarou a tão esperada reforma agrária uma de suas prioridades. O problema é que isto se tornou uma operação muito cara, porque cada vez menos áreas podem ser declaradas ‘improdutivas’. Pela lei, nestes casos não pode haver desapropriação. Se, mesmo assim, o governo quiser adquirir terras para executar seu programa, esta ‘Reforma Agrária’ se tornará extremamente onerosa em estados como, por exemplo, o Paraná (4). É que o proprietário pode reivindicar um preço elevado. Mesmo projetos como ‘Primeira Terra’, objeto da luta dos jovens de Fetraf desde 2003, tornou-se extremamente caro por causa das terras para soja. Assim, os sem-terra do MST, os jovens da agricultura familiar e o governo estão pagando pelos erros políticos do passado. Some-se a isso que muitos povos indígenas que, no passado, foram expulsos de seus territórios estão reivindicando a devolução das terras ancestrais. Se eles conseguirem provar, legalmente, que seus antepassados viviam em determinada região, eles podem alcançar seu objetivo de ocupar novamente estas áreas. E aí não são só grandes fazendeiros que terão que se retirar, mas também muitos agricultores familiares que há duas

ou três gerações cultivam estas terras. Seus antepassados compraram, geralmente de boa fé, estas terras de terceiros que, naquela época, haviam grilado as terras dos indígenas. Os governos estaduais e os políticos corruptos da época têm grande responsabilidade no drama social que se desenrola atualmente. Ao invés de aliados, que de fato eles são, as vítimas se voltam uns contra os outros. Eles se confundem ao eleger o inimigo, da mesma maneira que os movimentos ambientais e agricultores em Flandres lutam entre si. Enquanto isso, o Grande Capital, a agroindústria e os demais responsáveis pelo problema permanecem invisíveis.

E, para finalizar, o último número

Para a safra de 2004-2005, está previsto que Brasil e Argentina plantarão, juntos, 37 milhões de hectares de soja. Isto representa um aumento de 150% em relação a 1990-1991. Espera-se que a área cultivada no Brasil seja ampliada em mais 3 milhões de hectares este ano. A imprensa sonha em voz alta que o país tem potencial para um crescimento do 'agronegócio' de mais 210 milhões de hectares nos próximos anos. Entretanto, os jornais informam quase diariamente que – devido ao excesso de produção na Argentina, Brasil e Estados Unidos – o preço mundial da soja está, irremediavelmente, declinando. Isto provavelmente implica num aumento da degradação do Brasil. Para ficar por ora só no tema 'terra': a agricultura em grande escala perde, anualmente, 20 toneladas de solo por hectare. Para cada quilo de soja produzido neste sistema, o meio ambiente perde dez quilos de solo. Também aqui podemos procurar nossa imagem refletida neste estranho espelho: como é que está a erosão decorrente do cultivo de milho na região montanhosa de 'Hageland', em Flandres ou em outras regiões com relevo acidentado da Europa Ocidental?

Terra é a base deste negócio

Wervel foi criado em 1990 e, imediatamente, iniciou a divulgação do problema social e ecológico das importações de ração para animais na coluna *Opinies* [Opinião], do jornal *De Standaard*. No primeiro documento que editamos (5) falávamos, entre outros, do êxodo da população rural no Rio Grande do Sul. Junto com o crescimento do poder da GATT/OMC, tornou-se um dos eixos centrais do trabalho de Wervel: de um lado, a importação de soja e terra; do outro, os problemas do excesso de esterco e do cultivo de milho na própria Bélgica.

Será que capital, terras (e a redistribuição destas terras), soja, esterco e OMC estão relacionadas com a base deste negócio (6)?

4 de setembro de 2004.

- (1) 1850: fim do comércio internacional de escravos e, no Brasil: promulgação da 'Lei da Terra'; desde então existe 'Propriedade' e 'Posse'.
- (2) Entrevistas durante a viagem do jornalista americano Nic Paget-Clarke. Leia as entrevistas completas com agricultores e lideranças rurais na:
http://www.inmotionmagazine.com/global/at_fetra_int.html
- (3) ONG *Land-in-zicht*, Vossenholstraat 9, em 9870 Machelen-Zulte; 09/380.47.51
Contatos com An e Walter Coens-Verboven, "*De Zonnekouter*"; e-mail:
dezonnekouter@skynet.be
- (4) Entre agosto de 2003 e agosto de 2004, o preço da terra no Paraná aumentou em 63%. Desde 2000, o preço da terra, dependendo de tipo do solo, aumentou em 235%, 278% e até 308%. O aumento no preço foi provocado, principalmente, pelos elevados preços da soja desde 2001.
- (5) '*Het Gemeenschappelijk Landbouwbeleid van de Europese Gemeenschappen. Ontwerp van een globale visie inzake evaluatie en alternatieven*' [A Política Agrícola

Comum da Comunidade Européia. Esboço de uma visão global sobre avaliação e alternativas], Wervel, maio de 1990.

- (6) Para mais detalhes sobre ‘o negócio’: peça pelas publicações sobre soja, esterco e OMC, editadas por Wervel desde 1990.

Soja e favelas

“A agricultura mundial precisa alimentar os cerca de 6 bilhões de habitantes de nosso planeta e, mais especialmente, suprir as necessidades da população rural total de cerca de 3 bilhões de pessoas – uma tarefa cuja realização não está sendo exatamente bem-sucedida. Este setor agrário, que ainda conta com uma população economicamente ativa de 1,3 bilhões de pessoas, ou seja, quase metade da população economicamente ativa da população mundial, tem à disposição somente 28 milhões de tratores. Dito de outra maneira, menos de 2% da população agrária do mundo dispõe de um trator. Isto significa que a mecanização generalizada, seleção de variedades melhoradas de plantas e animais, adubos químicos, rações balanceadas, agrotóxicos e medicamentos veterinários que formam a tecnologia de ponta da evolução agrícola da atualidade somente beneficiam uma pequena parcela dos agricultores e das agricultoras do mundo. Alguns deles estão superequipados e podem cultivar grãos em mais de cem hectares e alcançar produções próximas a 10 toneladas/ha, resultando numa produtividade bruta de cerca de mil toneladas de grãos por trabalhador.

Quem tirou proveito desta revolução agrícola?

Ao mesmo tempo, dois terços dos agricultores mundiais foram influenciados pela Revolução Verde: eles também fizeram uso de variedades e raças selecionadas, adubos químicos, agrotóxicos e medicamentos veterinários. Eles também podem obter produções próximas de 10 toneladas de grãos/ha. A metade dispõe de tração animal, o que permite àqueles melhor equipados cultivar 5 hectares com um trabalhador e obter uma produção de cerca de 50 toneladas de grãos (5 ha/trabalhador x 10 t/ha ou 2,5 ha/trabalhador x 10 t/ha, no caso de duas safras por ano), mas a outra metade possui somente ferramentas manuais. Cada pessoa consegue cultivar somente um hectare de terra, o que representa uma produtividade bruta de pouco mais de 10 toneladas de grãos por trabalhador (1 ha/trabalhador x 10 t/ha ou 0,5 ha/trabalhador x 10 t/ha, no caso de duas safras por ano).

Constatamos, portanto, que cerca de um terço dos agricultores do mundo não tiveram proveito da revolução agrícola ou da tração animal. São obrigados a usar trabalho braçal, não utilizam adubos químicos nem agrotóxicos ou medicamentos veterinários. Eles cultivam variedades ou criam animais de raças aos quais não foram aplicados métodos de seleção e melhoramento convencionais. Este segmento de pequenos agricultores, ignorado em todos os projetos de pesquisa, abrange cerca de 450 milhões de pessoas economicamente ativas e representa um total de 1,25 bilhões de pessoas que levam uma vida miserável na agricultura. Sua produtividade bruta mal supera uma tonelada de grãos por trabalhador ao ano (1 ha/trabalhador.ano x 1 tonelada/ha para uma cultura dependente de precipitação, ou 0,5 ha/trabalhador.ano x 2 t/ha, com irrigação).

Além disso, a maioria é formada por agricultores mal equipados, nos muitos antigos países comunistas ou coloniais, sem reforma agrária de monta, desprovida de terra em consequência das imensas propriedades de alguns milhares e, às vezes, dezenas de milhares de hectares e obrigados a sobreviver em micropropriedades de algumas centenas de metros quadrados. É muito menos do que poderiam cultivar e muito inferior à área necessária para suprir os alimentos básicos de uma família. Estes agricultores mal equipados e (quase) sem terra são obrigados a recorrer a trabalhos sazonais nas grandes propriedades, recebendo US\$ 1 ou US\$ 2 por dia, o que permite às propriedades mais eficientes e bem equipadas produzir mil toneladas de grãos por trabalhador ao ano. Os salários por quilo de grão são insignificantes (US\$500/trabalhador ao ano e mil toneladas/trabalhador ao ano representam: US\$ 0,50/tonelada, ou seja US\$ 0,01/20 kg de grãos).

Empobrecimento estrutural da zona rural

Em razão disso, a situação mundial na agricultura apresenta fortes contrastes: poucos – alguns milhões de agricultores – se beneficiam da revolução agrícola nos países desenvolvidos e algumas regiões dos países em desenvolvimento e são capazes de produzir mil toneladas de grãos por trabalhador/ano; uma minoria – pouco menos de uma centena de milhões de agricultores – se beneficiam da Revolução Verde nas regiões mais favorecidas dos países em desenvolvimento e são capazes de produzir entre 10 e 50 toneladas de grãos por trabalhador, dependendo da disponibilidade de tração animal. Porém, a maioria – algumas centenas de milhões de pequenos agricultores, que dispõem somente de ferramentas primitivas, não têm sementes selecionadas, nem adubos químicos e possuem pouca terra, produzem, no máximo, uma tonelada de grãos ao ano por trabalhador.

Trata-se, portanto, de uma situação de gigantesca desigualdade no equipamento e na produtividade e de extrema pobreza para centenas de milhões de pequenos agricultores – mal equipados e em propriedades com solos fracos, às vezes, até sem terras – e habitantes da zona rural. (...)

Máquina de fome. Máquina de migração

Este mecanismo de extremo empobrecimento, até mesmo subnutrição, que atinge centenas de milhares de pequenos agricultores mal equipados pode ser muito bem ilustrado pela análise da situação de um produtor de grãos do Sudão, dos Andes ou do Himalaia, que só dispõe de ferramentas primitivas (facão, enxada, cortadeira, etc., no valor de US\$ 20 ou US\$ 30) e produz uma tonelada de grãos por ano (depois de descontar as sementes), sem adubos químicos e sem agrotóxicos. Há cerca de 50 anos, este produtor recebia o equivalente a US\$ 30 (valores de 2001) por 100 quilos de grãos. Ele precisava, portanto, vender 200 quilos de grãos para poder renovar suas ferramentas, comprar roupas, etc. Sobravam, então, 800 quilos de grãos como alimentação básica para quatro pessoas. Se ele se privasse um pouco, ele até poderia vender mais 100 quilos para comprar ferramentas novas e mais eficientes. Há cerca de 20 anos, ele só recebia US\$ 20 (valores de 2001) por 100 quilos. Isto significa que ele era obrigado a vender 400 quilos para repor suas ferramentas. Assim restavam somente 600 quilos para alimentar quatro pessoas, só que agora esta quantidade era insuficiente. Certamente não havia possibilidade de comprar ferramentas novas e mais eficientes. Atualmente, ele recebe só US\$ 10 por 100 quilos de grãos. O que significa que ele tem que vender 600 quilos para repor suas ferramentas e que só sobram 400 quilos para alimentar quatro pessoas, o que – obviamente – é impossível. Em suma, ele não consegue repor suas ferramentas de maneira adequada, por mais simples que estas sejam, ou matar sua fome e manter as forças para o trabalho. É uma situação que o condena a fazer dívidas e a migrar para as favelas das cidades em regiões industrializadas, que têm pouca infra-estrutura e onde não há oportunidade de trabalho, já que são famosas pelo desemprego e baixos salários.” (1)

Revolução Marrom. Revolução Verde

No Brasil, a Revolução Verde se traduziu basicamente na Revolução da Soja. Em 1964, os militares tomaram o poder. Em 1966, o Brasil ganhou uma Copa do Mundo. Esta última informação tem alguma importância? No Brasil, a população e a economia param regularmente: uma semana no Carnaval, durante os jogos da Copa, Jogos Olímpicos, vários feriados religiosos e eleições. A ‘direita’ (muito mais do que na Europa, o contraste ‘esquerda-direita’ é utilizado diariamente para esclarecer questões) sabe disso e se aproveitou disso para tomar decisões, muitas vezes, de grande impacto. Foi assim que os militares – a “Revolução Marrom” – traçaram as primeiras linhas da Revolução Verde, durante a euforia da conquista desta Copa. Seriam dados subsídios para, finalmente, modernizar a agricultura: mecanização, correção do solo com calcário, supersementes vinculadas a adubos químicos e agrotóxicos. A partir do final da década de 60, os agricultores – grandes e pequenos –

passaram, gradativamente, para um sistema heterônomo: dependência, não só das empresas de sementes e produtos químicos, mas também dos créditos e subsídios. Principalmente os grandes conseguiram uma bela bolada desta maneira: por exemplo, recebiam muito dinheiro por um calcário que nunca era entregue. Esta história de financiamento fácil durou até 1979, ano em que ocorreu a segunda crise mundial do petróleo e pouco antes da explosão da assim chamada ‘Dívida Externa dos Países Subdesenvolvidos’. A concessão de crédito tornou-se mais difícil de uma hora para outra. Principalmente os pequenos ficaram de fora. Foi por isso que, em 1979, se acelerou o êxodo rural. A soja tornou-se o motor/mola da exclusão social no campo.

Ceder ou resistir

Centenas de milhares de pessoas venderam suas terras para pagar as dívidas e, desesperadas, deixaram o campo. A maioria contribuiu para o aumento das favelas nas regiões metropolitanas (2), a minoria foi trabalhar como empregado para fazendeiros, recebendo baixos salários. Outros partiram para o interior do país e das florestas: para cortar e queimar. E para começar uma nova vida.

Os que ficaram não recebiam, até meados da década de 90, nenhum apoio. Somente depois de anos de luta sindical é que teve início, em 1996, o precursor do atual Pronaf – ‘Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar’. No governo Lula, a concessão de créditos entrou numa linha ascendente. Para os fazendeiros, o governo reservou, em 2003, R\$ 20 bilhões; para a agricultura familiar, R\$ 5,7 bilhões (no final, foram concedidos, efetivamente, R\$ 4,5 bilhões para este segmento da agricultura, que representa cerca de 4 milhões de famílias). Para o ano agrícola de 2004-2005, prevê-se R\$ 7 bilhões para agricultura familiar e R\$ 39,4 bilhões para a agricultura de exportação. Os empréstimos e subsídios para a agricultura familiar estão, portanto, aumentando em valor nominal, mas o percentual está diminuindo (16,5% do total de créditos agrícolas em 2003/2004, contra 15% em 2004/2005). É uma pena, pois a agricultura familiar é responsável por 40% de toda a produção agrícola do Brasil e por 70 % dos alimentos básicos para a população brasileira. Dos 180 milhões de brasileiros, 44 milhões passam fome. Por isso, a prioridade máxima do governo Lula é o ‘Fome Zero’, mas cresce o descontentamento dos muitos movimentos sociais existentes no Brasil. Eles ajudaram Lula a chegar ao poder e agora vêem que o fluxo principal das políticas continua servindo ao capital internacional, enquanto as migalhas que sobram do pagamento da dívida são destinadas a mitigar os problemas mais sérios por meio de programas sociais.

O grito dos excluídos

Amanhã comemora-se, no Brasil, o Dia da Independência. Não haverá somente desfiles militares. As igrejas e os movimentos sociais também aproveitam o ‘7 de setembro’ para, em mais de 2 mil municípios, realizar manifestações. Pela décima vez, desde 1995, eles fazem ouvir sua insatisfação sobre a desigualdade social, mesmo durante o governo Lula – com suas manifestações triunfalistas de ‘crescimento econômico’ de 4,5%. O ‘Grito dos Excluídos’ elegeu como tema de mobilização: ‘Mudanças pra valer, o povo faz acontecer’. O monge beneditino Marcelo Barros escreveu uma convocação inflamadora. Na qualidade de representante da teologia da libertação, ele foi convidado para a posse de Lula no palácio presidencial, mas agora se manifesta de maneira muito crítica sobre o ‘presidente do povo’ (3).

Fome Zero e soja

Já passou da hora de serem apresentados programas verdadeiramente libertadores. O avanço da monocultura da soja – que gera exclusão social e destrói do ambiente – deve ser barrado.

Ao mesmo tempo, o potencial de fonte protéica de soja deve ser utilizado no programa Fome Zero, ao invés de continuar destinando 90% do farelo de soja mundial para a alimentação de animais. Brasil, Argentina e Estado Unidos exportam a soja principalmente para alimentar aves, perus, suínos, gado e peixes. No caso do Brasil, este muito festejado ‘agronegócio’ existe para pagar os juros da dívida externa.

A agricultura familiar, com sua ‘soja (mais) sustentável’, está preparada para colaborar com o ‘Fome Zero’.

6 de setembro de 2004.

- (1) Para esta análise, eu me baseei no excelente estudo do professor francês Marcel Mazoyer, de 2001: "Defendendo os camponeses num contexto de globalização". Você pode ler o estudo completo, em holandês, no: *‘Voedselkrant’* [‘Jornal da Alimentação’] (agosto de 2004); em espanhol: *‘The Food Magazine’* [‘A Revista do Alimentos’] (agosto de 2004), ambos no website www.wervel.be. Eu mesmo escrevi sobre o tema em *‘Streven’*, setembro de 2004, p. 724-734: *‘Wervel en het sojadrama’* [Wervel e o drama da soja]; www.come.to/streven
- (2) Enquanto, no início do século XX, 80% da população morava na zona rural e 20% nas cidades, atualmente (2004) 83% mora nas cidades e 17% no campo. Entre 1999 e 2001, o número oficial de habitantes das favelas aumentou em 156%, para 2,4 milhões de pessoas. Na verdade, são muitos mais. No final de 2003, foram registrados em São Paulo 378.863 domicílios em favelas (10,65% do total de domicílios). Nesta megalópole, estima-se que há cerca de 10 mil pessoas morando nas ruas. Em agosto de 2004, ocorreu um verdadeiro extermínio de moradores de rua. Durante semanas, as primeiras páginas dos jornais noticiaram o assassinato de grupos de moradores de rua. Como se – sendo uma denúncia viva da injustiça do sistema – representassem uma ameaça e, portanto, deveriam ser eliminados.
A tendência dos últimos anos é que não só as grandes cidades tenham favelas, mas também as de porte médio. Das cidades com 500 mil habitantes, 78,3% têm atualmente suas favelas. Até no rico estado do Paraná 35 % das ‘cidades’ têm seus bairros com ocupações irregulares de solo. A capital Curitiba é a líder disparada. Aparentemente, Ponta Grossa não é só a ‘Capital dos Caminhões’ mas, no interior, é também a ‘Capital das Favelas’, em número de 224, num total de 8,5 mil habitações. Porto Alegre, a cidade anfitriã do Fórum Social Mundial, é uma das cidades com maior número de favelas: 480, com 73.631 ‘habitações’ (14,62% do total). Os estudos demonstram uma ligação explícita entre a redução de trabalho na agricultura e o aumento das favelas.
- (3) Ver texto de Barros’: http://alainet.org/active/show_text.php3?key=6606 De 23 a 31 de maio de 2005, o autor fez uma turnê em Flandres, Valônia, Bruxelas e Holanda.

França, peixe e o ponto cego

Nossos vizinhos ao sul são fortes na construção de centros de informação interessantes. ‘Museu’ não é a palavra, embora o centro que tem como tema agricultura e alimentação tenha o nome de ‘Museu Agropolis’. A sede deste interessante ‘museu’ é Montpellier, Paris sedia ‘*La Villette. Cité de Sciences et Technologies*’ [‘La Villette. Centro de Ciências e Tecnologias’] e muitos outros centros. Boulogne sur Mer é a orgulhosa sede de ‘Nausicaã’ (1).

Óleos comestíveis franceses. Proteínas d’além mar holandesas

Em maio de 2004, a FAO realizou uma audiência com ONGs européias em Montpellier (França). Wervel e Vredeseilanden também participaram. Paralelamente, foi realizado um encontro para criar uma rede européia para a ‘agricultura sustentável’ (uma ‘coalizão internacional das coalizões nacionais’). Fomos convidados para uma das noites na interessante exposição em Agropolis.

Entre outros, foi explicado de uma maneira muito viva que a França é 15 vezes maior que a Holanda, mas que a agricultura nesta última é cinco vezes mais intensiva. O que não foi contado é que, para isso, a Holanda necessita do equivalente a cinco vezes (algumas publicações falam de sete e até 12 vezes) sua área agrícola no exterior para importar a ração animal. E mais: uma exposição interessante sobre a importância crescente dos óleos comestíveis. Muita atenção foi dada ao óleo de palma e ao óleo dos girassóis franceses. Nenhuma palavra sobre a soja e seu óleo! Mas espere: de repente, fanático que sou, encontro um folheto minúsculo informando que, em termos de volume, o óleo de soja é, de longe, o mais comercializado no mercado mundial.

O que está acontecendo aqui? Será que os simpáticos girassóis e as elegantes palmeiras estão aqui para desviar a atenção dos enormes lucros gerados pela soja?

Quintuplicação da pesca

Meados de setembro: um ponto cego semelhante no outro lado de ‘*La Douce France*’ [A doce França]. Fomos com um grupo passar o fim de semana em Boulogne sur Mer. Como vocês sabem, é a belíssima região com Cap Griz Nez e Cap Blanc Nez. Consta que Boulogne sur Mer também tem a maior frota de barcos pesqueiros da França. Neste âmbito, a cidade possui o centro educativo marinho ‘Nausicaã’. Chama a atenção o número de moradores de Flandres (Occidental) que visitam a interessantíssima exposição sobre biodiversidade marítima e as ameaças a ela, plâncton vegetal e animal, pirâmides alimentares, pesca e, principalmente, pesca excessiva.

Ficamos sabendo que, atualmente, são pescados 100 milhões de toneladas de peixe por ano: cinco vezes mais do que na década de 50 do século XX. Destas, 2 milhões de toneladas são resultantes da pesca excessiva do atum (2). Os métodos de pesca utilizados na pesca ‘moderna’ do atum também resultam na morte por asfixia de milhares de golfinhos que ficam presos nas redes. Isto também é bem explicado. O que não é contado é que a pesca realizada por navios europeus de pesca e processamento industrial na costa ocidental africana aumentou 20 vezes no período de 1950 a 2001. A outrora florescente frota pesqueira de Gana está desaparecendo devido à redução no resultado das pescarias. Como a biodiversidade marítima está se reduzindo dramaticamente, a população de Gana está recorrendo massivamente ao ‘*bushmeat*’, ou seja, à caça de animais silvestres. Novamente, a destruição da vida marítima dá as mãos à destruição em terra.

Peixe e soja

Mais adiante, há um enorme globo terrestre e seus oceanos. Da exposição anterior ficou claro que o plâncton e, portanto, os peixes se reproduzem bem em águas frias. Isto explica porque no Mar do Norte e no oceano, em direção ao Pólo Norte, existe tanto peixe (pesca). E também por que as correntes frias no lado ocidental dos continentes geram tanto peixe (pesca).

O Peru se destaca no mapa, com números elevados. O que eles não contam é que muito do peixe do Peru é pescado para, simplesmente, servir de alimento a outros peixes da aquicultura em franca expansão em outras partes do mundo. Por exemplo, a enguia e a perca, na Holanda, não comem soja. A alimentação da tilápia, no Brasil, sim, é parcialmente composta de soja (3).

Observa-se que a Noruega tem muita pesca. O que não se vê é que este país é um grande importador de soja. E com certeza esta não é destinada às poucas aves e suínos que eles criam e, sim, para a importante aquicultura norueguesa.

Por fim, aprende-se que a China cria, pesca e consome muito peixe. Os chineses também cultivam muita alga para suas carpas. É interessante saber disso, mas o que – novamente – não é contado é que a China, há quatro anos, vem atuando como um ‘aspirador de pó’ no mercado mundial de: farinha de peixe dos sete mares, cereais. E substitutos de cereais: principalmente soja para aves, suínos, patos e peixes.

A França tem seus pontos cegos
E como estamos, na Holanda e na Bélgica?

4 de outubro de 2004.

- (1) www.museum.agropolis.fr ; www.nausicaa.fr ; www.reseau-ocean-mondial.org ; www.cite-sciences.fr
- (2) Muito educativa na exposição é, entre outras, a pirâmide alimentar nos oceanos e o fato de nos darmos conta da quantidade de alimento necessária para que uma pessoa possa comer um quilo de atum: “Para obter um quilo de atum são necessários oito quilos de enguias (o atum alimenta-se de enguias), 70 quilos de plâncton animal (as enguias alimentam-se de plâncton animal) e 200 quilos de plâncton vegetal (plâncton animal alimenta-se de plâncton vegetal).” Quanto ao consumo de peixe, (novamente) há uma desigualdade entre ricos (28 kg de peixe/pessoa ao ano) e pobres (10 kg de peixe/pessoa ao ano). Se os pobres se tornarem ricos e quiserem comer mais peixes, os oceanos serão ‘esvaziados’ ainda mais rápido. Com relação a esta última afirmativa, é possível fazer um paralelo com o consumo de carne: se os pobres ficarem mais ricos e puderem consumir mais carne, não haverá terra suficiente em nosso planeta para produzir toda a ração animal necessária. A Federação Internacional de Produtores de Ração Animal (IFIF, em inglês) estima que a necessidade mundial de ingredientes protéicos para ração animal triplicará até 2050. Atualmente são produzidas no mundo cerca de 600 milhões de toneladas de matérias-primas para ração animal. Comparemos este dado com a produção mundial de soja, que é de ‘apenas’ 220 a 230 milhões de toneladas. A alternativa? Que tal nós todos consumirmos menos proteínas de origem animal? É bom para os ecossistemas terrestres e aquáticos; faz bem para nossa própria saúde!
- (3) Durante o intercâmbio de Wervel-Fetra, visitamos Concórdia (Santa Catarina), um município com uma suinocultura intensiva. Vinculada a esta suinocultura, são criadas tilápias que recebem – nos dois primeiros meses – soja e milho. Depois disso, as tilápias são alimentadas com esterco dos suínos! Ou seja, 98% de sua ração é formada por esterco. Bom apetite...

Embalagens descartáveis de soja?

Numa crônica anterior (28 de março de 2004: ‘Embalagens derivadas de soja’) nós já falávamos de embalagens e sobre a idéia de produzir saquinhos biodegradáveis derivados de soja, assim como também podem ser feitos a partir de batata, milho e outras ‘matérias-primas’. Bastante prático, porque é só jogá-los na composteira após o uso. Menos poluição, menos petróleo, excelente para os supermercados, etc.

Entretanto, faz sentido pararmos mais uma vez para refletir sobre as muitas embalagens descartáveis que, diariamente, somos forçados a ‘engolir’, que são colocadas em nossas mãos. Segundo o *World Watch Institute* já são produzidos entre 4 e 5 bilhões de embalagens descartáveis por ano.

Eu não quero repetir todos os argumentos utilizados na crônica anterior, que há petróleo envolvido na agricultura química, que assim se mantém o sistema de desmatamentos massivos para agricultura de exportação; você não altera este fluxo supérfluo de embalagens, etc. Assim como, com o biodiesel de óleo de soja, você reforça o desmatamento, você proporciona ao setor de ração animal uma desculpa dando a ele um ‘subproduto ecológico’ (ou produto principal; depende de a partir de qual lado do processo você começa a refletir) e você não precisa questionar a febre de transporte.

No Brasil, a situação é – se possível – pior do que na Europa: praticamente todos os produtos que você compra são colocados, individualmente, num saquinho. Em cada caixa de supermercado há um jovem – mal pago – pronto para colocar suas compras nos sacos plásticos. Sempre que tento diminuir o número de saquinhos, eles me olham indignados e confusos, como se eu estivesse tirando seu trabalho e sua identidade. Sua dignidade. Sua ‘cultura brasileira’.

Na panificadora, quando tento reduzir o plástico, eles me olham como se eu fosse um extraterrestre. “Não, senhora, venho do outro lado do oceano. Lá a situação é tão grave quanto aqui. Plástico, plástico e mais plástico! E, viva, agora vamos fazer embalagens derivadas de soja.”

Será que devo desistir dessas conversas? São momentos de conscientização ou é só ‘encheção de saco’ e moralismo?

Para minimizar minha aflição encontro no jornal uma notícia informando que o governo da região de Bruxelas investe em sacolas não-descartáveis gratuitas para compras. Para que usemos menos plástico.

Uma iniciativa que merece ser aplaudida.

Agora, esperemos que, em Bruxelas, eles não continuem colocando as compras em saquinhos para, em seguida, colocá-los nas sacolas.

11 de novembro de 2004.

Soja, leite e açúcar

Estamos no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (26 a 31/01/05). Há cerca de 150 mil pessoas de todo o mundo, reunidas sob o slogan: “Um outro mundo é possível”. Fetraf-Sul/CUT e os ‘*Europese Groenen*’ [‘Verdes Europeus’] organizam um debate conjunto sobre ‘Leite e Açúcar’. É reconfortante ver quantas pessoas vieram participar. O conteúdo do debate também é consistente. Acho que é a primeira vez que os envolvidos, de ambos os lados do oceano, têm oportunidade de debater o tema em conjunto. Agricultores brasileiros e europeus são, à primeira vista, concorrentes. Os brasileiros se sentem ameaçados pelos laticínios europeus; os europeus pelo açúcar de cana brasileiro. O subcontinente Brasil é maior do que os 25 países que, atualmente, formam a União Européia. Como é que vamos resolver isso? Parece uma situação na qual uma aliança é impossível. Porém, se você se aprofunda no tema, se você pergunta o que se entende por ‘soberania alimentar’ e se você tem coragem de falar sobre os dois modelos agrícolas conflitantes, percebe-se que estão todos no mesmo barco, à margem do ‘Oceano Agronegócio’. E que, portanto, é extremamente necessária e urgente a solidariedade entre os agricultores familiares da Europa e a Agricultura Familiar do Brasil. Altemir Tortelli, coordenador geral de Fetraf-Sul afirma com razão: “Não devemos discutir tanto o ‘Brasil’ e, sim, algumas multinacionais.”

E por que é que precisamos, novamente, envolver a soja na discussão? Só porque ‘Krunkel’, o fanático da soja o quer?!

É claro que não! Os laticínios e o queijo europeu somente representam uma ameaça ao mercado mundial e ao Brasil se houver pecuária leiteira intensiva na União Européia, no modelo ‘vacas holandesas e muita ração concentrada’. O ‘modelo holandês’ que (pre)domina, e isto a partir de um país com um território do tamanho de um selo no mapa-múndi mas multiplicado pelas áreas de produção de ração animal em regiões além-mar, e que era – até pouco tempo – o segundo exportador mundial de produtos agrícolas.

A elevada produção de 10 mil litros de leite/ano das vacas turbinadas, obrigadas a dar cria todos os anos, somente são possíveis com uma dose diária de ração concentrada. Ainda que a maior parte da soja seja destinada a suínos, aves, perus e peixes, a soja é um dos componentes principais da ração concentrada para o gado (dependendo do preço no mercado mundial do momento). O preço determina a alteração na composição das proteínas: farelo de soja, torta de algodão, leite em pó, etc. Graças à dobradinha ‘milho das lavouras nacionais e soja do exterior’, a dupla milho-soja é, aparentemente, indispensável na pecuária leiteira ‘moderna’. Tão indispensável quanto a necessidade da União Européia de ocupar o mercado mundial de laticínios, concorrendo com Nova Zelândia, Austrália e Estados Unidos.

Entretanto, projetos-piloto como os de ‘*De Ploeg*’, em Herselt [Bélgica] (ver crônica de 3 de junho de 2004: ‘Gramíneas-trevo como alternativa’), demonstram que os quatro estômagos de uma vaca não estão, na verdade, preparados para a overdose de lignina dos caules do milho. A ‘fórmula milagrosa’ da década de 60 (o modelo ‘milho-soja’, importado dos Estados Unidos) pode, perfeitamente, ser substituído por gramíneas-trevo. Trata-se da sabedoria dos antigos, de nossos antepassados. Os estômagos imploram por gramíneas. As vacas, por sua vez, desejam ser menos pressionadas. E o agricultor? Ele anda menos estressado. Suas vacas têm vida produtiva mais longa. Além disso, ele consegue ordenhar a um custo menor sem perda significativa no volume de leite do que com vacas que são obrigadas a – a qualquer custo – disputar a maratona da elevada produção.

A Agricultura Familiar brasileira sente-se ameaçada pelo leite em pó da Europa. Desde a rodada do Uruguai, da OMC, todo país signatário deve permitir a entrada do equivalente a 5% de seu consumo nacional. Ou seja, leite também. Em si, este jorro de leite é mínimo quando

comparado com o tsunami de soja em direção à Europa, mas pode, mesmo assim, comprometer a renda de centenas de milhares de pessoas. No Brasil, 80% da pecuária leiteira está nas mãos da agricultura familiar e responde por 60% da produção nacional. Ela é encontrada, principalmente, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mas nos últimos dez anos também cada vez mais em estados ao norte.

O Brasil também é o país onde, há mais de 70 anos, a Nestlé Suíça é imperatriz. No contexto mundial, Nestlé é o maior gigante de alimentos no trio: Nestlé, Philip Morris – Kraft, Unilever.

Nos últimos dez anos, o trono da Nestlé foi ameaçado pelo desafiante italiano Parmalat, mas este se afundou desonrado, em 2004, nos escândalos de corrupção. Vítimas? Pecuaristas no campo e trabalhadores das indústrias de laticínios. Das 43 fábricas que Parmalat adquiriu ao longo dos anos, atualmente – 2005 – só restam oito! Por isso, após o debate passamos à ação: ônibus lotados de agricultores realizaram uma manifestação em frente à fábrica vazia da Parmalat, em Porto Alegre.

Leite com açúcar

Felizmente, o que é pouco discutido nos debates atuais na Europa foi, hoje, levantado aqui. Em Flandres, tem-se a impressão de que a indústria de açúcar não deseja um novo tsunami. Desta vez de açúcar brasileiro.

Ao contrário, mas eles aproveitam para fomentar a animosidade entre os produtores de beterraba açucareira e os produtores/colhedores de cana-de-açúcar. A indústria ‘*Suiker Tienen*’ [Açúcar Tienen, parte da multinacional alemã Südzucker] tem grande interesse em matéria-prima barata. A indústria de refrigerantes, se possível, ainda mais. Eles simulam um gesto de grandeza, como se o acesso ao mercado de açúcar europeu fosse proporcionar algum benefício aos países mais pobres. Alguém afirma: “Os países ACP (1) nunca serão capazes de competir num mercado globalizado. A UE organiza um conflito entre os países mais pobres e os ‘países emergentes’, entre os quais o Brasil se encontra.” Ao contrário, o Brasil, enquanto maior produtor de açúcar, mal vê a hora de tapar os buracos. Os desertos de açúcar já estão sendo plantados e ampliados, antes mesmo da OMC ter emitido um parecer definitivo e antes da reforma da política do açúcar na UE. Tamanha é a ganância deles! Deles? De alguns grandes.

Além disso, durante o debate foi afirmado – corretamente – que não se trata somente de açúcar, mas também de álcool. Graças ao crescimento da assim chamada ‘energia verde’ (até 2020, deverá haver no mercado mundial 30% de álcool ou biodiesel), empresas estrangeiras investem, no Brasil, em refinarias de açúcar e usinas de álcool. Até o momento, a maior parte dos investimentos vem da França, mas os japoneses também começaram seus investimentos. Os grandes atores, atualmente, são Tereos, Sucden e Louis Dreyfus. Para mim, é um mistério o que se entende, por aqui, por ‘verde’ e ‘correto’, quando se observa a destruição ambiental provocada pelas monoculturas há mais de cinco séculos, chegando até a novas formas de escravidão. Também sobre isso houve um depoimento de um cortador de cana no Fórum.

Açúcar sem agricultores

Sim, há mais de cinco séculos. Portugueses e britânicos e agora franceses e japoneses (2). Será que isso não pode lançar uma nova luz sobre a reclamação apresentada por Brasil, Austrália e Tailândia contra a UE na OMC? E sobre os planos de reforma da política do açúcar da UE?

É claro que a política do açúcar, com sua superprodução e suas práticas perversas de *dumping*, deve ser reformada, mas não para favorecer os grandes atores, sejam eles ‘*Suiker Tienen*’ ou Louis Dreyfus (3).

O Brasil também é um dos grandes atores, mas o Brasil do agronegócio: 90% da produção de açúcar está nas mãos dos grandes fazendeiros ou de empresas estrangeiras. A agricultura familiar produz somente 10% do açúcar brasileiro e para consumo próprio, com processamento e comercialização na própria região.

A agricultura familiar industrializada com pecuária leiteira, da Europa, pode até representar uma ameaça para os pecuaristas leiteiros no Brasil; porém, o açúcar da Agricultura Familiar não representa nenhuma ameaça para a Europa.

29 de janeiro de 2005.

- (1) ACP: Ex-colônias francesas e britânicas na África, Caribe e Pacífico.
- (2) Havia um grupo interessante entre o público: '*Sucre éthique*' ['Açúcar Ético']. Não é por acaso que eles têm um escritório na França (Lyon) e um no Brasil (Londrina).
<http://www.sucre.ethique.org>
- (3) Em meados de 2004, Wervel realizou um estudo sobre a problemática do açúcar. Veja no site www.wervel.be. '*Vredeseilanden*', Wervel e Oxfam-Solidariteit também estão preparando, a pedido dos governos de Flandres e Valônia, um dia internacional de estudo (Egmondpaleis, 9 de junho de 2005). O relatório com os debates deste dia podem ser encontrados no site:
http://www.dakardeclaration.org/breve.php3?id_breve=214

Soja, aves, suínos e outras carnes

Faço minha caminhada diária após o almoço para comprar a ‘Folha de S. Paulo’. No caminho, levo um pão multigrãos e algumas fatias de queijo. A balconista olha para mim e pergunta: “Presunto também?”
Novamente sou confrontado com o fato de que estou morando num país carnívoro. Você põe queijo e presunto juntos no pão. Minha mãe teria me dado uns cascudos! Não, para um vegetariano, a América Latina deve ser um verdadeiro pesadelo.

E não limpe o prato!

Na verdade, foi minha segunda ‘experiência carnívora’ do dia. No Brasil, o preço das refeições é muito baixo, inclusive carne. Por quilo. Você enche o prato, este é pesado, e você paga pelo ‘peso’ que seus olhos ‘acham’ que seu estômago agüenta.

Bem, um brasileiro de verdade se serve de muita carne e raramente limpa o prato. Se minha mãe..., ela iria...

Não, aqui no Brasil é mais ou menos o contrário. É quase falta de educação se você limpar o prato. Além disso, limpar o prato é sinal de pobreza. É melhor mostrar a todos que você não liga para uma migalha ou um pedaço de carne. Afinal, este é o paraíso tropical onde jorra leite e mel, com abundância de terras, sol, energia, gado, suínos, aves, perus, peixes... Soja e milho! Em Salvador, na Bahia, dizem que os restos são para os orixás (1). Eles também têm que comer! Tudo bem, desperdicem de tudo, mas daí não venham reclamar quando for necessário inundar, novamente, dezenas de regiões porque necessitamos com urgência de mais hidrelétricas.

Lá estava eu, na fila, vendo as pessoas ao meu lado se levantarem e jogarem o que restara nos pratos no lixo. Estes restos eram compostos, na maior parte, de... carne. Eu lamento e penso no tanto de pasto, soja, milho, desmatamento, erosão e água que, na verdade, ficaram no prato. E, em seguida, vão parar no lixo.

Meu carro e a carne nossa de cada dia

Eu já tento, há 15 anos, discutir nosso (excessivo) consumo de carne. Não há tema mais sensível do que este. É que a redução do consumo de carne corta ‘na própria carne’, na sua própria prática. E isto dói. Mesmo no meio de Wervel o tema é sensível. No meio religioso, no meio dos batalhadores que lutam por justiça e contra a pobreza. No meio de agricultores, nos meios agroecológicos. É muito mais fácil fazer análises precisas e ter um discurso político afiado do que colocar em prática a redução de consumo próprio.

Tenho todo respeito pelos vegetarianos, mas não sou um deles. Freqüente mesas diferentes demais para isso. Eu teria que ser sempre ‘mal-educado’ e rejeitar o que me é oferecido. Talvez – justamente por não ser vegetariano e de, às vezes, andar de carro – é que eu posso continuar questionando estes símbolos máximos de prosperidade. Comer carne e andar num carro particular são duas atividades de nosso dia-a-dia que levam, mundialmente, à maior parte da ocupação de terras. “Elas ampliam nossa ‘pegada’ ecológica”, diria *VODO*.

Ruminantes vegetarianos e os onívoros originais

Eu também sei que devemos fazer distinção entre aves-perus-suínos e ruminantes, que podem ter uma função benéfica em diversos sistemas agrícolas. Os processos de decomposição que ocorrem nas entranhas de uma vaca só trazem benefícios para a vida microbiana no solo. Leio sobre os experimentos que visam utilizar urina de vaca na adubação orgânica. O relato parece bastante promissor para a redução do poder das ‘premissas a agricultura química’. Descubra-se que, desde antigamente, as árvores frutíferas produzem mais quando o gado pasta na sua sombra. Aqui, eu moro na região do Turvo e Guarapuava onde, há mais de um século, os

agricultores moram – com seu gado – na floresta. É o chamado sistema silvo-pastoril, uma variante da agrossilvicultura (*'agroforestry'*). Na cidade-estado Flandres isto é impossível porque não é permitido soltar o gado na floresta. 'A divisão das funções é sagrada' no Plano Estrutural de Flandres! 'É para evitar a acidificação', mas omitimos que esta acidificação é resultado da criação intensiva de suínos e aves que, por sua vez, só são possíveis graças à importação de soja. Soja-milho: os gêmeos siameses da agricultura 'moderna'.

Eu também sei que, há séculos, os suínos são a poupança do agricultor, um importante elo no ciclo de uma propriedade. E também no sistema de reciclagem da comunidade.

E as aves? As galinhas corriam soltas no terreiro. Ciscando, cacarejando. Com um orgulhoso galo no meio.

Frangos brasileiros contra frangos holandeses na Rússia

Mas isto são doces recordações do passado. Atualmente, consumir carne de frango, peru ou suínos é um ato político, econômico, social, ecológico e ético totalmente diferente do que 50 anos atrás. Desde a rodada de Dillon, do GATT, em 1962, (2) surgiu uma enxurrada de matérias-primas para ração animal. Nos arredores dos portos de Roterdã, Antuérpia, Le Havre e Hamburgo, o 'tsunâmi de ração' decompôs a paisagem rural européia em regiões de lavoura e – próximo aos portos – em regiões de criação intensiva de aves e de suínos. Como furúnculos, estes estabelecimentos de pecuária intensiva surgiram próximos aos navios.

Adeus ciclo! Adeus reciclagem! Adeus poupança!

A carne de frango e suínos tem grande procura no mercado mundial. O valor agregado e o esterco permanecem na Holanda e em Flandres. Interessante do ponto de vista da balança comercial. Não que isso represente alguma vantagem para o agricultor. Na verdade, ele não existe mais, foi completamente absorvido pela cadeia de navios noturnos, fábricas de ração, abatedouros, desossadoras, distribuidoras e aviões.

Pare! Esta história já está quase ultrapassada. Você está atrasado. Atualmente, as grandes empresas estão se transferindo para o outro lado do oceano, lá onde crescem soja e milho em abundância. Perdigão, Sadia, Aurora dominam no estado de Santa Catarina. E, desde alguns anos, a empresa francesa Doux, com seus milhões de aves, no Mato Grosso, o Mato Alto, a Floresta Grande (que desapareceu!). Mas não se desespere: agora, o Brasil é o maior exportador de carne de frango do mundo!

Em 2003, Santa Catarina foi responsável por 31,9% das exportações brasileiras de carne de frango, Rio Grande do Sul por 28,5% e Paraná por 25,8%. Os mercados compradores mais importantes são Japão, Arábia Saudita e Rússia. Nestes mercados, eles concorrem com os frangos holandeses.

'Mas isto é bom', ouço você suspirar: 'Assim o ciclo ecológico é restabelecido'. À primeira vista, sim, mas tratam-se de concentrações tão grandes que o lençol freático em Santa Catarina – a "Suíça brasileira" – está gravemente ameaçado.

'Mas isto gera emprego para os brasileiros!' Sim e não, os agricultores estão tão presos nas garras do sistema de produção integrada quanto os agricultores da Europa. E, nas indústrias de carne e derivados, a maior parte do trabalho é feita por máquinas. E também, por enquanto, não vamos falar do bem-estar dos animais.

'Então as galinhas não andam ciscando livremente no terreiro?' Saudosismo, gente!

Saudosismo... Elas vivem tão aglomeradas quanto no porto de Roterdã. E, é tabu, mas todos falam à boca pequena: aqui se usa muito hormônio. E outros produtos. A legislação é ótima, mas a fiscalização é pequena.

O Brasil é campeão em pedidos de arbitragem à OMC, em Genebra. Em outubro de 2003, o país apresentou uma reclamação, junto com a Tailândia. Eles querem vender seus frangos baratos na Europa. Baratos? Sim, por meio euro você compra um frango limpo no Paraná. Mas a União Européia se mantém firme em sua posição.

‘E carne de porco?’

A mesma história, amigo. A mesma história, com pequenas variações.

Gado e o ‘efeito estufa’

Suspiro! ‘E carne de gado, então?! Este pode ser perfeitamente inserido no seu sistema agrícola.’

Sim, mas isso depende de muitos fatores. Você deve ter coragem para encarar os fatos do ponto de vista do planeta, em relação ao solo, à água, ao efeito estufa.

‘Efeito estufa!?’ Sim, acabo de receber um e-mail de um colaborador de Wervel, Jeroen Watté. Há anos ele discute a ‘pegada’ ecológica de nosso modo de vida.

Vou citar um trecho: “Fato é que o Reino Unido (um dos líderes da União Européia em emissões de gases que provocam o efeito estufa) poderia cumprir suas obrigações decorrentes do Tratado de Kyoto se mantivesse todas as suas vacas confinadas e ‘queimasse’ os gases produzidos. Mas, seria uma grande perda para a paisagem rural, pastos sem vacas.”

‘Isto não é um pouco exagerado? Certamente é um desses ecologistas fanáticos!’

Em virtude da aplicação do Tratado de Kyoto, leio no jornal daqui que o gás metano provoca, potencialmente, 23 vezes mais aquecimento do que o CO₂. E, de fato, vacas produzem uma quantidade razoável de gás metano, num aquecimento potencial equivalente ao de um pequeno veículo de passeio por vaca. Entretanto, no Brasil, estes jornais não podem – absolutamente – ser classificados de ‘verdes’.

A ‘conexão hambúrguer’

Num outro jornal, encontrei uma avaliação das conseqüências ecológicas do consumo de carne para a floresta amazônica: “A Amazônia sofre com um processo que teve início na América Central e ficou conhecido como ‘conexão hambúrguer’. A idéia é derrubar a floresta para criar gado. A carne é exportada para os Estados Unidos, para as cadeias de *‘fast-food’*. Em 1991 não havia na Amazônia gado suficiente nem para alimentar a população local. Com o avanço da pecuária na região, o país aumentou suas exportações de carne de US\$ 500 milhões, em 1995, para US\$ 1,5 bilhão, em 2003, sendo que 80% disso vem da região amazônica.”

‘Bem, do ponto de vista ecológico, político e econômico é, realmente, uma vaca bem diferente daquela que se vê num pasto em Limburg [região na fronteira entre Bélgica e Holanda].’

Sim, mas nós não temos muito que falar, hein! Nossos antepassados desmataram Flandres ainda no século XIII. E o que os brasileiros estão fazendo atualmente, os americanos já fizeram no século XIX. Eles até se justificavam usando uma expressão religiosa: “Os Estados Unidos da América têm a vocação de alimentar o mundo.” Bem, é o que ouço agora na terra do Lula: “O Brasil tem a vocação de alimentar a China e o mundo inteiro. Nós temos a terra, a água, o sol. Venham construir ferrovias aqui. Assim, a soja e outras *‘commodities’* chegarão mais rápido e barato até vocês.”

É como se a religiosa norte-americana Dorothy Stang (3) quisesse denunciar esta loucura em ambas as Américas. Por isso, ela recebeu seis balas em seu corpo frágil. A máfia da carne não se intimida com nada. E Flandres, com o caso do veterinário Van Noppen (4), conhece bem esta história.

Na reconstituição do assassinato, Rayfran das Neves Sales, um dos pistoleiros, perguntou: “E aí? A senhora não come carne?!”

(Com isso, ele faz alusão ao pedido da irmã para pararem de jogar sementes de capim nas lavouras dos pequenos agricultores. Em pouco tempo, as gramíneas cobrem as verduras e o

gado do fazendeiro entre em cena. O conflito está relacionado com a desapropriação que o governo quer realizar nestas terras adquiridas ilegalmente. Seria um projeto de desenvolvimento sustentável, no qual somente pequenos agricultores poderiam produzir, em harmonia com a floresta.)

Irmã Dorothy respondeu que, sim, comia carne e abre a única arma de que dispõe. Ela lê o Sermão da Montanha (Mateus 5, 5.6.9): “Bem-aventurados os... , porque possuirão...”

Rayfran pega a sua arma e atira em Dorothy. Seis balas.

O lema da Campanha da Fraternidade de 2005 (das igrejas brasileiras) é: “Felizes os que promovem a paz”. Parece que foi a ‘arma’ de Dorothy, pouco antes de morrer.

Desde 2001, 50% de um boi europeu é ‘lixo’ que deve ser incinerado.

‘Antigamente, não se perdia praticamente nada de um animal abatido. De um modo ou de outro, tudo era aproveitado na propriedade. Qual a situação atual?’

Devido ao medo do ‘Mal da Vaca Louca’, há cada vez mais resíduos num boi abatido, chegando a quase 50%. Ao comer um quilo de bife, você como – na verdade – dois, porque o ‘resíduo’ também tem que ser alimentado com capim. Ou, na variante ‘moderna’, com uma dose generosa de ração de milho e soja.

Afinal, desde 2001, o resíduo não pode mais ser reciclado na ração animal, mas deve ser incinerado. E substituído por – novamente – soja ou outras proteínas de origem vegetal.

Ao longo de todo o processamento, do novilho vivo até a carne no prato, as perdas são grandes. Nos corredores do debate sobre ‘Açúcar e Leite’ durante o Fórum Social Mundial, um francês me entrega um pequeno estudo do “*L’Institut de l’Élevage et de la Confédération Nationale de l’Élevage*” [Instituto de Pesquisa Pecuária e da Confederação Nacional de Pecuária] (5). Este termina com um quadro didático que eu gostaria de reproduzir aqui. Ele me apóia na minha luta solitária para não somente tirar a carne do prato, mas também para trazê-la à mesa de discussões:

Do animal ao bife

Rendimento padrão de uma vaca leiteira (Charolês [raça de gado originária da França]) com 740 kg de peso vivo e carcaça classe U3 de 400 kg.

peso (quente) ao abate:	740 kg	perdas durante jejum, espera e transporte:	4,4%
peso de carcaça quente:	408 kg	perdas no sangramento:	2,0%
peso de carcaça frio:	400 kg	rendimento após o abate:	54%
peso de carcaça após maturação:	396 kg	perdas por maturação:	1,0%
carne comercializável:	269 kg	carne/peso de carcaça:	68%
		• ossos:	18%
		• gordura:	11%
		• resíduo:	5%
após cozimento rápido:	150 kg	após cozimento lento:	119 kg
(56% do peso de carne comercializável)		(44% do peso de carne comercializável)	

‘Agora me calo. Será que não é mesmo melhor que eu me torne vegetariano?’

13 de fevereiro de 2005.

- (1) Orixás: espírito/deidades das religiões afro-brasileiras.
- (2) Ver as numerosas publicações de Wervel sobre a questão.
- (3) Dorothy Stang, 73 anos, uma freira de origem norte-americana, foi assassinada no dia 12 de fevereiro de 2005 por pistoleiros, a mando de fazendeiros. Trata-se da ‘receita consagrada’ de pistoleiros de aluguel que, há décadas, é praticada no Pará. Anos atrás, Irmã Dorothy naturalizou-se brasileira. Chama atenção o fato da imprensa escrever sobre a freira ‘norte-americana’ durante semanas, enquanto sobre as vítimas brasileiras os jornais só escrevem, no máximo, durante um ou dois dias. Devido a seu passado colonial, o Brasil sofre – evidentemente – da síndrome ‘Quem ou o que vem dos Estados Unidos ou da Europa não pode ser outra coisa senão melhor ou mais importante’.
- (4) Veterinário do Serviço de Inspeção Animal, assassinado há dez anos na Bélgica por causa de sua atuação contra a ‘máfia dos hormônios’.
- (5) www.inst-elevage.asso.fr

‘Samba da devastação’

Este era o título de uma coluna de Carlos Heitor Cony, na ‘Gazeta do Povo’, de 9 de fevereiro de 2005. Eu leio com prazer as colunas do Carlos! Ele é tão veemente em sua indignação.

Tomemos o Carnaval no Brasil

No Brasil, a economia pára durante cinco dias. Parada total! Normalmente, ouço os caminhões passarem durante todo o dia. O som difuso permeia as folhas da floresta e ‘martelam’, constantemente, os sensíveis ossos de meu sistema auditivo¹⁵. No Carnaval: nada! Silêncio total. Um silêncio que é como um bálsamo para meus ossos, neste país de agito e barulho (1).

Em outros lugares, principalmente nas grandes cidades, a programação é de cinco dias ininterruptos de festas. Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador da Bahia. Lá na Bahia é onde a maioria da ‘alma festiva popular’ ainda se diverte na rua. Durante cinco dias, 2 milhões de pessoas cantam e pulam à exaustão. Neste ano, sob chuva torrencial – mas isto não importa. É bem mais à vontade do que no carnaval cheio de estilo do Rio de Janeiro, mas os turistas são atraídos para cá como moscas. Entre os dois milhões de foliões em Salvador, há 1,1 milhão de estrangeiros balançando os quadris.

Os brasileiros que não gostam da confusão do Carnaval fogem para as praias. Mas não são facilmente encontrados em regiões de florestas, na natureza, ainda que o agro-turismo esteja vivendo um forte crescimento. Por exemplo, no Pantanal, 99% dos turistas são estrangeiros, principalmente europeus e, raramente, um ou outro norte-americano. É como se o resultado da mistura racial que se chama ‘brasileiro’ ainda tenha em si algo da alma Guarani. Os Guarani são uma tribo indígena que, originariamente, vivia no litoral e próximo de outros corpos de água. Nômades que são, há séculos vêm sendo expulsos de suas terras pelos imigrantes europeus. Os jesuítas tentaram convertê-los nas Missões. Durante os serviços religiosos, é possível perceber a saudade do mar. Na parte da frente da casa de reza, há um altar com água, como substituto da infinitude do mar. No Brasil, dos 200 povos indígenas que sobreviveram à invasão européia, esses são os mais numerosos. Eles se mudam de uma reserva indígena para outra. Em busca de suas almas. Até se fundirem com o oceano?

Carnaval no Rio

O Carnaval no Rio de Janeiro é mostrado em quase todos os lares do mundo. Principalmente os peitos nus, cheios de purpurina. Aqui no Brasil, os noticiários da televisão têm sua duração reduzida e a programação é totalmente alterada para que possam transmitir os muitos desfiles. Na maior parte, o desfile na Sapucaí, no Rio de Janeiro. A passagem pelo sambódromo de cada escola de samba leva mais de uma hora. Todas as escolas de samba têm nomes sonoros: a Tijuca, a Vila Isabel, a Mocidade Independente de Padre Miguel, a Mangueira, a Porto da Pedra, a Caprichosos de Pilares, a Viradouro, a Portela, a Imperatriz Leopoldinense, a Grande Rio, a Beija-Flor, a Tradição. A Salgueiro foi muito elogiada na primeira noite como uma das mais belas e mais luxuosas.

Luxuosas? É de se perguntar de onde devem vir tantos milhões. Os jornais falam de ‘teatralização’ do samba. Ou seja, cada vez mais teatro. Teatro caro, uma máscara, numa cidade com tanta pobreza e exclusão. Mas para a população é uma festa, pois assim podem – por alguns dias – esquecer sua miséria. Carnaval como ópio, diria Marx. Uma variante religiosa.

Os novos imperadores

¹⁵ Nota do tradutor: três ossos fazem parte do sistema auditivo: martelo, bigorna e estribo.

Acho que encontrei uma parte da resposta na tela da televisão. Imagens com propaganda da Nestlé e da Kaiser¹⁶ invadem, regularmente, a tela. Você já conhece: Nestlé, a maior multinacional de alimentos do mundo. Em 1888, mandaram o Imperador Dom Pedro II ‘passear’. A partir da década de 30 do século XX, reina no Brasil um Imperador Suíço – ‘Dom Pedro Nestlé’. É assim que funciona.

E a Kaiser? Bem, esta é uma das marcas de cerveja que não pôde se unir na Ambev brasileira e, com esta, formar a nova Inbev. Inbev, a maior cervejaria do mundo e, ainda por cima, belgo-brasileira! Não, Kaiser é a cerveja da Coca-Cola. E, sim, eles têm outras bebidas: Coca-Cola, Fanta, Sprite, cerveja, água (2). Que tal Coca-Cola como imperatriz?

Mas, o que vejo agora na telinha?! A ‘Tradição’, com ‘O samba da soja’. Eles cantam: “De Sol A Sol, De Sol À Soja – Um Negócio Da China!” (3)

Quase caí da cadeira! Enquanto os caminhões de soja, para variar, não estão rodando pelas estradas, aqui eles encenam a história sambando: a soja já era utilizada há 5 mil anos na China; os primeiros grãos chegaram no final do século XIX, na Bahia, onde também surgiu o samba; da Bahia, a soja mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde o grão se popularizou mesmo nas décadas de 50 e 60; em seguida, a conhecida história de sua expansão via Paraná para o Centro-Oeste, que agora é a maior região produtora; toda a impressionante mecanização, o transporte e o ‘avanço’ no Centro-Oeste estão representados; e... na década de 80 a soja retorna – graças aos gaúchos – ô alegria, para a Bahia! Ela é a ‘salvação da lavoura no Brasil’. Salvador da Bahia. Agora, Soja, Salvadora do Brasil. Por isso, o sambanredo fala de ‘anjos, voar e bênção’. Soja, Salvadora do Brasil!

E quem é que paga o show? Exatamente, o agronegócio do Centro-Oeste. A Tradição firmou uma ‘parceria’ e recebeu R\$ 1,5 milhões de Blairo Maggi, o imperador da soja e governador do Mato Grosso, da New Holland e de outros parceiros.

Dentro em breve (17 e 18 de março de 2005) temos que ir a Foz do Iguaçu, para reunir-nos com Blairo Maggi, com Unilever, Carrefour & Cia em torno de uma mesa. Uma ‘Mesa Redonda’ da assim chamada ‘soja sustentável’, num hotel cinco estrelas muito chique – ‘Bourbon’ é o nome deste paraíso, a caminho das Cataratas do Iguaçu. É uma iniciativa da World Wildlife Fund (WWF). Só posso pagar minha inscrição em dólares. Assim como, no mercado mundial da própria soja, os preços são também expressos em dólares. Felizmente a delegação da Fetraf hospedou-se num hotelzinho simples em frente a este monstruoso Bourbon.

Estou curioso para saber como Maggi re-avalia seu samba. É que a Tradição não ganhou o concurso dos desfiles no Rio. Será que não mostraram peitos nus o suficiente?

E Carlos Heitor Cony?

Em sua coluna, ele se indignou porque ninguém mais se indignava. Enquanto nos outros anos as escolas de samba representaram a importância da Amazônia, este ano foi a vez do ‘Samba do desmatamento’. Do agronegócio. Para criar, nas cidades, aceitação da invasão do agronegócio no campo. Carlos indignou-se com o fato de que fazendeiros, grileiros e madeireiros, no Pará, podem simplesmente derrubar a floresta em terras que pertencem à União. Assim, sem mais nem menos. “Por que não existe um dia nacional da indignação?” exclamou ele.

Alguns dias depois, neste mesmo Pará, foi assassinada a freira norte-americana Dorothy Stang. Assim como, semanalmente, são assassinados brasileiros anônimos. Seus nomes mal são lembrados...

¹⁶ Nota do tradutor: ‘Kaiser’ é imperador em alemão.

Agora o Brasil e a imprensa nacional estão indignados. Durante dias a forma como a irmã Dorothy foi assassinada é notícia de primeira página: quem estava por trás; o que ela representava, etc. Enquanto isso, me deparo com uma propaganda do imperador Nestlé na revista semanal 'Isto é'. Eles reavaliam o Carnaval, seus lucros e sua presença marcante no evento. Eles estão bastante orgulhosos por poderem 'alimentar o corpo e alma do povo brasileiro'.

Ontem à noite liguei para Oscar, no Rio. Oscar Niemeyer, 97 anos, comunista, amigo de Fidel Castro, ainda trabalhando como arquiteto. Ele ensinou o povo a morar. Junto com Jean-Pierre Rondas, vou entrevistá-lo no dia 1º de abril para a rádio Klara. Não, não é mentira de 1º de abril.

Estou curioso para saber se ele ainda compartilha a indignação de Carlos, o velho Oscar.

15 de fevereiro de 2005.

- (1) Gradativamente surge um movimento contra o onipresente barulho no Brasil. A resistência está se organizando através de um verdadeiro website: www.chegadebarulho.com
- (2) Para Coca-Cola, o Brasil é o terceiro mercado consumidor, depois dos Estados Unidos e do México. O ano de 2004 foi interessante para a empresa no Brasil. Foram produzidos 12,2 bilhões de litros de refrigerantes, um aumento de 5,5% em relação ao resultado de 2003. As vendas aumentaram em 7%, um faturamento de R\$ 7,4 bilhões. No plano mundial, o aumento em volume foi de apenas 2% e 3% na América Latina.

- (3) De Sol A Sol, De Sol À Soja – Um Negócio Da China!

*Havia festa no palácio imperial
Onde se comemorava o sucesso da colheita
A realeza conduzida em palanquins
Admirava tigres brancos
Com jade na « terra dos mandarins »
Brasil, meu Brasil, meu Brasil se fez presente
Elevando a economia nacional
Cana-de-açúcar e café
Pro mundo foi genial
Hoje tem soja e Tradição no Carnaval*

*O imigrante veio plantar (oba!)
Nessa pátria mãe gentil
Da China pra cá em solo fértil
Terra de encantos mil*

*De grão em grão (ô de grão em grão)
O milagre acontece
Ao raiar de cada dia
Pro mundo se alimentar
E os anjos abençoando
Nossa alegria nessa festa popular*

*Eu também vou voar,
Eu vou voar na passarela*

*De sol a sol nesse chão
Vou semeando esse grão
Abençoada seja a plantação*

(Autores: Tonho, Lu Gama, Nascimento)

Soja e mulheres

Acho que eu não conseguiria escrever uma crônica sobre esse tema. Se bem que...

A 'Folha de S. Paulo' informou hoje que o 'excedente de mulheres' tem aumentado assustadoramente. Em 1992, havia – numa população de 145 milhões de brasileiros – um excedente de 2,7 milhões de mulheres; já em 2003, 'sobram' 4,3 milhões de mulheres numa população de 174 milhões de pessoas. Um crescimento de 57%.

Razão: os homens são mais vitimados por acidentes e crimes. Não se trata de um 'excedente de mulheres' numa população mais velha. Ao contrário, na faixa etária de 20 a 24 anos, a causa de morte por atores externos (assassinato, acidente ou outros) cresceu 52,1% no período de 1980 a 2003 (de 121 para 184 vítimas a cada 100 mil homens).

Mercado de mulheres

O artigo fala muito de 'mercado de procura e oferta'.

Será que vou chegar, novamente, na soja? Não passa uma semana sem que haja vítimas fatais nas disputas de terra. Terra para carne, soja e madeira. É claro que também há muitas vítimas nas favelas por causa do tráfico de drogas e outros conflitos.

E 'mercado'? Desde 2001, o mercado tem direcionado a soja, massivamente, para a China. Bruna Machado, 21 anos e solteira, rindo, pergunta: "Talvez devêssemos criar uma ponte aérea para achar um namorado?"

Bem, em direção à China, né?

Navios de soja há bastante mas, se você tiver pressa, o avião é melhor. É que na China, há anos, aumenta assustadoramente o excedente de homens. Razão?

Devido à rígida política de planejamento familiar, cada casal pode ter (oficialmente) somente um filho. Oficialmente? É claro que lá também há como contornar o problema. Os belgas com seus 'acertos' e os brasileiros com seu 'jeitinho' não têm a patente disso. Isto parece ser universal, portanto na China também. Como na cultura chinesa um menino ainda 'vale' mais do que uma menina, milhares de meninas são mortas logo que nascem. Por isso, a situação lá está ficando seriamente fora de controle: homens de mais, mulheres 'de menos'.

'Dumping'

China e Brasil estão se tornando – cada vez mais – vasos comunicantes: na China falta terra e água para alimentar a população; o Brasil possui ambos em abundância.

O Brasil tem um excedente de mulheres? Sem problema! A China tem um excedente de homens.

O Brasil tem minério de ferro. A China vem construir as ferrovias, através da cordilheira dos Andes, para que a soja chegue mais barata a seus frangos, patos e suínos.

As recentes importações brasileiras da China 'explodiram' de US\$ 229 milhões em janeiro e fevereiro de 2004 para US\$ 649 milhões em janeiro e fevereiro de 2005. As exportações para a China também não são desprezíveis: US\$ 670 milhões. Os chineses não se abstiveram de exportar seus produtos a preços de '*dumping*', a ponto do governo brasileiro, agora, estudar a adoção de medidas '*antidumping*'. Vamos esperar que a prática do '*dumping*' não seja usada para enviar homens chineses para o Brasil, caso contrário as solteiras brasileiras ficarão numa situação ainda pior.

Um detalhe interessante é que o '*dumping*' é praticado principalmente para muitas peças de celulares da China – no valor de US\$ 50 milhões, para ser exato. Os brasileiros adoram um celular. Ele é indispensável, entre outros, para 'esquentar' os namoros. Entretanto, pode ficar caro manter um namoro via celular com um chinês. O idioma não deve oferecer dificuldade: em Curitiba, o chinês já é a segunda língua estrangeira mais estudada. Mas vamos concordar que a internet ainda é o meio de comunicação ideal para conquistar um chinês...

Entre estes gigantes, porém, existe uma diferença grande. Na China, trata-se de 1,3 bilhões de pessoas; no Brasil, de 174 milhões.

O estranho é que, no último ano, sempre leio que são cerca de 179-180 milhões de brasileiros. Ou – em um ano e meio – nasceram mais 4-5 milhões, ou o excedente de mulheres (4,3 milhões) – para variar – não foi computado.

25 de fevereiro de 2005.

Soja e a morte dos povos indígenas

Já falamos anteriormente sobre o desrespeito aos direitos humanos no mundinho da soja. Agora foi constatado que a mortalidade infantil entre os povos indígenas no Brasil é muito maior do que a dos outros grupos populacionais. Principalmente no estado do Mato Grosso do Sul a situação é crítica. Junto com Mato Grosso, este é um dos estados do Centro-Oeste do Brasil onde a onda de soja se abate arrasadora para todos os lados.

O DVD ‘O Ouro Verde’, da Articulação Soja da Holanda, mostra, de maneira contundente, a relação entre o avanço dos megaplantios de soja e a expulsão da população autóctone. As imagens mostram os povos encurralados, ainda vivem na floresta – mas a floresta está rodeada de lavouras de soja. Lavouras de soja que envenenam os rios dos quais essas pessoas dependem para viver.

Muitos grupos foram simplesmente expulsos por grandes empresas, frequentemente estrangeiras. Pessoas como Dom Pedro Casaldáliga tentaram, durante anos, denunciar esta situação para o mundo.

Mato Grosso do Sul

Assim como milhões de pessoas, ao longo dos últimos 40 anos, fugiram do campo e para se aglomerar nas favelas das grandes cidades, também os ‘índios’ se aglomeram aos milhares na ‘área indígena’. Depois do Amazonas, o Mato Grosso do Sul (MS) tem o segundo maior número de pessoas da população autóctone: cerca de 50 mil, das quais 27 mil das etnias Guarani e Caiuá.

Estes dois grupos vivem em Dourados, onde 11 mil pessoas compartilham 3,6 mil hectares. Se esta fosse uma área para reforma agrária, só seria permitido o assentamento de 200 famílias! Desarraigados, sem terra para subsistência, é impossível para eles proverem seu sustento. Para a alimentação, eles dependem totalmente da boa vontade do governo estadual. Os números são estarrecedores:

* Mortalidade infantil:

- mortalidade infantil entre indígenas no MS: 60,5 a cada mil nascimentos;
- mortalidade infantil entre não-indígenas no Brasil: 24,3 a cada mil nascimentos;

* Subnutrição:

- entre os indígenas, 12% das crianças estão subnutridas;
- entre os não-indígenas no Brasil este número é de ‘apenas’ 5,7%;
- 15% das crianças indígenas estão abaixo do peso normal.

FIAN (1), a ‘Anistia Internacional para alimentação adequada’

Em 2004, 15 crianças indígenas morreram de fome nas aldeias no Mato Grosso do Sul. No início de 2005, sempre que, em Dourados, morria uma criança, isto era noticiado nos jornais nacionais. Dia 11 de janeiro: um bebê de 8 meses; 8 de fevereiro: uma criança de 3 anos e 11 meses; 19 de fevereiro: um bebê de 6 meses e 15 dias; 24 de fevereiro: uma criança de 1 ano e 11 meses e uma outra criança de 1 ano e 4 meses; 26 de fevereiro: e mais um; ...; e mais uma; ...

Será que a canção “*Altijd iemands kind*” [“Sempre é o filho de alguém”], de Willem Vermandere (2) também se aplica aqui?

Graças a FIAN a notícia foi ganhando o mundo. O mérito de FIAN não está só no fato deles exigirem para cada indivíduo, para cada criança, o direito a uma alimentação adequada. O movimento estabelece, também, uma clara ligação entre as mortes e o drama da soja vigente.

Crianças que morrem cercadas por um mar de proteínas.

Será que um outro mundo não é possível?

Por exemplo, um mundo no qual a soja seja utilizada para consumo humano sem destruir as condições de vida de povos inteiros?

1º de março de 2005.

- (1) FIAN: sigla em inglês para: *'FoodFirst Information and Action Network'* [Rede de Informação e Ação pró Prioridade à Alimentação]. www.fianbrasil.org.br (em português); www.fian.org (em inglês); www.fian.be (em holandês)
- (2) Willem Vermandere é um cantor muito popular em Flandres, que canta no dialeto da região. Ele compôs algumas músicas muito emocionantes sobre a 1ª Guerra Mundial, porque esta fez muitas vítimas em sua região – próxima ao Mar do Norte. É neste contexto que ele canta sobre a tristeza dos pais e das mães que perderam seus filhos: 'é sempre filho de alguém'.

Soja e seca

Estamos reunidos novamente para o curso de dois dias sobre: ‘OMC e fluxos de proteínas Brasil-Europa. Agricultores flamengos e brasileiros querem participar das decisões’. Trata-se de um projeto de Wervel-Fetra, financiado pelo governo flamengo [Bélgica]. Deve culminar com uma viagem, entre os dias 7 e 19 de abril de 2005, de 12 flamengos pelo sul do Brasil e um seminário internacional em Chapecó (nos dias 14 e 15) sobre ‘OMC e soja’.

Há mais de um ano estudamos esta matéria não-evidente com um grupo de lideranças rurais. Estes últimos dois dias estão voltados para os preparativos da viagem e do seminário. Como de costume, também fazemos intercâmbio via imagens em vídeo, além de perguntas e respostas sobre a realidade agrícola/agrária do outro, ... de ambos os lados do oceano.

Desespero na lavoura. Esperança na rua?

O grupo hoje está um tanto desfalcado, pois nossa reunião coincide com uma grande mobilização de agricultores em diversas cidades, inclusive em Chapecó, onde participam 1300 agricultores familiares. Com uma haste de milho seca ou um pé de soja já sem vida, eles denunciam o drama que aflige o sul de Brasil há três meses. No Rio Grande do Sul, 80% da safra de soja já estaria perdida. A tragédia reduz o entusiasmo dos defensores de organismos geneticamente modificados, principalmente de soja transgênica. É que ontem a Câmara dos Deputados aprovou a ‘Lei de Biodiversidade’. “São boas novas”, diz Ademir Heldt: “Mas vieram num momento ruim.” (Zero Hora, 4 de março de 2005). Heldt¹⁷ é, obviamente, um ‘herói’ no mundo agrícola. Há cinco anos ele planta soja transgênica ilegalmente. Aliás, como a maioria dos gaúchos. Este ano sua lavoura de soja secou. Só restou a ele pagar os royalties para a Monsanto – o dobro do ano passado. O principal assunto das conversas entre os agricultores não é só a seca, mas também que a soja transgênica é menos resistente à estiagem. Eles têm uma produção até 25% menor do que em suas áreas com soja convencional.

Enquanto os agricultores manifestam seu desespero nas ruas, o presidente Lula recebe, em Brasília, o líder dos agricultores, Altemir Tortelli e outros representantes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Protejam nossos mananciais!

Devido aos fatos atuais, ‘a seca’ é, obviamente, um ponto de destaque no grupo que discute OMC. “É terrível o que os agricultores estão passando”, suspira uma jovem mulher. Ela prossegue: “Mas, devido à soja transgênica, há muitos anos não se dá atenção aos nossos recursos hídricos. Eles drenam as áreas e plantam soja até nas margens dos rios. Se você diz que isso é ilegal, eles riem na tua cara. Lucro imediato é a única coisa que interessa. E agora, sobraram para nós os rios envenenados e secos.” Alguém complementa: “Nos últimos anos, a região de Chapecó se encheu de frangos, perus e suínos. Os agricultores estão ‘presos’ pelos contratos de produção com Sadia e outras indústrias de processamento de carne. Todos estes animais necessitam de muita água. Carne e água, portanto, para exportação. Agora, já pelo segundo ano, nós recebemos a conta para pagar na forma desta seca terrível.” Um terceiro acrescenta: “Trata-se de um ciclo natural, mas o homem o transforma em uma calamidade devido a seu comportamento em relação a desmatamento, queimadas e uso indiscriminado da água. Nossos antepassados se preveniam para o caso de seca e lidavam com ela de forma mais racional. Meu avô e os outros antigos da vila hoje ainda falam da grande seca de 1943. Naquele ano, a seca durou 9 meses. Hoje, com 3 meses de seca, os rios estão no mesmo nível

¹⁷ Nota do tradutor: trocadilho feito com as palavras ‘Heldt’ e ‘held’, de mesma pronúncia, sendo que a segunda significa ‘herói’.

do que naquela época, após 9 meses. Na nossa região, em Sananduva, há 25 rios. Neste momento, cinco estão completamente secos.”

Por fim, dou minha contribuição como europeu: “Aparentemente não aprendemos muito com a história. Há mais de 3 mil anos a Grécia foi desmatada. O solo fértil foi lavado para o mar e a terra está, até hoje, seca e sem vida. Há 2 mil anos, muitos países na região do Mar Mediterrâneo foram devastados, entre outros, a Península Ibérica. No ‘descobrimento’ do Brasil, o Nordeste foi arrasado, tendo como conseqüência a seca que já aflige as pessoas e a natureza há cinco séculos. A partir do século XIX e, principalmente, do século XX foi a vez do sul do Brasil. E agora, há algumas décadas, segue a região amazônica. Recebi aqui um e-mail de que em Portugal, desde setembro de 2004, não cai uma gota d’água. Para a agricultura, o prejuízo já foi estimado em 1 bilhão de euros. Nenhuma atividade agrícola é poupada neste momento. O círculo se fechou: Portugal-Brasil-Portugal (1).”

Carne e seca?

No período da tarde, discutimos o esboço do texto sobre a visão conjunta para o seminário em abril. Eu aponto a eles um trecho controverso sobre o consumo de carne e a capacidade de suporte de nosso planeta. Abordar o tema ‘consumo de carne’ na Europa é bastante delicado mas, mais ainda, no Brasil. Eu relato meu encontro com uma mulher vegetariana no Fórum Social Mundial de 2002, em Porto Alegre: “Foi lindo de ver: Fetraf tinha lá no Fórum uma feira agroecológica com o educativo ‘Túnel da história da agricultura e a luta da Agricultura Familiar’. Também havia uma série de debates e barracas para alimentação. Centenas de pessoas procuraram a excelente comida, preparada com produtos orgânicos. Conversei com pessoas de diversos países. Inesperadamente também com uma gaúcha, uma mulher do Rio Grande do Sul. Com lágrimas nos olhos, ela me contou sobre seu modo de vida vegetariano e sobre o fato de que ela foi praticamente banida de sua família. Aparentemente ‘não comer carne’ é muito ameaçador numa cultura carnívora, da qual a cultura gaúcha é uma representante por excelência.”

O texto provoca o confronto, mas eu fico abismado como eles lidam com ele. Comer carne, deixar a luz acesa, desperdiçar água: as evidências estão aí. Como um peixe não se dá conta de que está vivo graças à água que o rodeia, assim o brasileiro de classe média está mergulhado na abundância que seu país o oferece. Após uma discussão interessante, Sidimar Luiz Lavandoski fala:

“Eu sou gaúcho de origem polonesa e ‘portanto’ como muita carne, mas tenho aqui cinco razões para deixar de comer carne:

- 1 - há a evidente poluição da água e do ar;
- 2 - a carne não é mais saudável (hormônios, ração animal geneticamente manipulada etc.);
- 3 - os animais são submetidos ao ‘confinamento’. Eles ficam numa prisão e nunca vêem a luz do sol ou sentem as gotas da chuva;
- 4 - estamos vivenciando uma enorme erosão genética. No longo prazo, só sobrarão vacas da raça holandesa Holsteiner;
- 5 - tudo isso ocorre dentro da lógica da redução de diversidade na produção.”

Taquara

Alguns dias depois, estou com Agnes Vercauteren na casa de amigos em Curitiba, Marfil e Darly, da AOPA (Associação para o Desenvolvimento da Agroecologia no estado do Paraná). Nós retomamos o tema da seca. Agnes diz: “A cada 30, 33 anos, há aqui uma grande seca. É nesta época que, em quase toda a região, a taquara floresce. As plantas que florescem, produzem frutos e definham. As sementes são ricas em proteínas e são usadas como alimento para os peixes.” Eu pergunto: “O definhamento das plantas também coincidiu com a seca de 1943?” Marfil: “Sim, e ao mesmo tempo ocorreu uma grande praga de ratos, pois as sementes

da taquara são bastante nutritivas, de modo que os animaizinhos se reproduziram em curto espaço de tempo. Em 1973 também foi assim e agora, em 2004-2005. A seca de 1973 foi acompanhada de grandes incêndios florestais no Paraná. Na verdade, o término do ciclo da taquara representa uma possibilidade de recuperação e reestruturação da floresta. Taquara é muito dominante e inibe as espécies lenhosas. Agora elas têm a chance de crescer e assim, recompor a biodiversidade da floresta.” Continuo refletindo: “49 não é 33, mas os judeus têm uma variante bíblica – o jubileu – a cada 49 anos (7 x 7 anos sabáticos). Era um sistema (ou pelo menos, este era o propósito) de restabelecimento das relações, perdão de dívidas, devolução de terras griladas. Seria, principalmente, um restabelecimento social, mas com implicações ecológicas indiretas. Temo, porém, que não passou de um sonho bíblico.” Para os povos indígenas, Kaingang e Guarani, estes anos serão, com certeza, de extrema pobreza. A par da agricultura, sua segunda fonte de renda é a venda de artesanato. Como as cestas e outros produtos artesanais são feitos com taquara, sua fonte de renda secou – literalmente – por alguns anos.

Amanda: nem carne, nem açúcar

Marfil e Daully têm uma chácara agroecológica.

Desde há pouco tempo também pastam lá um rebanho de ovelhas. Paulo e Frederik abatem uma ovelha pois teremos festa à noite. Será um churrasco! Será uma noite de celebração da carne e da amizade. Também aqui no Paraná, domina a cultura gaúcha. Mas, vejam só!? A filha mais velha, Amanda, de 15 anos, é vegetariana. Durante toda a tarde, ela se ocupou no preparo de excelentes pratos vegetarianos para servir à noite. Enquanto a maioria das pessoas se excede no consumo da carne, ela continua – calmamente – a oferecer seus pratos vegetarianos especiais. Ela é a simpatia em pessoa. Ela não come carne nem peixe. Além disso, não quer saber de açúcar. Ela está ‘duplamente desajustada’ na sociedade brasileira: além de carne, os brasileiros consomem muitos doces. Sua família a apóia na sua peregrinação vegetariana e isenta de açúcar. Mas seus entes queridos continuam atendendo, com entusiasmo, ao apelo da carne. Não percebo nenhuma agressividade, nem por parte dos carnívoros nem da Amanda. Ao escrever este lampejo, pergunto a ela se não é difícil ser vegetariana neste contexto brasileiro. Amanda: “É claro que eu gostaria que eles parassem de comer carne. Eles me apóiam e me compreendem. Nós já discutimos bastante sobre meus argumentos. Por exemplo, a quantidade de terras e alimentos necessária, por ano, para manter uma vaca daria para alimentar 40 pessoas. Na história há uma série de sistemas filosóficos, espirituais e religiosos que são todos vegetarianos.” Ela me dá bibliografia sobre o tema. Estou realmente impressionado com a forma madura que ela lida com esta difícil questão. Desejo muita coragem e energia a Amanda. Afirmo que ela, com certeza, deve conversar com Gert Coppens, Mieke Frehe, Tine Becuwe e Peter Breugelmans. Eles participarão da viagem dos ‘belgas’. Todos eles são vegetarianos há anos. Em abril nós seremos hóspedes desta família extraordinária.

6 de março de 2005.

(1) <http://www.vilt.be/nieuwsarchief/detail.phtml?id=6070>

(2) Vegetarianismo. Elementos para uma conversa sobre.’ Marly Winckler, Rio Quinze Editora, 1997. www.vegetarianismo.com.br ; mwinckler@zaz.com.br

Dia Internacional da Mulher e... soja

Há 13 anos uma amiga minha optou por deixar a vida. Exatamente no Dia Internacional da Mulher! Naquele dia eu deveria fazer uma palestra para a ‘Jonge Kerk’ [Igreja Jovem], em Aalst, e só fiquei sabendo do fato no dia seguinte: na manhã do dia 8 de março de 1992, ela se jogou na frente de um trem...

Ano após ano continua sendo, para mim, um dia especial. A mulher sofria do que muitas mulheres e o lado feminino da vida sofrem. Pessoalmente, posso ter alguma idéia do problema devido ao ‘grupo de apoio a vítimas de incesto’ que ajudamos a criar em 1987, em Averbode. Anualmente, o Dia Internacional da Mulher aborda com cada vez mais força e voz as formas de opressão às quais as mulheres são submetidas. Essa impressão eu também tenho aqui no Brasil. Na imprensa, o assunto não é ignorado. Em Curitiba, participo de um dia de debates sobre a questão de ‘gênero’. Cerca de 600 mulheres do MST atenderam a convocação. Na verdade, o encontro tem duração de dois dias mas, numa tarde, tenho a oportunidade de acompanhar Paulo Mayer. É, portanto, um ‘homem’, mas ele vem se dedicando cada vez mais ao tema ‘agroecologia e gênero’. E o que incesto e violência sexual contra a mulher têm a ver com a destruição e violação da natureza, dos povos indígenas?

Inclusão social

Ele faz uma palestra impressionante para estas mulheres batalhadoras do MST brasileiro. Alguns trechos de suas contribuições.

“Qual é o sonho de um agricultor?” Olha para o público. Os 1200 olhos femininos e 600 bonés vermelhos estão voltados para ele.

“Isso mesmo: um trator, uma colhedeira e muita produção! O homem médio quer produzir para o mercado e, se possível, para o mercado internacional.”

“E o que uma mulher defende? Qual é a relação entre ‘gênero’ e ‘agroecologia’?” Elas estão sentadas nas pontas das cadeiras. Alguém da creche toma emprestado o microfone: “Na creche tem uma criança que não pára de chorar. Ela quer a sua mãe. Será que a ‘mãe’ pode vir aqui um pouquinho?”

“As mulheres defendem a reprodução da vida. Gênero defende a ‘inclusão social’: mulheres, homens, crianças, natureza. Produção também, mas não somente uma produção de bens de mercado, distanciada da vida como um todo. A visão feminina da agricultura é a da reprodução da vida, é holística, na qual tudo tem seu lugar e tudo está inter-relacionado. Também a mística é uma parte orgânica disso.

A agroecologia representa preservação e recuperação da diversidade da natureza e da agrobiodiversidade na propriedade. Ou seja, não é só plantar a soja que nos foi empurrada com a ‘Revolução Verde’. Não, vamos produzir também para nossa subsistência e com a maior diversidade possível. As mulheres sempre foram responsáveis pela diversidade genética no mundo. A relação entre ‘gênero e agricultura’ representa muito mais ‘policultura’ do que ‘monocultura’.”

Durante seu discurso e, principalmente, pensando em agrobiodiversidade na policultura, lembro da prática das mulheres indianas. Vandana Shiva consegue traduzi-la maravilhosamente bem em palavras, no seu discurso ‘*Satyagraha van het zaad*’ [‘A força da verdade da semente’].(1)

Diversidade dá resultados

Também me vem à mente Sidimar Luiz Lavandoski. Durante o curso, na semana passada em Chapecó, ele apresentou um exemplo bastante claro de como os agricultores foram tornados ‘heterônomos’ ao longo dos últimos 30 anos. Sidimar: “Muitos agricultores agora só plantam

soja e milho. Mas fazendo uma conta simples, verifica-se que – quando comparado com esta uniformidade na produção – o retorno à subsistência traria muitos benefícios para a família. Uma família consome, em média, um quilo de arroz por semana. São 52 quilos a R\$ 2/kg, ou seja, R\$ 104 ao ano. Isto significa que a família precisa produzir 25 sacas de milho de 60 quilos para atender sua necessidade básica de 52 quilos de arroz.”

Perguntei: “Sidimar, não entendi: 25 sacas de 60 quilos contra 52 quilos! Explique isso melhor.”

O sensato descendente de poloneses Lavandoski: “Aqui, nós gostamos de calcular tudo em sacas de 60 quilos. No modelo agrícola do agronegócio, a produção de um hectare de milho custa para o agricultor 60 sacas de milho. Em média, ele tem uma produção de, somente, cem sacas de milho. Isto pode variar entre 140 sacas e – num ano como este, de estiagem extremamente prolongada – 40 sacas. Atualmente, muitos agricultores até perderam tudo. Ou seja, para cada saca que sobra para comprar algo fora da propriedade, você necessita de três a quatro sacas de milho. É assim que chego ao resultado de 25 sacas para os míseros 52 quilos de arroz. Se as famílias voltassem a cultivar um pouco de arroz, feijão e frutas, elas estariam bem melhor. O êxodo rural seria bastante reduzido.”

Diversidade aumenta a independência

Paulo continua: “Vocês lutam pela reforma agrária e esta é fundamental, mas não é uma questão de só redistribuir as terras. Se, nos assentamentos, o modelo agrícola não for mudado, vocês continuam sendo ‘interessantes’ – e dependentes – dos fornecedores de sementes e agrotóxicos capitalistas. E para a compra da produção vocês ainda têm que bater à porta de Bunge ou Cargill. Não, produção para consumo próprio é o primeiro passo fundamental na luta contra o capitalismo. E este passo é mais facilmente dado pelas mulheres e pelos jovens do que na cultura masculina dominante. No modelo dominante, soja é a cultura da morte. Vocês defendem a cultura da vida! Sua terra deve estar viva, não morta. Os colonizadores europeus trouxeram consigo a cultura dos cereais mas, na verdade, seria melhor que cultivássemos milho e batatas aqui. Aliás, no Brasil nós temos uma enorme biodiversidade que produz muito mais por hectare do que a soja. Por exemplo, os frutos do pinheiro: estes podem render até 2.800 kg/ha, que pode ser cultivado e colhido com pouca ou nenhuma mecanização. O pinhão, o fruto desta conífera, possui um elevado teor de proteínas. O cultivo da soja exige muitos investimentos e produz, em média, somente 1.800 kg/ha; com muitos insumos e elevado grau de mecanização, às vezes chega a 3.500 kg/ha. No cerrado existe a macaúba, uma palmeira que produz 3.500 kg/ha, com um teor de 38% de óleo. O baru, outra espécie arbórea do cerrado tem elevado teor de proteínas. Ou o buriti, campeão em vitamina A. Diante disso, não há necessidade de manipulação genética de arroz!” (2)

Ele dá mais um exemplo: “Os tomates selvagens dos Andes, que vocês podem cultivar, têm muito ferro e vitaminas. Os tomates ‘melhorados’ que estão nos mercados praticamente não têm ferro. As empresas que fornecem sementes e agrotóxicos são as mesmas que produzem medicamentos. Portanto, eles têm interesse nestes tomates sem ferro. Vocês têm interesse em tomates saudáveis e em plantas medicinais que vocês mesmos podem cultivar.”

Guerra química e consumo de carne

Na volta, pergunto cautelosamente: “Paulo, chamou minha atenção que você até mencionou galinhas caipiras e ovelhas, mas você falou pouco sobre carne. Entretanto, sábado eu vi você matando uma ovelha e comer a carne com gosto. Você falou sobre ‘modelo da morte’ e sobre matar... Para poder comer carne não é preciso matar também?”

“Há matar para destruir e matar para viver. Os povos indígenas daqui sempre caçaram e mataram, mas eles tomaram somente aquilo que foi necessário.”

Em seguida ele me dá uma aula sobre a história da agricultura e da alimentação. É realmente extraordinário: um brasileiro que sabe argumentar com base em tantos fatos históricos. Além disso, ele possui muito conhecimento técnico (e eu não!) e muita visão política.

Vou poupá-los da introdução sobre a situação da alimentação na Idade Média e a pólvora inventada pelos chineses para chegar à 1ª Guerra Mundial. Neste ponto, ele confirma o que Sebastião Pinheiro expôs em sua cartilha esclarecedora: a ligação entre a indústria da guerra e a agricultura baseada em produtos químicos. (3)

“Após a 1ª Guerra Mundial havia um grande excedente de explosivos e resíduos da guerra química. Estes produtos foram, massivamente, convertidos para uso agrícola, fazendo com que, nos 20 anos seguintes, houvesse um excedente na produção e alimentos e os preços despencassem. Este cenário foi uma das principais causas da depressão econômica da década de 30 do século XX.

E por que tanto alimento? Quando você aplica, pela primeira vez, adubos químicos (especialmente adubos nitrogenados) num solo rico em matéria orgânica, estes ‘queimam’ o húmus, resultando em produções elevadas. Depois de dois a três anos ocorre um declínio, mas aí o agricultor já está dependente da adubação química para manter as produções.

Cada vez que na história da humanidade houve aumento da produção de alimentos, também houve aumento da população. No período conhecido como a ‘Grande Depressão’, os economistas norte-americanos (e não engenheiros agrônomos!) que tiveram a ‘brilhante’ idéia: ‘precisamos reestruturar a agricultura’. Assim cresceu o plano de produzir carne com base em ração animal, pois se você produzir somente alimentos, ganhará muito menos do que com ração animal. ‘Ração = redução dos alimentos’. Ou seja, a ‘invenção’ e uso massivo de rações tiveram como objetivo principal reduzir o excedente de alimentos no mundo, para beneficiar a acumulação de capital... Naquela época ainda se necessitava de dez quilos de ração para produzir um quilo de carne (atualmente são necessários quatro quilos de ração para um quilo de carne; a conversão nas aves seria ainda mais eficiente). E foi assim que o milho híbrido se tornou um importante instrumento para vencer a depressão.”

Cem quilos de soja – quarenta quilos de proteína bruta – três quilos de proteína em forma de carne

Neste ponto, começa a me dar uma luz. Certa ocasião, Wervel traduziu a primeira parte do livro norte-americano: ‘*First the seed*’ [‘Primeiro as sementes’] (4). Naquele texto realmente é afirmado que, em 1935, o milho híbrido era amplamente cultivado nos EUA e que desempenhou um papel importante na recuperação econômica.

Paulo: “Após a 2ª Guerra Mundial aconteceu o mesmo, mas nesta ocasião a ciência já havia avançado na química molecular. Eis que podiam ser criados os agrotóxicos. Pois, o que é que acontece quando você fornece adubos químicos nitrogenados à planta? Além de crescer mais, a planta produz maior quantidade de aminoácidos, o que aumenta o ataque dos insetos e doenças, que são especializados no consumo de aminoácidos.

Por fim, é nesta base da multiplicação de capital idealizada pelos economistas na década de 30 que se apóia a ‘Revolução Verde’ da década de 60. É uma extensão óbvia da lógica econômica – e não necessariamente agrônômica – da década de 30. Naquela época surgiu, portanto, primeiro o milho híbrido (5) como elemento-chave para a crescente indústria de ração animal. Depois o componente soja foi agregado à ração. Atualmente, a ração animal contém uma grande variedade de partículas protéicas e energéticas, dependendo do preço no mercado mundial no momento da aquisição da matéria-prima. Atualmente, se você produz cem quilos de soja, você tem 40 quilos de proteína bruta que são reduzidos a três quilos de proteína animal (carne). Isto porque, a cada nível trófico são aproveitados – em média – somente 10% da energia do nível anterior. Se não praticássemos a pecuária dentro deste modelo e, sim, dentro de um modelo agroecológico, poderíamos contribuir de forma mais

sustentável para, em pouco tempo, alimentar 6 bilhões de pessoas do planeta. A fome no mundo é um problema político e falta de distribuição de renda. No Brasil, uma galinha caipira não se alimenta de soja orgânica, viu?! Ela cisca e se alimenta dos restos que encontra, de sementes, de plantas nativas, de insetos e de minhocas. A soja orgânica vai para a Europa, já que sua cotação está atrelada ao dólar.”

No futuro, quando a população do planeta for – talvez – o dobro da que é hoje, será necessário consumirmos mais proteína vegetal ao invés de reduzi-la a proteína animal.

“Será que poderemos continuar consumindo tanta carne?”

“Não, com o passar dos anos o preço da carne se tornará proibitivo. Somente os mais ricos é que poderão consumi-la, tanto no Brasil – onde atualmente o consumo de carne é elevado –, quanto na Europa.”

8 de março de 2005.

- (1) Ver: *‘Wervel-forum 1’*: *‘Patent op leven?’* [Patenteando a vida?], Bruxelas, 1998. Mahatma Gandhi pregava a *‘Satyagraha’* [O poder/A força da verdade]. E, sozinho, desmascarou a mentira e expôs a nudez do imperador (neste caso, o poder colonial britânico). Para Gandhi, minerar o próprio sal e tecer os próprios tecidos eram atos de autonomia em relação ao Império Britânico. Para Vandana Shiva e os agricultores indianos de hoje, é a preservação da diversidade das sementes em policultivos que representa a luta pela autonomia em relação ao império de Monsanto, Cargill, Aventis e outros imperadores das indústrias de sementes e produtos químicos. Justamente hoje, 8 de março de 2005, a Agência de Patentes Européia emitiu seu parecer num caso que se arrastava por mais de dez anos acerca do patenteamento – por multinacionais – de compostos do *‘neem’*, uma espécie arbórea indiana. Depois de dez anos, foi dada razão a Vandana Shiva, de Navdanya-Índia, Magda Aelvoet, dos *‘Europese Groenen’* [Verdes Europeus], do Parlamento Europeu e Ifoam, a Organização Internacional para Agricultura Orgânica, na sua luta contra a alienação de recursos genéticos dos povos indígenas. Para mais informações sobre este assunto crucial, ver: vshiva@vsnl.com, www.navdanya.org; msomville@europarl.eu.int; www.greens-efa.org; n.Sorensen@ifoam.org, www.ifoam.org
- (2) Paulo indica dois sites onde pode-se encontrar muita informação: www.trabalhoindigenista.org.br e www.frutos-do-cerrado.com.br Ver também: www.condominiobiodiversidade.org.br
- (3) *‘Wervel-forum 5’*, *“Landbouw, markt voor chemische wapenindustrie in vredeestijd?”*, editado por Wervel em colaboração com *Pax Christi Vlaanderen* e *KWB [Katholieke Werknemersbeweging* Movimento de Trabalhadores Católicos], 2002. Título em português: *‘Cartilha dos agrotóxicos’*. Canoas, RS: Fundação Juquira Candiru, COOLMÉIA, 1998. 66 p., de Sebastião Pinheiro, com ilustrações de Eugênio de Faria Neves.
- (4) *‘Wervel-forum 4’*: *‘Onedele zaadveredeling?’* [Melhoramento de sementes ignóbil¹⁸?], autores: Jack Kloppenburg, Dirk Holemans e Dirk Reheul. O eixo central deste *Wervel-forum* é o prefácio do livro *‘First the Seed’*, de Jack R. Kloppenburg. Edição de janeiro de 2001.
- (5) Se, atualmente, a produção de soja supera os 200 milhões de toneladas, a produção de milho é de cerca de 600 milhões de toneladas.

¹⁸ Nota do tradutor: ignóbil – que não tem nobreza,; baixo, desprezível, vil, abjeto.

Soja e merenda escolar saudável

Eu odeio celulares. Mesmo assim, fui obrigado a comprar um em Porto Alegre porque, no final deste período de três meses, preciso realizar as três semanas de entrevistas com Jean-Pierre Rondas (Radio Klara) e organizar a viagem de Wervel. Um intercâmbio com Fetraf. Também não adianta ter um celular sem créditos, por isso comprei ontem R\$ 100 em créditos. A caminho de Foz do Iguaçu, leio num jornal regional: “50 milhões de brasileiros precisam sobreviver com menos de R\$ 100 ao mês.” Engulo seco. Eu sei disso tudo; às vezes escrevo sobre o assunto, mas quando você se defronta com este número duas vezes em 24 horas, você se cala.

Soja ‘sustentável’ ou ‘greenwashing’ [Gatopardismo Ambiental (1)]?

Estamos aqui reunidos para a tão aguardada e muito criticada ‘Mesa Redonda sobre Soja Sustentável’: uma iniciativa *World Wildlife Fund* (WWF) para reunir Unilever, COOP, Maggi, Fetraf e outros ‘stake-holders’ [diretamente interessados] numa mesa de diálogo, na esperança de reduzir a destruição provocada pela soja. Os opositores chamam a iniciativa de ‘greenwashing’ [gatopardismo ambiental]. Afinal, como é que a soja pode ser ‘sustentável’ dentro do modelo de monocultura? Por isso, há uma grande tensão no ar.

Enquanto brasileiros e alguns holandeses estão em reunião, marco um encontro com Noemi Weiss. Pela primeira vez na vida vou experimentar um ‘rodízio de peixe’. Esta refeição custou um total de R\$ 39 para nós dois. Se você comparar com um restaurante no mercado de peixes em Bruxelas, não é muito por todo aquele peixe gostoso. Mas quando você pensa nos R\$ 100 ao mês, o estômago fica embrulhado.

Hidrelétricas e miséria social

Noemi começa a falar sobre seu trabalho. Fico sabendo que, desde 1º de janeiro de 2005, ela pode, com a nova administração do município de Foz do Iguaçu, realizar seus antigos sonhos em relação a alimentação. Cerca de 12 (!) partidos, entre os quais o PT e o PDT, fizeram uma aliança para expulsar a ‘velha guarda’ do PMDB da prefeitura. Desde 2000, Noemi trabalha como nutricionista para as escolas municipais e agora também com os centros de educação infantil. É responsabilidade dela que, diariamente, 30 mil crianças nas escolas e 4 mil crianças nas creches recebam alimentos saudáveis. Muitas vezes a merenda é a única refeição do dia. A subnutrição está amplamente disseminada por aqui.

Foz era uma cidade pequena e insignificante, localizada próximo do local onde o Rio Iguaçu deságua no Rio Paraná. Uma cidade sem favelas. Com a construção da maior barragem hidrelétrica do mundo, a Itaipu (2), dezenas de milhares de pessoas deslocaram-se para cá para trabalhar na obra. Quando a barragem foi concluída, em 1984, a maioria ficou desempregada. As favelas multiplicaram-se como câncer pela cidade que, atualmente, tem 280 mil habitantes. Em Foz só há renda graças aos turistas, atraídos pelas Cataratas e por Itaipu. Além disso, restava o comércio ilegal com o Paraguai, que faz divisa com a cidade. Ultimamente, o governo aumentou a fiscalização sobre o contrabando e milhares de famílias ficaram sem renda. No bairro de Noemi moram 5 mil pessoas, das quais a maioria não tem renda.

Merenda escolar com soja na ‘terra da carne’

Desde janeiro, Noemi está mergulhada no trabalho, mas agora ela finalmente tem a chance de testar vários produtos de soja na merenda escolar. O projeto retoma o trabalho de um ex-prefeito, dez anos atrás. O prédio da panificadora foi reformado e os jovens recebem treinamento na produção de pães de soja, macarrão de soja e, futuramente, também biscoitos de soja para as escolas e creches. Na usina do núcleo de nutrição e alimentos, é produzido

suco de soja: oito litros de suco de soja com um quilo de grãos. Dentro em breve chegará um equipamento mais sofisticado, com um sistema que poderá produzir 18 litros de suco de soja com um quilo de grãos. O resíduo protéico entrará, em até 30%, na composição do pão e do macarrão. Logo o macarrão será composto em 50% desta proteína de soja. No futuro, o suco de soja será misturado com suco de frutas. Enquanto nutricionista, Noemi tenta substituir o cardápio tradicional de ‘arroz – feijão – carne’ por ‘arroz – feijão – verduras’. É óbvio que há muita resistência, principalmente por parte dos professores. A idéia dominante por aqui é que você não se alimentou se não comeu carne! Entretanto, é mais saudável e, pela diminuição na quantidade de carne, é reduzido o custo de um dos itens mais caros do projeto. O governo federal contribui com R\$ 0,18 por dia para cada criança, e o restante é financiado pela prefeitura.

Os mais pobres e alimentação saudável

A nova administração municipal está cheia de idéias. Num futuro próximo eles pretendem, em parceria com organizações locais, atender – quinzenalmente – as famílias mais carentes. Elas também receberão o pão e o macarrão de soja. Eles irão organizar feiras de produtores e os alimentos para as 40 mil crianças não mais serão adquiridos no ‘buraco negro’ do mercado anônimo. Não, eles querem comprar os produtos dos agricultores da região. Esta não é uma iniciativa original no Brasil, mas é inovadora nesta região.

Itaipu – que desde 1985, já provocou uma série de problemas ambientais e sociais – iniciou, a partir do governo Lula, um trabalho de recuperação, financiando diversos projetos sociais e ambientais. O ‘cartão de visitas’ é o projeto ‘Cultivando água boa’, que visa conscientizar os brasileiros acerca deste bem valioso que é a água.

Recentemente foi iniciado um programa de alfabetização para adultos em Foz do Iguaçu. Itaipu também contribuiu para a participação de agricultores de Fetraf na mesa-redonda.

Esperemos que Itaipu ainda continue por muitos anos com seu movimento de recuperação e que apóie ‘aves raras’ como Noemi, que luta por uma alimentação saudável na ‘terra da carne’.

Alimentação saudável: não só para as elites, mas também para os pobres da cidade.

15 de março de 2005.

- (1) O pesquisador ambiental Roberto Guimarães criou uma feliz expressão – o ‘Gatopardismo Pós-Moderno’ – para mostrar os motivos pelos quais todos concordam que a sustentabilidade pode ser a salvação do planeta mas, na hora de substituir a ‘Economia Predadora’ pelo ‘Desenvolvimento Sustentável’, a maioria desconversa e apresenta o argumento surrado de sempre: “precisamos produzir mais para acabar com a fome do mundo”. <http://www.sema.ms.gov.br/ler.php?id=245>.
Ou, como dizia um personagem do romance ‘O Leopardo’ (‘*Il Gattopardo*’, em italiano), de Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1896-1957): “Às vezes é preciso mudar alguma coisa para que tudo fique como está.” Em espanhol, também se usa ‘gatoverdismo’ – propor pequenas mudanças, trocando seis por meia dúzia.
- (2) Em tupi-guarani, itaipu significa ‘pedra que canta’. Pela construção da barragem de Itaipu, porém, a pedra ‘itaipu’ foi submersa, bem como a bela região de Sete Quedas. Os Guarani foram expulsos e milhares de agricultores perderam suas terras. Este foi um dos fatos que levou à criação, em 1984, do MST. Tal destruição só pôde ser idealizada por uma ditadura militar. Um objetivo secundário dos militares era, portanto, estratégico-militar: se abrissem totalmente as comportas da barragem, seria possível inundar a cidade Buenos Aires, localizada milhares de quilômetros rio abaixo.

Os brasileiros continuam possuindo um traço megalomaniaco. Assim como os norte-americanos, eles gostam de ser o 'Número Um'. Agora, com uma nova barragem, a China ameaça desbancá-los nesta corrida pelo primeiro lugar. Por isso estão sendo construídos mais dois gigantescos geradores, que entrarão em funcionamento em setembro de 2005. É claaaaro que é por causa do aumento na demanda de energia.!?

Soja e desmatamento

Enquanto o intenso desmatamento (com suas queimadas) faz parte do passado do Paraná (isto porque, na década de 70, já havia sido cortado praticamente tudo que estava no caminho), esta prática está mais ativa do que nunca na região amazônica. Já há três anos consecutivos que são desmatados cerca de 23 mil km² desta floresta, contra os 18 mil km² ‘usuais’ dos anos anteriores. ‘Deter’ (Detecção do Desmatamento em Tempo Real) estima que, em 2004, já foram desmatados entre 23,1 mil e 24,4 km². (1)

GPS e satélites: úteis para o desmatamento

Um estudo feito por Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia) mostra que, nos últimos 30 anos, a região de 5 milhões de km² (dos quais 60% em território brasileiro) reduziu em 14%; 0,5% ao ano. O corte ilegal de madeira representa 55% de todo o desmatamento. Nem toda a madeira cortada é retirada e comercializada. Segundo o Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente), 28 milhões de metros cúbicos de madeira são simplesmente abandonados. Se estes fossem transportados em caminhões de 17 m³, isto exigiria 4.500 carretos por dia ao longo de todos os dias do ano. Mesmo assim há 350 mil pessoas empregadas no setor madeireiro, que conta com cerca de 2.600 empresas. As serrarias são as mais rentáveis na região, com um retorno de 60% - mais ou menos quatro vezes mais do que a pecuária. Como no passado, não importa muito se é por meio de extração de madeira ou se é colocando gado para pastar em terras ilegais; o que importa é ocupar, num mínimo de tempo, a maior quantidade de terra possível. Depois, usando a tática do fato consumado, inicia-se a negociação com o governo (fraco e ausente) para a legalização das terras e a exploração econômica das mesmas. Graças a tecnologias de ponta com imagens de satélite e sistema GPS, os grileiros (aqueles que ocupam ilegalmente as terras) conseguem tomar posse de extensas áreas no meio do nada. Por exemplo, no relatório de Deter fala-se de uma área de 6.200 hectares que foi destruída em poucas semanas, ao sul do rio Iriri. Como seus equipamentos eletrônicos são mais sofisticados do que os do governo e como eles utilizam novas táticas (por exemplo, realizar o desmatamento no período de chuvas ao invés da seca, para dificultar a fiscalização), o ritmo se acelerou nos últimos três anos.

O assassinato da irmã Dorothy Stang colocou o fenômeno ‘grilagem’, de maneira dolorosa, de volta na agenda política. Segundo o governo federal, 12% do território nacional teria sido ocupado ilegalmente. Isto representa cerca de 100 milhões de hectares, comparável com toda a América Central e México juntos. Dos 850 milhões de hectares que o Brasil possui, somente 418 milhões de hectares estão titulados. Se você descontar as áreas urbanas, estradas, rios e lagos, chega-se a 200 milhões de hectares cujo título de propriedade está ‘sob suspeita’.

O modo ideal de eliminar a madeira excedente ou ilegal é, simplesmente, botar fogo em tudo. Cerca de 74% de todo o CO₂ emitido pelo Brasil é oriundo de incêndios florestais, queima de pastos e da cana-de-açúcar. Os meses de agosto a outubro parecem ser os ideais para que ocorram ‘incêndios espontâneos’, até mesmo em parques nacionais. É um período de estiagem e o momento é oportuno do ponto de vista econômico, porque a época de plantio está próxima. A falta da fiscalização neste país imenso faz com que os incêndios cheguem a proporções alarmantes. Nos primeiros 20 dias de agosto de 2004, foram detectados no Pará 9.813 incêndios, contra 6.083 em todo o mês de agosto de 2003.

Plantadores de soja: “Nós não temos nada com os desmatamentos!”

Uma das discussões mais acaloradas por aqui é saber quem são os responsáveis pelos desmatamentos. Na ‘Mesa Redonda sobre Soja Responsável’, nos dias 17 e 18 de março de 2005 (durante o congresso o nome foi mudado de ‘sustentável’ para ‘responsável’), não foi

diferente. O ‘Grupo Amaggi’ e os grandes fazendeiros com monocultura apontam acusadoramente o dedo na direção das serrarias e dos pecuaristas. Ocimar de Camargo Villela, do Grupo Amaggi, proclama orgulhosamente: “O Grupo Amaggi plantou 130 mil hectares de soja e possui, além destes, mais 110 mil hectares de ‘mata legal’”. Ou seja, florestas ou área de cerrado que eles são obrigados a preservar. Ele esqueceu de dizer, porém, que – antes – estes 130 mil hectares tiveram que ser desmatados. O ISA (Instituto Socio-Ambiental), junto com ‘Amigos da Terra’, é categórico – a soja acelera o desmatamento. Eles mostram os dados oficiais: nos últimos três anos, a área plantada com soja aumentou em 39,8% nas regiões Sul e Sudeste do país e em 66,1% no Centro-Oeste. O estado do Mato Grosso está situado nesta região. Entre 2001 e 2004, o desmatamento neste estado aumentou em 51,9%. A aceleração iniciou em 1999, quando a cotação do real frente ao dólar norte-americano aumentou ainda mais o interesse pela exportação. Desde então, a exportação do Ouro Verde passou a ser muito vantajosa. Quando o preço da soja, alguns anos depois, alcançou picos históricos no mercado mundial, não houve mais como segurar. Isto ajuda a esclarecer as taxas de desmatamento extremamente elevadas a partir de 2001. No ano agrícola de 1990-1991, o Brasil possuía 9,74 milhões de hectares plantados com soja; em 2000-2001: 13,97 milhões de hectares. O ‘Grande Avanço’ ocorreu, de fato, após 2001, com 21,24 milhões de hectares plantados no ano agrícola de 2003-2004. E como isto tudo é possível com uma legislação ambiental tão rigorosa? Moacir Pires, assessor para Meio Ambiente no Mato Grosso: “Plantar soja é como garimpar ouro. Quando o preço do ouro sobe, as pessoas são atraídas para o garimpo. O mesmo fenômeno ocorre com a soja.”

O governador de Mato Grosso é Blairo Maggi, dono do ‘Grupo Amaggi’. No DVD da Articulação Soja dos Países Baixos, ele conta com a cara mais lavada do mundo que no Mato Grosso tudo é feito ‘legalmente’. Em seguida, ele se reclina com um imperador. Ao seu lado, um grande crucifixo decora seu escritório. As bandeiras reforçam sua autoridade.

O termo ‘legal’ também é a palavra de ordem de outros grandes fazendeiros – entre estes, os discípulos do ‘plantio direto’ (os fazendeiros não aram o solo, para evitar a erosão; um método que Monsanto também aprova pois, embora o solo não seja arado, são usados cada vez mais herbicidas para dessecar a cultura anterior como, por exemplo, o adubo verde. No total, as lavouras brasileiras recebem, anualmente, 182 mil toneladas de agrotóxicos).

Do Pará para o Paraná

O Paraná está coberto de soja e milho. Mesmo assim, alguns espertalhões ainda conseguem – na calada da noite – derrubar os últimos remanescentes florestais. Por exemplo, em fevereiro de 2005, um engenheiro agrônomo (!) foi flagrado no desmatamento de 29,34 hectares de mata nativa de pinheiro e imbuías centenárias. Em menos de duas semanas ele coordenou o desmatamento, 24 horas por dia, pois queria transformar a área de proteção ambiental em lavoura de soja. Jairo, meu vizinho que trabalha no IAP (Instituto Ambiental do Paraná) suspira: “É o preço da terra para plantio de soja que faz com que estas tragédias ainda aconteçam. Desde 1999 que o preço da terra não pára de crescer. Até aquele ano, os campos (campos nativos no Paraná e Santa Catarina) não valiam quase nada. Agora não resta nem 1% dos campos, pois o preço da terra para soja chega a R\$ 60 mil/alqueire (1 alqueire = 2,42 ha). Até o final da década de 90, colocavam uma cabeça de gado em cada 6 alqueires; atualmente eles tiram 400 a 500 sacas de milho ou 150 sacas de soja ao ano. Nas áreas de transição, a terra com mata nativa valia R\$ 3 mil/alqueire; atualmente, vale de R\$ 10 mil a R\$ 12 mil. Se você derrubar – ilegalmente – a mata nativa e plantar soja, o preço pula para os mesmos R\$ 60 mil/alqueire. É fácil fazer as contas e eles correm o risco. Nós vamos ser bastante rigorosos neste caso, para que sirva de exemplo para todo o Paraná.”

O Instituto Ambiental do Paraná (IAP) aplicou uma multa de R\$ 1,5 milhão pela infração. A multa do IAP foi por derrubar 2.031 pinheiros, 318 imbuías, além de 40 espécies de árvores,

vegetação de Área de Preservação Permanente (APP), e vegetação nativa em estágio avançado de regeneração. O Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama) aplicou uma nova multa, no valor de R\$ 473 mil. No caso do Ibama, a multa foi por danos à fauna silvestre causados pelo desmatamento.

Será que o exemplo vai surtir efeito? Ou a loucura continuará?

Kyoto e 'perfumarias' para limpar o ar

“E como é que ficam as florestas nas regiões de relevo acidentado e nas serras?”

Jairo: “As áreas de mata valiam, antigamente, de R\$ 500 até R\$ 3 mil/alqueire. Agora também passaram a valer de R\$ 10 mil até R\$ 12 mil/alqueire. Isto está relacionado com a ‘reserva legal’ e com o fato dos grileiros quererem legalizar sua prática ilegal. Legalmente eles têm que manter 20% da área com florestas. Portanto, atualmente eles estão comprando estas florestas para continuar plantando soja nos vales. Além disso, em virtude do protocolo de Kyoto, agora eles podem receber dinheiro vendendo o ar puro de suas florestas!”

Agora entendo por que Agnes Vercauteren tem recebido a visita de tantos fazendeiros. De repente, eles estão muito interessados em comprar sua propriedade agroflorestal!

O caso mais extremo é o dos alemães que, graças à simpatia por Hitler, foram assentados aqui pela Cruz Vermelha Internacional na década de 50. São 180 famílias que, originariamente, ocupavam uma pequena área com cinco vilas. Atualmente, eles compraram, num raio de 150 quilômetros, 600 mil hectares e os cobriram de soja e milho. Eles expulsaram, entre outros, uma comunidade quilombola que, há mais de 150 anos, cultivava aquelas terras. Agora eles querem regularizar o negócio e estão procurando, desesperadamente, terras com florestas para completar seus 20%. (2)

Acho que vou encerrar com uma nota alentadora.

Em 1997 o governo lançou o ‘selo verde’ para madeira certificada, sem destruição ambiental. Naquela ocasião havia 80 mil hectares com madeira certificada; atualmente há 1,8 milhões de hectares. Ainda é uma gota no oceano quando comparado com o tamanho da floresta, mas o interesse está crescendo.

Vamos manter as esperanças, contra o desespero e a falta de tempo.

20 de março de 2005.

(1) Você pode acompanhar o desmatamento em tempo real no www.obt.inpe.br/deter; posteriormente foi constatado que, em 2004, foram desmatados mais de 26 mil km².

(2) Leia acerca do drama dos ‘Negros’ e dos ‘Alemães’ em *Mo** [‘*Mondiaal Magazine*’, www.mo.be] de abril de 2005; reportagem van Alma De Walsche.

Soja e emagrecimento

Viajo no ônibus-leito Guarapuava - São Paulo. Eu já sabia que, no Brasil, estes ônibus costumam ser bem ‘chiques’. Mas não podia prever que esta noite eu teria a sensação de realmente estar nos Estados Unidos da América.

Abro o jornal e leio que 38,6 milhões de brasileiros estão acima do peso. Isto representa 40,6% da população adulta. Cerca de 10,5 milhões de pessoas já podem ser consideradas realmente obesas. O tema vem sendo explorado há várias semanas no programa dominical ‘Fantástico’.

Estarrecido, olho à minha volta: no ônibus há cinco passageiros obesos. Cinco dos 30 viajantes! Talvez este número expressivo de obesos se explique porque o ônibus-leito tem poltronas reclináveis mais largas. Numa poltrona larga os corpos se acomodam melhor. A aviação comercial norte-americana já precisa incluir em sua programação orçamentária anual algumas centenas de litros de querosene a mais para transportar o número crescente de americanos obesos. Será que as empresas de ônibus brasileiras devem começar a incluir mais biodiesel de soja em seu planejamento?

Dupla tendência: sanduíche natural e ‘fast-food’

No Brasil, há duas tendências que ocorrem simultaneamente: por um lado, a tendência mundial de uma alimentação mais saudável, mais frutas e verduras. Mesmo sendo o Brasil a terra da soja, os produtos de soja continuam tendo um baixo consumo na média dos domicílios. Na classe média, a utilização de produtos de soja fica abaixo de 5%. Entre os pobres, o consumo é praticamente zero, mesmo que esteja sendo considerada a idéia de incluir no programa governamental ‘Fome Zero’ estas proteínas produzidas no próprio território. Porém, um produto está em ascensão: ‘leite de soja’. No mundo, o consumo desta bebida cresceu 31% em 2004; no Brasil, 19%. Um dos produtos que apresentou maior crescimento – e que também proporciona os maiores lucros – é água mineral.

Uma outra tendência no Brasil é alimentar-se de maneira cada vez menos saudável do que o habitual. Há séculos os brasileiros consomem muito açúcar e doces. Além disso, atualmente, a cultura do ‘fast-food’ vem ganhando cada vez mais penetração. Enquanto McDonald’s & Cia. estão perdendo espaço nos Estados Unidos, Canadá e muitos países europeus, no Brasil o lucro ainda vem aumentando ano a ano. Em 2004, o faturamento de McDonald’s no Brasil foi de R\$ 1,9 bilhão. Diariamente, 1,5 milhão de pessoas freqüentam suas 1.200 lanchonetes e são servidos por 36 mil sorridentes funcionários. Para manter sua clientela, eles endossam a tendência da alimentação natural oferecendo saladas. A venda destas últimas cresceu 40% em 2004. McDonald’s ainda é o líder, mas tem ganhado cada vez mais concorrentes. É que os brasileiros gastam muito mais com ‘fast-food’ do que fazem supor os números da registradora do McDonald’s. Para ser exato, R\$ 20 bilhões.

Soja como salvação

Há, portanto, crescimento e ‘expansão’ na parte bem alimentada da população. Mas não se desespere! A salvação está a caminho. Enquanto um colosso de homem ao meu lado termina de devorar o último pedaço de seu hambúrguer, meu jornal proclama: “Um jovem pesquisador no Rio Grande do Sul descobriu que a adição de soja ao chocolate reduz o envelhecimento. E... não engorda!” À noite, o telejornal anuncia que, na Bélgica, foi fabricado o maior ovo de Páscoa do mundo. Esta notícia recebe o mesmo destaque dado à notícia de que o Papa está acamado e, pela primeira vez em 26 anos, não poderá participar das comemorações de Páscoa.

E eu que aconselhei aos membros de Wervel que virão para o Brasil a não deixarem de trazer um pouco de chocolate Côte d'Or. Os brasileiros adoram e 'nós, belgas', nos orgulhamos de fabricarmos o melhor chocolate do mundo, ainda que a norte-americana Kraft tenha adquirido e incorporado nossa tradicional Côte d'Or. Não foi a imprensa que chamou um dos encontros ministeriais da Comunidade Européia em Bruxelas de 'Pralinetop' [encontro ministerial na 'terra do bom-bom']? O primeiro-ministro Verhofstadt ainda ficou orgulhoso com o fato!

Soja brasileira contra o produtor de cacau de Gana

E daí lembrar que, na década de 90, nós junto com as 'Lojas Mundiais' e outras ONGs lutamos tanto para que a manteiga de cacau não fosse substituída por gorduras (mais baratas) como o óleo de palma ou de soja. Nós tínhamos aliados sérios no Parlamento Europeu. Principalmente algumas parlamentares belgas, lideradas por Magda Aelvoet, lutaram como leões por nosso verdadeiro chocolate contra a leoa Marianne Theyssen, de CD&V [*Christen Democratische Partij* – Partido Democrata Cristão]. Aparentemente, ela estava do lado da indústria alimentícia internacional, que desejava substituir a manteiga de cacau. Mais barato, portanto mais lucro para Kraft & Cia. E dezenas de milhares de produtores de cacau em Gana e outros países veriam sua renda desaparecer, 'fritada' no óleo de soja.

Desejo saudável?

Ou será que esta descoberta é mesmo a solução para o brasileiro que não consegue escolher? Por um lado, os gastos dos brasileiros com 'alimentos saudáveis' aumentaram consideravelmente. Por outro lado, uma parte do orçamento é destinada a produtos que saciam seus desejos: chocolate e doces.

Chocolate que, simultaneamente, atende à mania de saúde e sacia o desejo de comer doces! Descobriu-se o ovo de chocolate ideal.

A pergunta é se o 'chocolate de soja' estimula o cérebro do mesmo modo que o chocolate de verdade. Afinal, é este que defendemos na Bélgica.

Aparentemente, o chocolate de verdade estimula os mesmos neurônios que são estimulados pela excitação (ou frustração) sexual. Nos fins de semana do trabalho de apoio a vítimas de incesto, no mosteiro em Averbode, uma pilha de chocolates fica à disposição dos participantes. Há anos dizemos que deveríamos abordar este tema num dos próximos fins de semana...

25 de março de 2005.

P.S.: Estou digitando esta crônica no ônibus para o aeroporto Guarulhos. Jean-Pierre e Lu aterrissaram. As três semanas de entrevistas para Rádio Klara podem começar.

Lu me presenteia com um miniovo de páscoa e um grande pacote de Côte d'Or. No canto inferior direito, Kraft imprimiu orgulhosamente em nosso produto belga: "Chocolate feito com pura manteiga de cacau."

Soja e colza

O grupo de colabores de Wervel acaba de retornar do Brasil. Todos ainda estão sob influência das impressões do intercâmbio entre agricultores brasileiros e flamengos envolvendo nosso tema: soja, soja e mais soja!

Dentro de alguns dias terei que dar uma palestra em *'De Gaarde'*, em Udenhout, Holanda (www.degaarde.org). *'De Gaarde'* é um centro espiritual-ecológico único. Nesta tarde vamos falar sobre nossa 'pegada' ecológica, tendo como exemplo o consumo excessivo de carne e o uso de carros particulares.

Colza, colza e mais colza

Após três meses de desertos de soja impregnando minha retina, no outro lado do oceano deparo-me com um fenômeno que até então me era desconhecido: colza, colza e mais colza! Será que estamos diante de uma nova imagem no espelho Brasil/Europa? Reduzir gradativamente a importação de soja, substituindo-a por colza. Será este o futuro? É claro que eu sabia que a colza está em franca ascensão. Lá no Brasil até escrevi um artigo sobre isso para *'Boer & Tuinder'* [Agricultor & Horticultor] (15 de abril de 2005). Um trecho: "Cerca de 80% dos agricultores flamengos seriam favoráveis à idéia de cultivar espécies energéticas. Principalmente a área plantada com colza terá um incremento considerável em 2005. Além disso, é possível uma ligação interessante entre biodiesel para motores e proteínas para os animais nas propriedades. Novamente, comparável com o que ocorre no Brasil: farelo de soja para ração animal e óleo de soja – não só como óleo para frituras, mas para os caminhões da cooperativa agrícola."

O que deixei de perceber é que agora até os acostamentos ao longo das rodovias estão cheios de colza. É primavera e ela está em plena floração, tanto na Holanda quanto em Flandres. Ao invés da multicolorida biodiversidade de flores nos acostamentos, estes últimos remanescentes naturais estão sendo convertidos, cada vez mais, em monocultura. É bonito ver todo aquele amarelo, mas meu estômago se contrai de preocupação. É que não há somente variedades de colza para verão, mas também variedades de colza para o inverno. Depois da primavera vem o verão, depois do verão o outono e o inverno: colza, colza e mais colza. Diante da questão dos OGM, há muito tempo já foi alertado que a colza geneticamente manipulada tem um poder de contaminação muito mais rápido e de maior alcance que a soja. Mas as sementes da colza convencional também ocupam a paisagem numa velocidade espantosa.

Espantosa? Atualmente, foram plantados em Flandres (oficialmente) somente 85 hectares com colza, não contando os acostamentos! Mas logo será forçado um avanço: tanto o maior sindicato rural [*'Boerenbond'*] quanto os governos flamengo e belga estimulam intensivamente os agricultores a adentrar com entusiasmo este paraíso amarelo-ouro de colza. No final de 2005, muitos ônibus do governo de Flandres irão usar *PPO* [óleo vegetal extraído a frio] como combustível. Kyoto 'obriga-nos' a isso. Entretanto, colza oferece muito mais possibilidades do que simplesmente usá-la para fazer rodar veículos. Faça uma visita a www.ppo.be.

Ervas daninhas teimosas

Dias atrás, durante o jantar, eu conversava com um confrade. Ele falava sobre 'os alemães' que, durante a guerra, obrigavam os agricultores a plantar colza. Se foi para biodiesel ou consumo humano não ficou claro. O fato é que o senhor Diesel fez rodar seu primeiro veículo usando como combustível óleo vegetal...

Meu companheiro de mesa continuou: “Durante anos, quando éramos crianças, precisávamos arrancar a teimosa colza das lavouras de batatas. Ela é muito agressiva, difícil de ser eliminada.”

Será que não aprendemos nada com a história?
Será este o futuro cenário para a reconstrução de nossa paisagem?
Será sempre e cada vez mais colza neste lado do Oceano Atlântico?
E... sempre e cada vez mais soja do outro lado?

Em Limburgo, duas safras de colza ao ano. Em Amapá, três safras de soja ao ano.
E viva a (agro)biodiversidade!

23 de abril de 2005.

Soja e concreto

Agora ele está realmente indo longe demais: qual pode ser – em nome dos céus – a relação entre concreto e soja?!
Mas deixe-me tentar?

Na terra dos belgas, o *'lobby'* do concreto é um dos mais fortes. Há outros, como o lobby do cobre, com seus interesses de mineração em Katanga, no Congo. Enquanto um deles é responsável pelo excesso de fios de cobre sobre os trens elétricos, o outro é responsável pelo excessivo uso de concreto nas obras públicas.

Os pesados fios de cobre são uma das causas do constante problema de atrasos no transporte ferroviário nos dias de frio ou calor excessivos. Há décadas, o concreto nos serve com pontes inúteis e outras obras de arte para o livro anual de gafes.

Um pequeno mergulho na história recente

Na década de 50 do século XX, foi construída a primeira rodovia de concreto: Antuérpia - Luik. Foi o início da *'criatividade'* para vender o máximo de concreto possível, cujo auge foi na década de 70. Principalmente o ministro De Saeger contribuiu de maneira indelével para *'pavimentar'* esta rodovia: durante anos ele foi chamado de *'Betonneur van België'* [*'o concreteiro da Bélgica'*]. *'Graças'* a este ministro de obras públicas, a Bélgica se tornaria um entroncamento de rodovias gratuitas, um verdadeiro ponto *'luminoso'* no mapa rodoviário europeu. Literalmente: em imagens feitas por satélite, nosso pequeno país logo se destaca como um ponto luminoso. Rodovias, pontes, postes de iluminação – tudo feito com nosso querido concreto, ainda que as rodovias, às vezes, sejam gradativamente substituídas por asfalto e os postes de iluminação por modelos de metal.

A expansão impressionante da malha rodoviária na Bélgica coincidiu, em Bruxelas, com a ruína do império de demolição e construção civil de Van den Boeynants. Com seus projetos megalômanos na muito sofrida capital, ele transformou algumas das famílias de concreteiros de Bruxelas nas potências (inter)nacionais que são atualmente (1).

Do abrigo antinuclear para a esterqueira

Enquanto nossa paisagem se saturava e atraía cada vez mais asfalto, foi criada uma nova necessidade. A década de 80 foi o período da guerra fria: nós estávamos no meio da corrida armamentista. Enquanto os mercadores de concreto construíam abrigos no Golfo, em nosso próprio país os tão necessários abrigos antinucleares tornaram-se o local ideal para gastar concreto. Quando esta ameaça se tornou menos atual surgiu, na década de 90, a ameaça do esterco.

E assim chegamos à ligação: *'soja e concreto'*. Ao invés de barrarmos a enxurrada de matérias-primas para ração animal – encabeçadas por soja – esperava-se que a solução estivesse na armazenagem do esterco! Os agricultores foram convencidos a construir esterqueiras. Gradativamente, a armazenagem de estrume em esterqueiras de concreto se tornou obrigatória. Aliás, não é a única construção de concreto na propriedade agrícola moderna: galpões de concreto, pisos de concreto. E não vamos esquecer o revestimento de concreto dos silos forrageiros para silagem, irmã gêmea da soja, feita com pés de milho *'nacionais'*. Agricultores e agricultoras cercados de concreto. Graças ao armazenamento de esterco, o sistema de desperdício pôde ser mantido. A partir da década de 60, os ciclos ecológicos foram rompidos. Apesar da crise energética de 1973 e de 1979, continuamos a gastar combustível para transportar – por todo o globo – as matérias-primas para ração animal, depois a carne produzida e, por fim, o esterco *'in natura'* ou na forma de adubo orgânico granulado.

Das esterqueiras em Flandres ao ‘trem-bala’ europeu

No final da década de 90 a paisagem rural estava saturada de concreto. Mas não se desesperem: o ‘lobby’ está sempre se antecipando. Enquanto, há anos, está sendo usado mais concreto que o necessário em grande número de megaprojetos, vêm aí também as grandes obras para construção da ferrovia para o trem de alta velocidade, o ‘trem-bala’. Em 2005, quem percorrer a rodovia Antuérpia-Breda, poderá ver, com seus próprios olhos, a diferença entre os trabalhos realizados na Holanda e na Bélgica. É visível que os belgas conseguem gastar muito mais concreto na construção da ferrovia para o ‘trem-bala’ internacional do que a Holanda. É só prestar atenção.

E por que será? Será que estou vendo fantasmas? Será que é por acaso? Ou será que há uma lógica invisível – espertalhona – por trás disso? Uma ‘Mão Invisível’?

O cúmulo é o túnel com quilômetros de extensão nos arredores de Antuérpia, cruzando a *Peerdsbos* [Floresta dos Cavalos]. Enquanto a rodovia continua – imperturbável – a emitir sua poluição sonora nesta floresta, exige-se que o ‘trem-bala’ cruze a mesma floresta em silêncio. Alguém entendeu? Será que os movimentos ambientalistas e o ‘lobby’ do concreto não se tornaram aliados objetivos nesta louca alternativa?

As propriedades agrícolas estão saturadas de concreto. Será que as obras do ‘trem-bala’ para a Holanda e para a Alemanha são as novas ‘esterqueiras’ de nosso orgulho nacional?

Você também está curioso para saber a quem – após 2010 – será imposto o derramamento de concreto no quintal?

11 de maio de 2005.

- (1) Brukselbinnenstebuiten [‘Bruxelas do avesso’] (www.brukselbinnenstebuiten.be) fez, e continua fazendo, um excelente trabalho de desmascaramento. Leia, entre outros *‘Eurotaurus en andere verhalen uit de hedendaagse Brusselse legende’* [O ‘eurotauro’ e outras histórias da mitologia de Bruxelas’], Bruxelas, 1993.

Soja e os banqueiros

Na primeira publicação de Wervel, em setembro de 1990, falávamos do poder do capital financeiro. Tratava-se de uma análise da Política Agrícola Comum na Europa (1). O capital financeiro representa o entrelaçamento dos banqueiros com diversos ramos do agronegócio. Juntos eles moldam o modelo agrícola dominante. Em todo o mundo, eles mantêm agricultores e agricultoras sob controle. Ou, dito de maneira mais dura: o capital financeiro exaure, sistematicamente, o meio rural e sua população.

Capital financeiro internacional

Tendo a Política Agrícola Comum como instrumento, este processo pôde ser consolidado na União Européia. Dia após dia, entra ano, sai ano, os bancos obtêm lucros astronômicos. Seus templos nas cidades são as orgulhosas testemunhas disso (2). Que as Monsanto e Cargills do mundo estão bem de vida, nós já demonstramos repetidas vezes. Vamos agora falar dos ovos de ouro que os bancos possuem.

Bem, os bancos têm um ‘problema’: não há mais espaço para aplicar todo o dinheiro acumulado no seu próprio continente. Além disso, os juros em nossas terras são tão temperados quanto nosso clima.

Sem desespero: o capital financeiro é, por definição, ‘capital financeiro internacional’.

Tomemos como exemplo o Rabobank. As atividades empresariais internacionais do Rabobank rendem aproximadamente 30% do resultado total. O banco ‘cooperativo’, fundado por pequenos agricultores holandeses, reservou para os próximos anos US\$ 150 milhões para criar uma carteira de crédito de US\$ 2 bilhões no Brasil. Ele quer abrir 25 novas agências nesse país. ABN-Amro, da mesma Holanda, já atua há anos nas cidades brasileiras. O Rabobank¹⁹ não pode, é claro, faltar no meio rural!

Mas qual meio rural eles têm em vista? O membro da diretoria do Rabobank, Rik Van Slingelandt, diz: “Lá há estabelecimentos agrícolas que têm o mesmo tamanho da Holanda. Nossos clientes são grandes fazendas, quase indústrias, com valores de US\$ 50 milhões ou mais, com faturamentos que chegam, às vezes, a US\$ 40 milhões e 70 funcionários. São os grandes estabelecimentos que são o alvo do Rabobank, não só no Brasil, mas também na nos Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia. Um crédito de meio milhão não é interessante para nós.”

A concessão de crédito internacional a estabelecimentos agrícolas e à indústria de alimentos torna-se cada vez mais importante para Rabobank. No Brasil, o banco logo terá sua quarta rede bancária para o setor agrícola fora da Holanda. Mas ainda há mais: “Estamos analisando seriamente as oportunidades no leste europeu e na América Latina, entre outros no Chile. Na China, o governo solicitou nossa ajuda na reestruturação de um banco cooperativo. Pode ser muito bem o começo de algo mais.”

Por que especificamente o Brasil?

Potencialmente, o Brasil é uma das grandes potências agrícolas mundiais. A batalha entre dois modelos agrícolas é, portanto, muito acirrada.. O governo Lula acredita que é possível agradar a gregos e troianos. Por isso ele tem dois ministérios da agricultura e dois (*sic*) sistemas de financiamento para dois (*resic*) modelos agrícolas. É óbvio quem é o mais favorecido. Para o ano agrícola de 2004-2005 o governo fez uma previsão de R\$ 7 bilhões para a agricultura familiar e R\$ 39,4 bilhões para a agricultura patronal. Comparados com 2003-2004, os

¹⁹ Nota do tradutor: o Rabobank foi fundado por agricultores, no final do século XIX, como um banco de crédito rural

empréstimos e subsídios para a agricultura familiar aumentaram nominalmente, mas diminuíram percentualmente. O apoio aos diferentes sistemas agrícolas ocorre principalmente na forma de juros subsidiados. No Brasil, estes juros são uma história bem diferente para Rabobank & Cia. do que na Holanda. Os juros oficiais estão na faixa de 18% a 20% ao ano. Os bancos têm coragem de cobrar juros de 40% a 50%. Por muito menos já valeria à pena cruzar o oceano para financiar o megassojicultor Blairo Maggi; para que ele, em ritmo acelerado, derrube a floresta amazônica.

Fundação Rabobank e as migalhas do banquete mundial

À luz dessa política expansionista, não é extraordinariamente cínico que – simultaneamente – abram o porta-níqueis para oferecer ajuda aos pequenos?

A ‘Fundação Rabobank’ faz ‘boas ações’. No Programa de Desenvolvimento do Rabobank fala-se de US\$ 25 milhões para atividades de microcrédito em 15 ‘países em desenvolvimento emergentes’. O Brasil é um desses ‘países emergentes’. Os números falam por si: US\$ 25 milhões em 15 países e US\$ 150 milhões para concessão de crédito à agricultura patronal e exportadora no Brasil.

A expansão do Rabobank fora da Holanda significa que o banco envia cada vez mais funcionários pelo mundo. Para finalizar, Rik Van Slingelandt afirmou ainda: “No Brasil, nós estamos fazendo uso da reserva de recursos humanos que adquiriu experiência com a implantação do banco na América e Austrália. Na Holanda, iniciamos uma campanha para enviar pessoas para o mundo todo. Não se trata tanto de transferir conhecimento, mas sim de implantar nossas normas e valores. E se estes conflitarem com os costumes locais, então as nossas normas terão que prevalecer.”

Alô-ô? Voltamos ao ‘Século de Ouro’, quando os holandeses dominavam os sete mares e impunham suas normas e valores aos ‘selvagens’? Ou estas idéias vêm do Congo, do rei Leopoldo II, Rei dos Belgas, do fim do século XIX?

Ainda dá para lutar contra isso?

A Articulação Soja na Holanda confrontou – com seu DVD ‘Ouro Verde’ e sua campanha voltada para as empresas – o Rabobank com a triste realidade no paraíso tropical. Será que é sensato que Rabobank continue financiando o ‘Rei da Soja’, Blairo Maggi?

Netwerk-Vlaanderen [Rede-Flandres] já realiza há algum tempo uma campanha bem-sucedida, com o tema ‘bancos e a indústria de armamento’. Será que uma campanha ‘bancos e a agroindústria’ é uma das possibilidades? Poderíamos investigar como bancos como KBC, de Flandres, e Rabobank, da Holanda, partem para conquistar o mundo. Na rota dos piratas portugueses do século XVI, em busca de riquezas em terras distantes

18 de maio de 2005.

(1) *Het Gemeenschappelijk Landbouwbeleid van de Europese Gemeenschappen. Ontwerp van een globale visie inzake evaluatie en alternatieven* [A Política Agrícola Comum da Comunidade Européia. Proposta para uma visão global referente a avaliação e alternativas], Wervel, maio de 1990.

(2) Ver: ‘*Het Varkens-Tribunaal*’ [‘O Tribunal dos Porcos’], Wervel, setembro de 1990.

Comer soja – vivenciar soja

No período de 23 até 30 de maio de 2005, nós e um grupo de trabalho recebemos como convidado o beneditino brasileiro e teólogo da libertação Marcelo Barros. Vários encontros em Flandres, Valônia e Bruxelas fizeram reviver em muitos a teologia da libertação, que alguns julgam morta. Os pontos altos da turnê foram o lançamento de seu 26º livro, *‘De spiritualiteit van water’* (Editora Averbode, 2005 [em português: ‘O espírito vem pelas águas’ – editora Rede-Loyola, 2003]), e o encontro espiritual no fim de semana com Bernard Besret, da França. Durante este fim de semana, ficamos sabendo que o mosteiro transreligioso, em Goiás, é uma iniciativa baseada no que Bernard Besret tentou implantar, nas décadas de 60 e 70, em Boquen (antiga abadia na Bretanha) (1).

Notícias negativas sobre o Brasil

O mosteiro em Goiás não é uma ilha religiosa. Os focos principais são ecologia e paz. A comunidade tem um forte vínculo com os pobres e com os sem-terra da região. Em suas cerimônias, é a coisa mais normal do mundo ceder espaço para o candomblé, espiritualidade indígena, hinduísmo, budismo e outras tradições religiosas.

Pouco antes da chegada de Marcelo, foram veiculadas – por duas vezes – notícias negativas sobre o Brasil: os manifestantes sem-terra em sua marcha rumo à capital foram violentamente dispersos ao chegarem em Brasília (o próprio Barros levou uma pancada no ombro) e todos os veículos de comunicação noticiaram que, em 2004, o desmatamento na região amazônica aumentou para 26.130 km² (2).

Trabalho político e mudanças no próprio estilo de vida caminham juntos

A luta pela redução do uso de soja na ração animal e aumento na utilização de soja sustentável no consumo humano tem tudo a ver com os sem-terra e a rápida destruição dos ecossistemas no Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia. A luta por terra, água, ar e fogo está relacionada com a espiritualidade. Espiritualidade terrena. Espiritualidade da libertação, que permeia as religiões e instituições existentes.

Agora é a hora de vincular esta mobilização política a mudanças no próprio estilo de vida. Por exemplo, no padrão de consumo de alimentos. Para tanto, convidamos Tine Becuwe para preparar as refeições durante o fim de semana com Besret e Barros. Sua maior fonte de inspiração é a macrobiótica. Não pretendemos converter todos a uma determinada culinária, mas um fim de semana de imersão nesta culinária fina pode fazer com que as pessoas reflitam, além de estimulá-las a fazer mudanças. Entre a grande diversidade de grãos, verduras, legumes e frutas, a soja também é um dos ingredientes. Soja: desta vez não para alimentar frangos, perus, porcos, peixes ou gado, mas pessoas e – sobretudo – diretamente numa grande variedade de pratos. É diferente da degustação de diversos produtos de soja preparados por uma senhora brasileira, Marlene Zorzan, durante a ‘mesa redonda sobre Soja’, em Foz do Iguaçu, e nosso seminário internacional, em Chapecó. O uso da soja na culinária é muito diverso. O ouro verde não precisa, necessariamente, ir parar no cocho dos animais.

‘Het Geleeg’ – 30 anos de atividade

Durante o fim de semana, Katrien Smeets, mãe de Tine, suspira: “Será que não devíamos buscar um caminho para vincular ‘mudança de hábitos alimentares’ à luta pela preservação da biodiversidade em nosso planeta?” Macrobióticos e manifestantes pela preservação da floresta amazônica de mãos dadas: um sonho impossível ou uma possibilidade real? Eu prometi a ela escrever esta crônica. Para alimentar os sonhos – e também porque eu acredito neles.

José Ghekiere e Alice Dams, de *'Het Geleeg'* (3), um centro em Lubbeek que há 30 anos luta por uma alimentação justa, freqüentemente me confidenciam o mesmo: “Wervel luta por uma agricultura justa e responsável? Tudo bem, mas como seus próprios membros lidam com sua alimentação? Por exemplo, eles mastigam os alimentos suficientemente? Talvez seja só um detalhe, mas se as pessoas comessem mais lentamente e mastigassem os alimentos por mais tempo, a quantidade de alimentos necessários seria muito menor. Nossa visão sobre alimentação ‘justa’ não se restringe ao ‘ato’ de ‘alimentar-se’, a ‘prática’ da alimentação é decorrente de uma visão global relacionada com justiça como condição imprescindível para a paz.” *'Het Geleeg'* não inclui soja no seu cardápio, mas sim frutas, verduras, nozes e sementes. É bom que existam diferentes escolas que ofereçam alternativas para lidar de maneira diferente e melhor com alimentos.

A entrevista que Tobis Lenaert, de Eva, fez comigo foi muito animadora. Desde então ele também está extremamente preocupado com o drama da soja e expôs a dimensão social e ecológica da soja num congresso internacional sobre vegetarianismo em Florianópolis (4).

Sem dúvida os macrobióticos (5) estão abertos àquilo que está em jogo no mundo.

Eles decidem diariamente sobre vida e morte em seus pratos.

Aliás, nós também.

29 de maio de 2005.

(1) www.bernard-besret.com

(2) No Brasil, as estatísticas tratam do ‘ano agrícola 2003-2004’. Dependendo da região, o plantio é realizado nos meses de setembro a dezembro, e a colheita nos meses de março a maio. Os dados sobre desmatamento são coletados no mesmo período. Em 2003-2004: 26.130 km²; em 2002-2003: 24.597 km². O pior ano para a floresta amazônica foi: 1994-1995, com 29 mil km² de desmatamento. No ‘ano de desmatamento’ 2003-2004, mais de 70% dos cortes de árvores ocorreu no período de maio a julho de 2004. Quase metade do desmatamento foi realizado no Mato Grosso, ‘reino’ do imperador da soja Blairo Maggi: 12.576 km² para sermos exatos. Somente 4.176 km² destes foram autorizados pelo governo federal.

(3) *'Het Geleeg'*, Broekstraat 7, B-3210 Lubbeek, [Bélgica]; aljo.geleeg@tiscali.be. Neste centro podem ser encontrados livretos interessantes sobre ‘Alimentação Justa’; entre outros *'Suggesties voor een rechtvaardige en gezonde voeding'* [‘Sugestões para uma alimentação justa e saudável’], 1987 (1^a edição). [Em francês: *'Suggestion pour une alimentation plus juste et saine'*, 1994]; *'Stapstenen. Van grond-rovend, energie-verslindend, lucht- en water-vervuilend, ziekmakend naar 'alles-herstellend, zuiver voedsel'* [Para quem quer ir passo a passo: De uma alimentação consumidora de terra e energia, poluidora do ar e do solo, que nos fazem adoecer, para uma alimentação restauradora e pura’] 1995.

(4) *'Soja: heilig boontje?'* [‘Soja: santa do pau oco?’], em: Eva, segundo semestre de 2004, p. 40-43; www.vegetarisme.be.

(5) www.denatuurlijkekookschool.be

www.newmacrobiotics.com (em holandês)

www.nvvm.org (‘Nederlandse Vereniging voor de Macrobiotiek’ – [Associação Neerlandesa para Macrobiótica])

Soja e ‘Cha-Cha’

Lembranças de infância!

Sou hóspede de Sonja e Herwig, em Bruxelas. A enésima onda de calor está diminuindo. Sonja preparou uma deliciosa refeição: salada de arroz com frango, mangas e bananas. Nesse aconchegante jardim em Bruxelas sinto-me transportado para o clima brasileiro. Dois frangos no galinheiro percebem nosso entusiasmo. Eles não entendem exatamente o que está acontecendo.

A história da globalização numa balinha

Ao final da refeição, Sonja pergunta se queremos chá ou café. Herwig vai buscar ‘Cha-Cha’. ‘Cha-Cha’: lembranças comuns de nossa infância. Foi uma das primeiras balas de chocolate nas décadas de 60 e 70. Depois veio toda a seqüência de ‘Mars’, ‘Bounty’, ‘Leo’ e tantos outros doces. No Brasil, temos o ‘Choquito’, ‘Sonho de Valsa’ e ‘Prestígio’. Atualmente podem ser encontrados, em abundância, nas máquinas de venda automática nas estações. Mas vamos falar um pouco da ‘Cha-Cha’. No verso da embalagem é reproduzido – em poucas palavras – o que ocorreu em termos de globalização nos últimos 30 anos.

Quando nós, enquanto jovens escoteiros, degustamos ‘Cha-Cha’ pela primeira vez, era um produto de Herentals. E o que vemos agora, em letras minúsculas, no verso?

“LU is a company of the DANONE GROUP, Made in Belgium, LU, De Beukelaer, Pareinlaan 1, Herentals. [LU é uma empresa do GRUPO DANONE, Feito na Bélgica, LU, De Beukelaer, Pareinlaan 1, Herentals]”

Toda a história está resumida aqui, mas poucos ainda se lembram: originariamente ‘Cha-Cha’ era da empresa familiar ‘Parein’; ‘Parein’ foi adquirida por uma empresa familiar maior ‘De Beukelaer’; ‘De Beukelaer’, por sua vez, foi incorporada à ‘LU’ francesa; e atualmente, ‘LU’ é uma empresa da multinacional francesa ‘Danone’.

Danone também opera no Brasil. Isto não é mencionado na embalagem, e sim: “contém trigo, leite e soja.”

Sonja come um pedacinho de ‘Côte d’Or’, chocolate belga de KRAFT, melhorado por Kraft-Itália. Verdadeiro chocolate belga feito com 100% manteiga de cacau e a inevitável lecitina de soja.

Há muito para aprender à mesa, mas será que o consumidor médio ainda consegue acompanhar a história dos grandes incorporadores? Aliás, a história ainda não terminou: recentemente Pepsi-Cola tentou adquirir Danone!

‘Cha-Cha’? Não: Chu Chu!

No Brasil existe o chuchu, uma cucurbitácea que se espalha na copa das árvores a vários metros do solo. Pode representar uma renda adicional simples na Agricultura Familiar.

Até segunda ordem, o chuchu ainda está na mão dos agricultores. Familiares!

Ainda bem que Danone não trabalha com sementes. É o negócio central do setor de sementes e produtos químicos. Portanto, agricultor, cuide de seus gansos e de suas sementes.

Não dá para fazer monocultura de chuchu. Se bem que, nunca se pode ter certeza.

Esperemos que o Grande Capital, que Monsanto não prenda o chuchu em suas garras.

25 de setembro de 2005.

Além da soja

Encerrou-se, ontem, nosso projeto ‘OMC e fluxos de alimentos. Agricultores flamengos e brasileiros querem participar das decisões’. Hoje este mesmo governo flamengo inicia um novo projeto: ‘Além da soja’.

E justamente hoje foi publicado, no periódico ‘*Landbouwleven*’ [‘Vida Rural’], um depoimento do pecuarista leiteiro Ronny Aerts, de ‘*De Ploeg*’, intitulado: “*Landbouw in de nabijheid van het regenwoud*” [Agricultura na vizinhança da floresta tropical].

Ria, Ronny e Dirk: embaixadores por uma pecuária leiteira sem soja

Eu falo e escrevo muito sobre soja e assuntos correlatos, mas Ria, Ronny e Dirk é que fazem o trabalho pesado: enquanto agricultores, divulgam a história da soja na própria comunidade rural. Dirk Rummens quebra o silêncio em torno da soja numa das próximas edições de ‘*Boer & Tuinder*’ [Agricultor & Horticultor’]. Com seu marido Dirk Mouton, Ria De Wulf administra a propriedade de pecuária leiteira orgânica ‘*De Zwaluw*’. Ria testemunha que é possível atuar de outra forma e conta com entusiasmo sobre a alma da agricultura familiar brasileira. Com os olhos de agricultor e agricultora, Dirk, Ria e Ronny viajaram para o Brasil para ver, ouvir, sentir, cheirar e aprender. Como a maioria dos agricultores e agricultores, eles são mais pessoas de ação do que de conversa. São pessoas de ação ‘que valem ouro’, que – sem alarde – se converteram do ‘Ouro Verde’ brasileiro que lhes foi imposto para uma propriedade-que-caminha-com-seus-próprios-pés. Sem (ou com pouca) ração concentrada! Se isto lhes renderá ouro, eles ainda precisam descobrir. Enquanto isso, recebem a admiração e o apoio de numerosos consumidores que se preocupam com a Terra, com a agricultura e com alimentos com alma.

Mudanças no pensamento, coração e ações

Esta também é a última das minhas crônicas sobre soja, que funcionaram como um elo entre o drama da soja nos seus mais variados aspectos e o futuro: além da soja! Não é que sejamos contra a soja, mas nós queremos – com a máxima urgência – uma nova abordagem. E isto já deve ter ficado claro a partir destas crônicas e do manifesto conjunto de Fetraf e Wervel. O projeto ‘Além da soja’ reunirá, nos próximos três anos, Fetraf-Sul/CUT, PIME (*Provinciaal Instituut voor Milieu Educatie* [Instituto da Província para Educação Ambiental]), da Província Antuérpia, Wervel e ‘*Ferm Local*’ (agricultores flamengos e valônios que, em suas propriedades, desenvolvem alternativas para a importação massiva de proteínas d’além-mar). Queremos trabalhar juntos para sensibilizar o público europeu e brasileiro em relação a soja e modelos agrícolas. Nós nos dirigimos tanto aos jovens (via PIME) quanto aos agricultores no Brasil (Fetraf), na Bélgica (Ferm Local) e em Flandres (Wervel). Graças ao nosso vínculo europeu com as organizações francesas, também queremos nos dirigir às faculdades de agronomia e escolas técnicas agrícolas. Assim esperamos provocar mudanças no pensamento, coração e ações de jovens futuros agricultores. Será que esta conversão irá se realizar, na lavoura e na granja?

Talvez essas crônicas sejam uma pequena contribuição. Para que os navios noturnos não continuem nos ludibriando.

1º de julho de 2005.

Projeto de Intercâmbio ‘OMC e fluxos de alimentos Brasil-Europa’

Agricultores flamengos e brasileiros querem participar das decisões.

Introdução

De fevereiro 2004 até junho 2005 ocorreu o projeto de intercâmbio apoiado pelo governo flamengo entre agricultores flamengos e brasileiros: entre Wervel* e Fetraf**.

Objetivos do projeto:

- Adquirir uma visão dos processos comerciais internacionais em torno de alimentos; também uma visão sobre as conseqüências no plano ecológico e social para os agricultores, tanto no Norte quanto no Sul;
- Promover a solidariedade internacional entre os agricultores;
- Trabalhar a produção de culturas ricas em proteínas e o processamento local das mesmas;
- Desenvolver estratégias para influenciar as políticas em torno destes temas.

I. Por uma nova política agrícola em ambos os lados do Atlântico

I.A. Por uma política agrícola comum (PAC) legítima, sustentável e solidária da União Européia

O fracasso das negociações da OMC em Cancún (México), em setembro de 2003, evidenciou o impasse a que chegou a União Européia apesar de sua tentativa de reforma de sua política agrícola, em junho de 2003.

A UE transformou os subsídios à exportação e similares em apoio direto à renda, para a exportação. As atuais regras da OMC permitem isso. Assim os produtos agrícolas básicos da UE e dos EUA continuam sendo exportados por um preço muito baixo, frequentemente inferior ao custo de produção.

Subsídios. Sim, mas...

O apoio governamental à agricultura pode, perfeitamente, ser legítimo (entre outros, para tornar possível o indispensável controle da oferta), principalmente para tornar possível a agricultura familiar sustentável em todas as regiões. Isto mediante a condição de que este apoio não se destine para exportação a preços baixos.

Não se pode construir uma economia sólida com produtos que são vendidos no mercado global por um preço inferior ao custo e, tampouco, com produtos que são comprados do produtor por um preço abaixo do custo. As atuais regras de comércio internacional na OMC e da PAC da UE, na verdade, favorecem a agroindústria e os atacadistas.

1962: desequilíbrio dos ciclos.

O exemplo mais emblemático que já repercute desde 1962 (a rodada Dillon do GATT [Acordo Geral de Tarifas e Comércio], atualmente OMC), é o das matérias-primas para ração animal, que podem ser importadas de maneira ilimitada sem taxas alfandegárias. A importação massiva de matérias-primas para ração animal é a primeira causa da exportação européia de produtos de origem animal (e de grãos). A UE não tem nenhuma ‘vocação exportadora’ para estes produtos.

No Brasil, a exportação de soja representa perda de nutrientes; em Flandres, o problema é o excesso de produção de esterco.

I.B. Soberania alimentar, apoiada na agricultura familiar, a serviço do povo brasileiro

O Brasil é caracterizado por uma extrema desigualdade na distribuição de terras, o que é a base de uma série de problemas nas metrópoles e na zona rural. A concentração histórica da

terra aumentou ainda mais nos últimos 30 anos devido à (assim chamada) ‘modernização’ e à ‘agricultura capitalista baseada em soja/milho’.

O grande legado dessa Revolução Verde no Brasil é a monocultura da soja. O rolo compressor da soja começou no estado mais ao sul do Brasil – Rio Grande do Sul – e deslocou-se numa velocidade espantosa em direção à Floresta Amazônica.

Deserto de soja

Na década de 90, em média, 18 mil km² de floresta amazônica (principalmente nos estados de Rondônia, Mato Grosso e Pará) foram desmatados anualmente – em parte para extração de madeira, criação de gado e plantio de soja, e em parte para extração de bauxita (produção de alumínio) ou outras matérias-primas.

No Brasil, a Agricultura Familiar também participa na herança da Revolução Verde. Porém, a monocultura de soja nos latifúndios é uma história totalmente diferente do cultivo de soja no plano de rotação de culturas da maior parte dos agricultores da Agricultura Familiar. Portanto, é interessante ver como a Fetraf trabalha, de maneira criativa, nestas circunstâncias. Foi iniciada uma discussão acerca de critérios para soja sustentável, buscam-se caminhos para que os próprios agricultores industrializem a produção visando produtos para consumo humano e animal.

Os dois lados da agricultura

O Brasil é o país onde está sendo travada a batalha mais dura da guerra mundial entre dois modelos de agricultura.

O atual governo reflete perfeitamente esta guerra. O presidente Lula tem, na verdade, dois ministros da agricultura:

- o ministro da Agricultura, Roberto Rodriguez, ministro da agricultura de exportação;
- o ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rosetto, ministro da agricultura familiar e de reforma agrária.

Pode parecer bonito, mas no cotidiano político reina uma enorme desigualdade de poder.

Soberania alimentar

Desde a Cimeira da FAO em Roma, em 1996, o movimento rural internacional Via Campesina lançou o conceito da ‘soberania alimentar’: ‘Cada nação tem o direito de organizar a sua própria agricultura e abastecimento alimentar e de geri-los’.

A Agricultura Familiar pode, perfeitamente, cuidar da soberania alimentar do povo brasileiro, desde que seja dada aos agricultores a oportunidade político-econômica. A ‘verdadeira soja’ da Agricultura Familiar pode ser integrada ao programa mais importante do presidente Lula, o programa conhecido por ‘Fome Zero’. Tal redirecionamento do programa pode ajudar a eliminar a vergonha de que, atualmente no nível mundial, 65% dos produtos derivados de soja se destinem à alimentação animal.

Consenso de Washington

Neste acordo se exige dos países a abertura comercial e o incentivo às exportações. O Brasil, um país que tem uma dívida externa muito grande, é então obrigado a exportar para conseguir os dólares que necessita para cumprir o pagamento da dívida. Como os principais produtos que o Brasil pode ofertar ao mercado externo são os oriundos da agricultura ou extrativos, há um consenso em relação à política econômica do governo em relação ao incentivo às exportações agrícolas, dentre eles destacando o complexo - soja, que é o principal produto da pauta de exportação do Brasil.

Outro aspecto importante neste processo é o das privatizações que o governo brasileiro vem realizando desde o início da década de 1990

Mercosul: integração de mercadorias, não de pessoas

Os agricultores familiares do Brasil, desde 1991, vêm sofrendo os efeitos da abertura indiscriminada a outros mercados. Por um lado, o Brasil reduziu suas tarifas de importação até então vigentes, sendo zeradas as de alguns produtos, como leite, trigo e algodão. Por outro lado, há aumento do valor da moeda nacional, o que barateava as importações de alimentos. Verifica-se que há uma integração das economias desses países com uma dinâmica de importações de produtos primários por parte do Brasil, especialmente da Argentina e do Uruguai, e de exportação de produtos industriais ou agroindustriais (frango, suíno) para outros destinos. Isso parece demonstrar que a agricultura foi sacrificada para que outros setores da economia pudessem obter vantagens com a integração.

Atualmente o processo de integração econômica no Mercosul continua com seu projeto de aderir a uma futura zona de livre comércio com a União Européia. Isso ocorre principalmente para atender aos interesses da burguesia agrária, especialmente a produtora de grãos (soja e milho, principalmente), de carnes (bovina, de ave e de suínos), de suco de laranja, de açúcar e de combustível (etanol, derivado da cana-de-açúcar), no Brasil – além das carnes, de leite e de grãos, no caso da Argentina – países que juntos querem conquistar o mercado europeu.

II. Propostas para construção de um novo modelo agrícola sustentável e solidário

II.A. União Européia

Nós propomos cinco pilares essenciais para uma nova política agrícola na UE:

1. Uma primeira idéia básica é que os alimentos devem ser produzidos o mais próximo possível dos consumidores.

- Promover mercados regionais e processamento local dos produtos.
- Normas técnicas e sanitárias específicas devem possibilitar a continuidade da produção artesanal e do processamento nas propriedades familiares.
- Em função das necessidades, é óbvio que a comercialização de alimentos entre países e regiões é necessária. Mas isto deve ser limitado àquilo que é estritamente necessário... A produção de alimentos é tão complexa, tão estreitamente ligada aos processos naturais que não pode estar sujeita à lógica do mercado.

2. Uma segunda idéia básica é um preço justo para os produtos cultivados pelos agricultores familiares.

Para tornar isto possível na prática, devem ser fixados preços mínimos, preferencialmente, pelo governo.

Se o nível de preços no mercado global levar a isso, pode ser necessário um apoio direto à produção, vinculado a limites de produção – por exemplo – para laticínios, beterrabas açucareiras, etc (ver 3). Os limites de produção devem ser fixados de tal maneira que evitem exportações para o mercado globalizado (ver 5).

O apoio direto à produção pode ser variável de acordo com a região da EU.

3. Um preço mínimo garantido inclui, porém, o risco de que os agricultores produzam cada vez mais. Basta lembrar dos excedentes nas décadas de 70 e 80. Isto nos leva à terceira idéia básica: controle da produção. Controle da produção significa, por um lado, que não haverá excedentes estruturais. Por outro lado, controle da produção significa que a escassez será a menor possível.

Para isto é importante, obviamente, evitar que nossos mercados sejam inundados com produtos estrangeiros. Para isso, o governo deve poder (re)introduzir taxas sobre a

importação. Afinal, partimos da premissa de que importar alimentos é um direito, não uma obrigação.

4. Revitalização da área rural.

Para barrar a concentração de terra nas mãos de empresas agrícolas cada vez maiores, os países-membros da UE devem adotar medidas para arrendar terras prioritariamente para pequenas empresas e agricultores familiares que se candidatarem às mesmas. Também devem ser estimuladas diferentes formas de cooperação.

5. Comércio internacional sem dumping

As diferentes regiões do planeta têm produtos regionais para comercializar. Temos necessidade, portanto, de regras justas para este intercâmbio. Comércio internacional estimulado por subsídios é rejeitado. Deve-se evitar o comércio pelo comércio. Auxílio humanitário em situações emergenciais deve ser incondicional. Prioritariamente, o apoio deve ser para recuperação da capacidade de produção dos agricultores do país atingido; a doação de alimentos deve ser complementar.

II.B Brasil – Mercosul

Propomos que as negociações internacionais promovam:

1. Garantia do desenvolvimento local com o fortalecimento da Agricultura Familiar.

- Agricultores como protagonistas do desenvolvimento, garantindo a: inclusão social, técnica e política.
- Incentivar as experiências de produção, processamento e comercialização de produtos preferencialmente de forma associativas, priorizando o abastecimento dos mercados locais.
- Incentivo à valorização de produtos de marcas regionais e da agricultura familiar.

2. Garantia de renda da Agricultura Familiar.

- Estabelecer instrumentos de garantia de renda para a agricultura familiar.
- Compras institucionais devem ser realizadas diretamente das organizações de agricultores familiares.
- Evitar as práticas de ‘dumping’;
- Nas negociações internacionais, vincular a classificação ‘special products’ aos produtos agrícolas.

3. Equilíbrio Ambiental e Social

- Estimular a diversificação da produção, evitando-se a monocultura a exemplo da soja.
- Incentivo à preservação das matas ciliares.
- Incentivo à produção orgânica/agroecológica e não a produção transgênica.
- Financiamento agrícola incentivando a preservação da biodiversidade.

4. Construção da soberania alimentar

- Incentivo ao consumo de subprodutos vegetais locais (exemplo: soja) a partir dos programas sociais de alimentos.
- Incentivo à produção de alimentos nos mercados locais, protegendo-se setores de produtos estratégicos no abastecimento interno.
- Na medida em que diminui a demanda europeia de soja, a agricultura Brasileira deve se diversificar e substituir a produção de soja para exportação por outros produtos e, ao mesmo tempo, estimular o consumo interno de soja.

5. *Negociações Internacionais*

- Articulação entre os países do Mercosul para defender interesses, antes de ir para fóruns de negociação comerciais.
- Facilitação do diálogo entre a estrutura de negociação do Mercosul e as organizações da agricultura familiar.
- Buscar a articulação entre as organizações representativas da “agricultura familiar” nos países-membros.

II.C. *Considerações gerais*

Ao lado das propostas específicas de políticas para a União Européia e para o Brasil – Mercosul, achamos que também deve ser criado um espaço para questões mais fundamentais envolvendo nossos hábitos de consumo.

- Nós reivindicamos a restauração dos ciclos regionais. Produção própria de proteínas de origem vegetal faz parte do eixo das soluções.
- Nós reivindicamos também a realização de campanhas de conscientização sobre consumo de carne e uma alimentação mais equilibrada.
- Em algumas regiões do planeta, geralmente as mais ricas, uma pessoa consome – em média – mais do que o dobro de proteínas necessárias para uma boa saúde. Ao consumirmos carne, precisamos estar conscientes da capacidade produtiva do ambiente. Por outro lado, não podemos esquecer que a criação de animais é um elo imprescindível em diversos sistemas de ciclos produtivos.
- Consumo (excessivo) de carne não é só uma questão de saúde e de ocupação de terras, mas também de disponibilidade de água e de aquecimento do planeta.

II.D. *Adequação das regras da OMC*

Nós propomos quatro medidas:

1. Revogação da regra em vigor desde Marrakesh, de que cada país signatário deve conceder livre acesso à importação de 5% de seu consumo interno.

Vincular a classificação ‘*special products*’ – que surgiu durante a discussão do acordo-quadro da OMC no final de julho de 2004 – com a dispensa da regra dos 5% poderia ser uma solução parcial, em especial para os países mais pobres. Afinal, neste caso, os países mais pobres – que não podem proteger sua produção agrícola com subsídios – pelo menos poderiam protegê-los de importações desestabilizadoras do mercado.

2. Adequação das tarifas de exportação e importação, visando estimular o desenvolvimento dos processos de agroindustrialização local gerando emprego e renda.

Em geral, as taxas sobre alimentos e produtos alimentícios variam entre altas a muito altas, freqüentemente muito mais altas do que sobre produtos industrializados. Além disso, constata-se que sobre produtos semi-acabados e produtos finais derivados de culturas alimentícias, em geral, incidem impostos maiores na exportação do que sobre as próprias matérias-primas agrícolas.

Com base nisso, os países em desenvolvimento são inibidos no processamento de suas próprias matérias-primas, ou seja, de agregar-lhes valor.

Por outro lado, a UE deve renegociar a tarifa zero sobre matérias-primas para ração animal. A decisão sobre aumento ou redução das tarifas deve ser tomada para cada produto.

3. Revogação de todas as medidas, que limitam os países em desenvolvimento processar eles mesmos, as suas matérias-primas, dando-lhes a possibilidade de absorção da mão de obra rural – que se tornou ‘dispensável’ em consequência de, entre outros, mecanização e aumento

da escala na atividade agrícola. As agroindústrias familiares podem gerar renda, emprego e distribuição de riqueza no campo.

4. Não firmar acordos bilaterais que prejudicam a agricultura familiar.

Por fim:

Uma tradução deste texto em neerlandês e inglês está sendo divulgada por Wervel e Fetraf. Uma versão mais detalhada deste texto (cerca de 16 páginas) está sendo divulgada por Fetraf e Wervel (em neerlandês, inglês e português). Em ambos os lados do oceano.

websites :

* Wervel www.wervel.be

** Fetraf-Sul/CUT: Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar dos Três Estados do Sul. (www.fetrafsul.org.br).